

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação**

GABRIELA GINI DA SILVA

**O JORNALISMO VISUAL EM JORNAIS
E A IMAGEM DA CRIANÇA**

Bauru
2010

GABRIELA GINI DA SILVA

**O JORNALISMO VISUAL EM JORNAIS
E A IMAGEM DA CRIANÇA**

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, atendendo à resolução número 02/84 do Conselho Federal de Educação.
Orientador Prof. Dr. Luciano Guimarães

Bauru
2010

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação**

GABRIELA GINI DA SILVA

**O JORNALISMO VISUAL EM JORNAIS
E A IMAGEM DA CRIANÇA**

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, atendendo à resolução número 02/84 do Conselho Federal de Educação.
Orientador Prof. Dr. Luciano Guimarães

Aprovado em ____, _____ de 2010.

Prof. Dr. Pedro Celso Campos – FAAC/Unesp Bauru

Mayra Fernanda Ferreira

Prof. Dr. Luciano Guimarães – FAAC/Unesp Bauru

Dedico este trabalho aos meus pais e meus irmãos pelo carinho e amor de toda vida e aos meus avós por todo apoio nesta e em muitas outras caminhadas.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Luciano Guimarães pela orientação e ajuda no desenvolvimento do trabalho.

À FAPESP- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- pelo financiamento da pesquisa.

Aos professores do curso de jornalismo pelos ensinamentos passados.

Aos meus amigos e colegas de sala pela presença constante nos momentos marcantes dessa jornada.

Aos meus pais por todo amor e pela constante confiança em meu potencial.

Aos meus irmãos pelo eterno companheirismo.

Finalmente, aos meus avós pelos mimos e carinhos.

***"No dia em que toda criança for respeitada
plenamente no seu desejo, no seu direito e em tudo
que faz o mundo começará lentamente um longo
processo de justiça, amor e paz."***

(Severo Loppes)

RESUMO

Considerando que a notícia impressa, televisual ou on-line não se restringe à elaboração do texto com aporte visual; de que, ao contrário, muitas vezes o projeto gráfico, o fotográfico e o videográfico, além da composição e estrutura de seus elementos, têm participação determinante na construção da notícia, este projeto parte da necessidade de um estudo crítico sobre a forma como a criança vem sendo representada (em imagens, sejam ilustrações ou fotografias) pelo jornalismo dirigido ao público adulto e geral.

Diferentemente dos estudos no campo da Psicologia Social, do Direito ou da Comunicação com ênfase no agendamento social que dão destaque para temas de grande apelo social como violência, educação ou direito da criança e do adolescente, este estudo delimita seu objeto, abordagem e fundamentação na investigação da imagem e nas teorias da imagem e da mídia, abarcando, com isso, a variedade de temas que envolvem o universo infantil (desde os aspectos lúdicos e imaginativos até aqueles de maior dramaticidade e de grande apelo midiático).

O objetivo deste projeto é demonstrar qual é a imagem (ou imagens) que a mídia brasileira contemporânea (jornais impressos e on-line) tem da criança (ou das crianças) e qual o comportamento dessa mídia no agendamento, pauta e produção de tais imagens que representam as crianças em diversas situações. Para isso, serão analisadas as imagens de crianças apresentadas nos jornais *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S.Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*. Esses formam o corpus principal e dão enlevo para as imagens com produção em processo “mais imediato” – onde nota-se um tipo de jornalismo mais factual.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo visual; design de notícia; criança; jornais diários; imagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A INFÂNCIA NOS PRODUTOS JORNALÍSTICOS	12
2.1 O acesso das crianças à mídia e o uso da mídia	12
2.2 A imagem da criança na mídia	14
2.3 O potencial de consumo das crianças	20
2.4 Uma tentativa de mudança	21
2.5 A opinião das crianças em relação à mídia	22
2.6 Pontos de conduta	24
2.7 Educação para a mídia	25
2.8 Participação da criança na mídia	27
2.9 O público jovem e a mídia digital	29
3 JORNALISMO VISUAL E A IMAGEM	31
3.1 O homem e o fotojornalismo	32
3.2 As diferentes imagens	36
3.3 Escolhas e intenções	37
3.4 Os elementos fundamentais da composição visual	39
3.4.1 Ponto	41
3.4.2 Linha	41
3.4.3 Plano e espaço	41
3.4.4 Forma	41
3.4.5 Textura	42
3.4.6 Iluminação	42
3.4.7 Contraste	42
3.4.8 Tonalidade/cor/preto e branco	43
3.4.9 Perspectiva	44
3.4.10 Equilíbrio e tensão	44
3.4.11 Proporção	45
3.4.12 Distribuição dos pesos visuais	46
3.4.13 Trajeto visual	46

3.4.14 Oposições de efeito	47
3.4.15 Campo fotográfico	48
3.4.16 Espaço fotográfico	48
3.4.17 Atitude do personagem	49
3.4.18 Qualificadores	49
3.4.19 Enunciação	49
3.5 Relação inter-textual	51
3.6 Funções da imagem fotojornalística	54
3.7 A linguagem do jornalismo on-line e impresso	56
3.7.1 Princípios de design para a Word Wide Web	58
4 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO	60
5 A IMAGEM DA CRIANÇA NOS JORNAIS DIÁRIOS BRASILEIROS	71
5.1 A criança para sensibilizar	73
5.2 Trabalho infantil	80
5.3 A infância e a pobreza	82
5.4 A violência que atinge as crianças	88
5.5 Crianças e a educação	92
5.6 As crianças e as drogas	94
5.7 Políticos com crianças	99
5.8 Tragédia no Haiti	101
5.9 Caso bárbaro que chocou o país	105
5.10 Crianças estrangeiras	108
5.11 A criança e o esporte	111
5.12 O lado lúdico da infância	116
5.13 Crianças como adultos	124
5.14 A idealização da criança	127
5.15 A representação das minorias	129
5.16 A mistura brasileira	133
5.17 Crianças e tecnologia	134
5.18 Crianças filhas de famosos	137
5.19 Imagens de crianças na internet	140

6 OS JORNAIS E SUAS PARTICULARIDADES	143
7 CONCLUSÃO	145
8 REFERÊNCIAS	148

1 INTRODUÇÃO

As crianças não fazem parte de um pequeno grupo econômico ‘à parte’. Se entendermos todas as crianças menores de 18 anos elas representam cerca de 36% da população mundial (aproximadamente 6 bilhões) e são parte integrante da sociedade, mas, na maioria das vezes, acabam sendo sub-representadas pelos adultos, pois esses acreditam que as mesmas não possuem capacidade de entender e expressar suas opiniões. Essa sub-representação acaba por deixá-las sem uma referência correta dos integrantes do grupo ao qual pertencem na sociedade.

A forma como uma nação conceitua a infância, como percebe sua juventude em termos de seus padrões de comportamento, como trata suas crianças em termos de leis para protegê-las e de políticas para beneficiá-las, tudo depende da maneira como as crianças são vistas pelos cidadãos da nação. Certamente todos esses fatores são influenciados pelas informações que as pessoas têm sobre as crianças e uma das fontes básicas de tais informações é a mídia de notícias. Sendo assim, é possível perceber que o papel de formar opiniões exercido pelos meios de comunicação irá influenciar no modo como a sociedade verá as crianças e o universo infantil. Logo, faz-se necessário analisar como a mídia, principalmente os noticiários, vem exercendo esse papel e as questões que estão sendo levantadas sobre esse público.

São vários os estudos que tratam do jornalismo dirigido ao público infantil, outros vários que abordam a criança na mídia, principalmente com enfoque na violência e/ou temas relacionados ao Estatuto de Direitos da Criança e do Adolescente, e ainda outros que abordam o papel educativo da mídia. Este trabalho, no entanto, difere-se dessas três principais vertentes do tema, pois parte da necessidade de um estudo crítico sobre a forma como a criança vem sendo representada (em imagens, sejam ilustrações ou fotografias) pelo jornalismo dirigido ao público adulto, especificamente quando se trata de uma mídia prioritariamente noticiosa (em oposição à mídia de entretenimento). Dentro do universo de cobertura do jornalismo diário, todos os temas (educação, violência, diversão, imaginação, jogos, saúde etc.) são objeto deste estudo conforme a prioridade da própria mídia estudada, no entanto, ressalta-se que a pesquisa delimita seu objeto, abordagem e fundamentação no estudo e teorias da imagem e da mídia.

Acredita-se que o presente estudo possa demonstrar qual é a imagem (ou imagens) que a mídia brasileira contemporânea (jornais impressos/on-line) tem da criança (ou das crianças) e qual o comportamento dessa mídia no agendamento, pauta e produção de tais imagens

que representam as crianças em diversas situações. Trata-se, portanto, de um estudo sobre a mediação por imagens e dos padrões comportamentais da mídia que podem revelar mais do que é anunciado pelas linhas editoriais de jornais e revistas, onde, por exemplo, recursos visuais escolhidos para proteger a identidade de uma criança podem produzir um efeito de sentido de marginalização. O jornalismo, de forma geral, tem colocado em primeiro plano a notícia e o interesse público (juntamente com o seu próprio interesse comercial); em determinados momentos, isso entra em conflito com a preservação da imagem da criança, por mais que tenha um caráter denunciatório. No dia-a-dia, no trabalho da mídia, percebe-se que não há consenso ou sequer uma discussão amadurecida sobre a imagem da criança entre os profissionais que produzem as notícias veiculadas.

A necessidade de abarcar as variáveis na composição da imagem da criança nas publicações jornalísticas e possibilitar o estudo das diferenças provocadas pela diversidade de linhas editoriais (portanto, visões ou enfoques diferentes sobre a infância) e, ao mesmo tempo, apontar para as diferenças na produção destas imagens ocasionadas por diferentes processos de captação, fluxo, seleção e produção da notícia, principalmente devido a diferentes temporalidades em diferentes meios de comunicação, levou-nos a eleger os jornais diários *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *O Dia* para formar o *corpus* principal do trabalho.

Em relação à metodologia, este projeto possui natureza analítica e interpretativa. Para isso, debruçamo-nos sobre os pressupostos da teoria do jornalismo – em especial a do jornalismo visual.

Para a análise da mídia, tomamos por base a Teoria da Mídia (Ciência da Comunicação) como é desenvolvida na Europa central, principalmente por teóricos que participaram do Instituto de Comunicação da Universidade Livre de Berlim, Harry Pross, Dietmar Kamper e Ivan Bystrina. De Harry Pross, utilizamos sua classificação das mídias conforme a complexidade de cada uma delas e toda a reflexão derivada dessa classificação além da proposta de entender a estrutura simbólica a partir do conceito de experiências pré-predicativas da primeira infância; de Dietmar Kamper, as várias reflexões sobre a presença ou a ausência do corpo na comunicação; de Ivan Bystrina, tomaremos a estrutura dos códigos da comunicação e sua relação com as raízes da cultura. Atualmente, essa linha teórica tem escolhido como objeto o cotidiano, os processos de participação, seus meios e condições.

Iniciamos este trabalho fazendo um levantamento das pesquisas que já foram desenvolvidas nessa área e que serviram de suporte para as análises realizadas por este trabalho.

2 A INFÂNCIA NOS PRODUTOS JORNALÍSTICOS

Existem muitas pesquisas sobre a relação entre a criança e a mídia. No contexto brasileiro, vale destacar os estudos desenvolvidos pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância – ANDI, uma organização não governamental que atua no agendamento e cobertura do tema infância pela mídia. Algumas dessas pesquisas servirão de base para a análise a ser desenvolvida.

Em 1989 a ONU criou a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças e do Adolescente com o intuito de garantir os direitos fundamentais desse grupo. De acordo com essa Convenção a criança deve ter acesso a informações e materiais de várias fontes nacionais e internacionais, especialmente aquelas que objetivam a promoção do bem-estar social, espiritual e moral (artigo 17); a criança deve ter direito à liberdade de expressão (artigo 13) e a criança tem o direito de expressar sua opinião com relação a todos os assuntos que a afetam (artigo 12). Essa deve servir de base para os jornalistas e comunicadores no momento em que forem escrever matérias que tenham relação com o público infantil. Com a criação dessa Convenção começou a surgir uma preocupação com o conteúdo que estava sendo veiculado para/sobre as crianças.

Em 1990, o governo brasileiro aprovou o Estatuto da Criança e do Adolescente que também tem a intenção de garantir os direitos dos jovens. Ele regulamenta normas quanto à educação, à saúde, à liberdade, à dignidade e à convivência familiar, além de estender-se sobre questões ligadas ao esporte, à cultura e ao lazer de meninos e meninas, desde a gestação até os 18 anos incompletos. Por ele são também reguladas as formas de prevenção à ameaça e à violação desses direitos, além de estabelecidas as normas a serem utilizadas para corrigir tais desvios.

2.1 O acesso das crianças à mídia e o uso da mídia

Antes de falar da maneira como a imagem da criança é representada na sociedade, faz-se necessário saber a quais meios de comunicação elas têm acesso e quanto tempo costumam passar em frente aos mesmos. Para isso tomam-se como base alguns estudos desenvolvidos no Brasil e no mundo.

O acesso à mídia pelas crianças e também pelos adultos distribui-se de forma bastante desigual entre os países. De acordo com Catharina Bucht e Cecília Von Felitzen, em seu artigo “Perspectivas sobre a Criança e a Mídia” (In CARLSSON; FEILITZEN, 2002), em

muitos países europeus, na América do Norte, no Japão e na Austrália é bastante comum que as crianças tenham todas as formas possíveis e imagináveis de tecnologias de mídia em suas casas; já na Índia esse número ainda é bem pequeno.

Uma pesquisa desenvolvida por Sonia Livingstone, Katharine J. Holden e Moira Bovil (In CARLSSON; FEILITZEN, 2002) analisou o acesso que as crianças têm aos meios de comunicação nos seguintes países: Bélgica (Flandres), Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Israel, Itália, Holanda, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido e concluiu que o acesso à televisão é quase universal e que as crianças passam em média 1h30min (França, Suíça e Alemanha) a mais de 2hs e 30 min (Dinamarca e Reino Unido) por dia em frente à TV.

O estudo também apontou que a utilização das mídias depende da cultura, classe social e acesso aos meios de comunicação. Em alguns países as crianças utilizam muito os meios audiovisuais e impresso (ex: Finlândia), enquanto em outros o número de crianças que utiliza esses veículos é baixo. De acordo com os pesquisadores:

Certos fatores domésticos e culturais determinam a quais tipos de mídia as crianças e jovens têm acesso em casa, outros fatores determinam quais tipos de mídia eles próprios possuem, e outros, ainda, determinam o tempo gasto com cada tipo de mídia. (CARLSSON e FEILITZEN, 2002, p. 56)

Outra pesquisa realizada na África do Sul, Alemanha, Angola, Argentina, Armênia, Brasil, Canadá, Costa Rica, Croácia, Egito, Canadá, Fiji, Filipinas, Holanda, Índia, Japão, Maurício, Peru, Qatar, Tadjiquistão, Tojo, Trindade e Tobago e Ucrânia e compilada por Jô Grobel (In CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von, 2002), tomou como base as respostas de alunos de 12 anos das zonas rurais e metropolitanas.

De acordo com a investigação, 97% das áreas escolares eram alcançadas por pelo menos um canal de TV; 97% das crianças tinham acesso a um aparelho de televisão em casa e que a mesma era o tipo de mídia mais difundido entre as crianças de 12 anos, ficando na frente do rádio e dos livros. De acordo com a pesquisa as crianças passam em média 3 horas em frente à TV (50% a mais do que em outras atividades). Seus programas favoritos são histórias de crimes ou ação, ficção científica e terror. Apenas 7% apontaram o noticiário como sendo seu programa favorito e, das crianças pesquisadas, 85% tinham acesso a jornais e revistas. Os resultados confirmam a preferência da televisão pelas crianças, no entanto, mostram que uma grande parcela tem acesso a jornais e revistas.

De acordo com Catharina Bucht e Cecília Von Felitzen (In CARLSSON e FEILITZEN, 2002), nos Estados Unidos não há uma diferença muito grande no número de meninos e meninas que possuem acesso à mídia. No entanto, em relação à etnia, as crianças brancas têm mais acesso a computadores que as negras. Além disso, o número de famílias com filhos que assinam internet aumentou no ano de 2000, superando o número de famílias com filhos que assinam jornais. Isso evidencia a importância que a internet vem tendo na vida das pessoas e como as mesmas estão recorrendo com mais frequência a ela, apesar da internet ainda não atingir toda a população.

A preferência por determinados meios de comunicação varia de acordo com o país, o mesmo estudo afirmou que no Chile os jovens preferem a TV, seguido pelo Rádio e por último a mídia escrita. Já na África do Sul as crianças usam com mais frequência o rádio que a televisão e na Suécia usa-se mais os meios audiovisuais. Além disso, de forma geral, os meninos geralmente usam a mídia digital com mais frequência que as meninas.

A televisão ainda é o meio dominante para todos os usuários, tanto em termos de números quanto em tempo gasto. (...) No entanto, é provável que, futuramente, os padrões de uso da mídia continuem em transformação, uma vez que a convergência da mídia, atualmente em curso, vem alterando de forma radical a paisagem da mídia. Jogos, jornais, revistas, livros, rádio, música, cinema e televisão, já estão, até um certo ponto – e, em alguns casos, em grande parte – disponíveis pela internet. E o mais provável é que a net, muito em breve, venha a se tornar ainda mais facilmente acessível para um número cada vez maior de pessoas. Da mesma forma, receptores digitais de TV tornarão possível toda uma gama de serviços de informação. (BUCHT e FEILITZEN, 2002, p.62)

2.2 A imagem da criança na mídia

Depois de discutir os meios de comunicação a que as crianças têm acesso, é necessário saber como esses estão retratando o público infantil. De acordo com Bucht e Feilitzen (2002) a aparição da imagem da criança não ocorre com muita frequência na mídia e isso já reflete a maneira como as mesmas são tratadas pela sociedade.

O estudo “A Imagem da Criança no Horário Nobre da Televisão: Distribuição e perspectiva?” desenvolvido por George Gerbner apontou que apenas 14,6% dos personagens que aparecem em episódios de programas de TV durante o horário nobre nos Estados Unidos são jovens com menos de 19 anos; 2,6% têm menos de 12 anos e 7,6% têm entre 13 e 18 anos.

Dale Kunkel e Stacy L. Smith analisaram, em “As Representações das Crianças na Mídia Noticiosa dos Estados Unidos” (In CARLSSON e FEILITZEN, 2002), o conteúdo

noticioso de cinco grandes jornais impressos dos Estados Unidos e os noticiários noturnos de três redes de canais durante um mês. Ao fim da análise observaram que os jornais publicaram em média 4,6 notícias envolvendo crianças e que os telejornais publicaram 1,3 notícias por edição, sendo que nas matérias da TV não eram emitidas opiniões enquanto que 18% das reportagens do impresso eram opinativas.

Entre os assuntos abordados predominaram notícias envolvendo crime e violência, nos telejornais isso equivaleu a 48% das notícias e nos impressos a 40%. 12% das reportagens sobre esses assuntos eram dedicadas a furos de reportagem sobre crimes cometidos por ou contra as crianças, 10% eram dedicados a notícias relativas à investigação e julgamento de tais crimes. A cobertura dada a crimes sexuais contra crianças também era grande, cerca de 10% na TV e 5% nos jornais.

O segundo assunto mais abordado tinha relação com educação e correspondeu a 25% nos impressos e 15% na televisão. Somando as notícias sobre crime/violência e educação, as mesmas formam responsáveis por quase 2/3 de todas as notícias analisadas.

O mais negligenciado dos assuntos foi economia (apenas 4%). Dentro dessa área estão questões como, pobreza infantil, falta de um lugar para morar, bem-estar das crianças, bem como cuidados infantis e políticas familiares. Também existiram poucas matérias sobre saúde, deveres dos pais ou questões econômicas.

Segundo a pesquisa acima citada, 87% dos jornais e 76% dos telejornais utilizaram fontes especializadas, estatísticas e apresentaram algum contexto histórico dentro da matéria e em apenas 1 de 4 notícias foram incorporadas informações cedidas por pais e crianças. Assim, os autores concluíram que os jornais impressos oferecem informações mais completas, no entanto a profundidade das matérias é similar em ambos e a cobertura dominante da mídia de notícias envolve relatos de crime e violência, além disso, observou-se que os meios de comunicação em análise forneceram uma cobertura menor para as questões de políticas públicas do que para as notícias sobre violência. Segundo os autores:

Retratar as crianças de forma negativa nas notícias pode não apenas afetar os assuntos a serem discutidos, mas também distorcer as percepções de crianças e jovens sobre outros da sua idade. (KUNKEL; STACY, 2002, p. 96)

Além disso, o trabalho enfatizou a necessidade de aumentar a abrangência e o equilíbrio na cobertura dedicada às questões infantis pela mídia noticiosa, a fim de efetivamente informar o público sobre todas as questões sociais importantes ligadas à criança.

Em outro estudo a Agência de Notícia dos Direitos da Infância – ANDI analisou 50 jornais impressos brasileiros e os classificou de acordo com a cobertura dada aos assuntos que possuem relação com as crianças. A pesquisa comparou ainda os resultados obtidos nos anos de 2003 e 2004 ao dos anos de 2001 e 2002. Dessa forma, observou que o cenário político vivido pelo Brasil, ou seja, a ascensão do presidente Luis Inácio Lula da Silva ao poder favoreceu uma maior abordagem de assuntos relacionados à infância. De acordo com o estudo houve um crescimento de 19,47% no número de matérias veiculadas, passando de 88.605, em 2002, para 105.853, em 2003. Comparando-se ainda esses 50 jornais, o aumento de 2003 para 2004 foi de 31,07%, sendo registradas 138.747 notícias.

A ascensão de um partido como o PT, tradicionalmente inclinado aos interesses sociais, gerou ampla expectativa em torno de temas antes negligenciados, como fome e pobreza. Isso acabou fortalecendo a pauta social nos meios de comunicação. Assim, ao mesmo tempo em que se ocupava com as oscilações do dólar, dos juros e do Risco Brasil, a mídia abria maior espaço, embora ainda distante de um cenário ideal, para acompanhar a execução das Políticas Públicas sociais do novo governo. (...) A cobertura de assuntos relacionados aos direitos das crianças e dos adolescentes foi claramente beneficiada por esse novo contexto. (ANDI, 2005, p. 4)

Dentre os temas abordados durante o período, a educação é o tema mais explorado, seguido pela violência, no entanto entre 2002 e 2004 houve uma queda na abordagem da violência em relação ao total de temas tratados. Vale ressaltar que é na abordagem deste último tema que aparece o maior número de expressões depreciativas, como “menores”, “delinquentes” e “bandidos”.

Observou-se também que temas como políticas públicas e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA foram raramente citados e que em 2003 somente 2,8% das matérias trataram do tema pobreza, apenas 2,4%, de questões relativas à desigualdade, e só 1,7% das notícias abordou a fome. Segundo o autor da pesquisa esse é um dado preocupante, pois:

Levando-se em consideração que a leitura realizada pela ANDI tem como recorte infância e juventude, a impressão é que tais assuntos – pobreza, fome e desigualdade – são retratados, sim, pela imprensa, mas de forma desassociada do universo de crianças e adolescentes. Se desconsiderarmos o recorte, a presença destas temáticas nas páginas dos principais veículos da mídia impressa brasileira mostra-se bem maior. (...) Trata-se de um equívoco, já que as crianças destacam-se como o público mais duramente atingido pelas mazelas da sociedade, pois são mais vulneráveis que os adultos. Sem condições básicas para que cresçam e se desenvolvam plenamente, elas perpetuam, quando adultas, a desigualdade. Sem preparo intelectual e com as condições físicas limitadas pela alimentação precária ou

a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade, entre outros, estes cidadãos não terão condições de exercer na sociedade papéis produtivos e criativos. (ANDI, 2005, p. 20)

Além disso, a pesquisa mostrou que o grupo de crianças indígenas tem pouquíssima representatividade na mídia. De acordo com o levantamento realizado apenas 0,66% dos textos fazia referência a ele.

A ANDI criou um ranking quanti-qualitativo desses jornais avaliando os seguintes tópicos: número de textos publicados, as fontes de informação utilizadas, presença da voz da família, da criança e do adolescente, contextualização realizada na matéria, número de vezes em que os textos mencionaram a questão de raça/etnia ao longo do ano, percentual de reportagens com denúncia em relação ao número total de textos sobre a infância e adolescência, percentual de reportagens que apresentam soluções possíveis para os problemas apresentados, a presença de questões envolvendo crianças nos editoriais, quantidade de artigos publicados que apresentam propostas para o enfrentamento dos problemas relativos à infância e adolescência, veiculação regular de suplemento infantil e/ou juvenil, percentual de matérias que mencionaram dois ou mais critérios de Desenvolvimento Humano, percentual de matérias sobre violência, percentual de textos sobre Violência que mencionam o ECA, percentual de matérias que apresentam opiniões divergentes e quantidade de textos publicados sobre temáticas historicamente pouco exploradas pela imprensa quando foca o universo da infância e adolescência (acesso ao trabalho, adoção, AIDS nas matérias sobre privação de liberdade, exploração dos trabalhos nos lixões, inclusão social de crianças com deficiência, medidas sócio-educativas, etc).

Após analisar essas questões o ranking ficou, da melhor para a pior abordagem, da seguinte maneira: *Folha de S. Paulo*, *O Globo-RJ*, *Correio Braziliense*, *Estado de Minas*, *Hoje em Dia-MG*, *Zero Hora-RS*, *A Tarde-BH*, *Meio Norte-PI*, *Gazeta do Povo-PR*, *O Popular - CE*, *O Liberal - PA*, *O Imparcial-MA*, *A Notícia - SC*, *O Dia - PI*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Paraíba*, *O Estado do Maranhão*, *A Gazeta - ES*, *Jornal do Brasil - RJ*, *Correio da Bahia*, *Diário de Nata-RN*, *Gazeta de Alagoas*, *A Crítica - AM*, *Jornal da Tarde - SP*, *Folha do Estado -MT*, *Jornal do Commercio-PE*, *O Norte-PB*, *Diário do Pará*, *Folha do Povo-MS*, *O tempo-MG*, *Diário do Nordeste-CE*, *Correio de Sergipe*, *Jornal da Cidade-SE*, *Jornal do Tocantins*, *Correio do Estado-MS*, *Tribuna do Norte-RN*, *O Dia-RJ*, *Tribuna de Alagoas*, *Diário Catarinense*, *Diário de Cuiabá-MT*, *Jornal de Brasília*, *Folha de Londrina-PR*, *Diário de Pernambuco*, *O Estadão do Norte-RO*, *Tribuna da Bahia*, *Diário de S. Paulo*,

A Gazeta-AC, Valor Econômico-SP, Diário da Amazônia-RO, Diário da Tarde-MG, Correio do Povo-RS e Gazeta Mercantil-SP.

A Folha de S.Paulo conquistou o primeiro lugar, pois seus repórteres e editores aprimoraram a investigação de denúncias, apontaram mais soluções para os problemas e ampliaram o leque de fontes ouvidas. O Folhateen, suplemento juvenil, influenciou o resultado com a melhora de sua qualidade técnica. O caderno deu mais voz à família, aos protagonistas juvenis e aos especialistas. (...) Os últimos colocados apresentaram uma postura editorial mais problemática no que se refere à agenda infanto-juvenil. Eles apresentaram uma cobertura factual, principalmente de violência, sem preocupação evidente de analisar as causas e a apontar soluções. Também não investiram em cadernos dirigidos especialmente a este público ou em Colunas de Consultas. (ANDI, 2005, p. 11; 14)

Ao fim do estudo chegou-se a conclusão de que a mídia brasileira está evoluindo, ainda que em passos lentos, mas que há a necessidade de buscar uma maior representatividade das crianças e dos adolescentes nas matérias jornalísticas, além de abordar os assuntos de forma mais próxima da realidade do público infantil. Observou-se também que a preocupação de muitos jornais com relação à questão da criança vem aumentando, já que o número de matérias que abordam esse tema subiu de 2001 a 2003.

Outro estudo realizado pela ANDI e pela Rede ANDI da América Latina com o apoio da Plan Internacional analisou 237.000 textos jornalísticos, publicados ao longo de 2005 em 121 jornais de 10 países da América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Paraguai, Nicarágua e Venezuela) e destacou que as redações reconhecem na educação um foco prioritário, tendo sido esse o tema mais presente na cobertura, seguido da temática da violência.

É importante notar, porém que em alguns países a diferença entre a quantidade de textos publicados sobre educação e violência não é tão significativa. Este é o caso da Colômbia, da Guatemala e da Nicarágua. Por sua vez, a Argentina é o único país onde a cobertura de Violência supera quantitativamente a de Educação. (ANDI; REDE ANDI, 2007, p. 6)

Além dos assuntos citados acima, outros apareceram com relevância, são eles: saúde (10,68% das matérias), esporte e lazer (9,39% das matérias) e direitos e justiça (6,38% das matérias). Por outro lado, questões importantes como deficiência (0,78% das matérias), trabalho infantil (0,71% das matérias) e medidas socioeducativas (0,60% das matérias) ainda são deixadas de lado.

Os temas de abuso e exploração sexual e de violência nas ruas e nas comunidades foram os que ganharam mais destaque na cobertura sobre o fenômeno da violência. Por outro lado, a violência doméstica, violência institucional e violência relacionada com HIV são assuntos pouco presentes.

Outro ponto que merece destaque – e que diz respeito ao imaginário que as sociedades constroem em relação à violência envolvendo meninos e meninas – é o excessivo uso de termos pejorativos, que ainda prevalece em grande parte dos textos. Expressões como “menores”, “delinquentes” e “bandidos”, entre outras, marcam presença em mais de 30% do material. O país que apresentou o melhor índice nesse quesito foi o Brasil. Ainda assim, expressivos 10% das notícias veiculadas pela imprensa do país sobre violência utilizou terminologia de caráter preconceituoso. (ANDI; REDE ANDI, 2007, p. 7)

Embora uma das principais características da América Latina seja a diversidade de pessoas e culturas, esse aspecto pouco foi considerado pelos jornais latino-americanos na hora de produzir textos relativos à população infanto-juvenil. Apenas 3.252 notícias trataram de questões relacionadas à raça/etnia, gênero ou deficiência.

Dentro do pequeno universo de textos que abordam a Diversidade, as questões que ganharam maior destaque foram relacionadas à Deficiência (58,06%). Já a interface entre os aspectos de Raça/Etnia e a infância e adolescência é mencionada em 36,25% da amostra. Por outro lado, as questões do Gênero, apesar de sua grande relevância no contexto dos diferentes países, foram as menos citadas (5,69%). (ANDI; REDE ANDI, 2007, p. 7)

A maioria das matérias não dá voz às crianças e adolescentes, de acordo com a pesquisa a Nicarágua é o país que mais as escuta, usando crianças como fontes em 16,16% das reportagens. Na ponta oposta encontra-se a Argentina, onde meninos e meninas são ouvidos em apenas 3,42% dos textos. O governo é a fonte de informação com maior destaque nas matérias sobre a realidade de crianças e adolescentes, tendo sido ouvido em 33,50% dos textos analisados. Da mesma forma, a sociedade civil (22,93%) e os diferentes especialistas (15,36%).

De maneira geral, a imprensa latino-americana presta pouquíssima atenção nos impactos gerados pela pobreza e pela exclusão social sobre a realidade de meninos e meninas. Do total de textos pesquisados pelas agências da Rede ANDI, somente 1,59% resultam de pautas sobre o assunto. O país que registrou maior produção de textos sobre essa temática foi o Brasil (6,89%). Já a mídia venezuelana promoveu uma cobertura inexpressiva sobre a realidade da população mais afetada pela desigualdade social, apenas 0,5% das notícias publicadas em 2005 enfocaram o tema.

Essa lacuna no trabalho jornalístico vai na contramão da radiografia apresentada pelo *Relatório de Desenvolvimento Humano 2005*, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Segundo os dados do documento, a América Latina está entre as regiões que registraram os piores níveis de iniquidade do planeta. O Índice de Gini – indicador que aponta o nível de desigualdade de renda dos países – na América Latina é de 57,1 ficando atrás apenas da África Subsaariana, com 72,2 (de acordo com a metodologia utilizada pelo índice Gini, o valor zero representa uma situação de equidade total na distribuição de renda, enquanto o valor 100 indica uma desigualdade elevada). (ANDI e REDE ANDI, 2007, p. 19)

Apesar do Brasil se destacar na América Latina pela cobertura de assuntos relacionados ao público infanto-juvenil, muito ainda deve ser melhorado, pois se pode perceber que a imagem da criança retratada pela mídia está longe de ser a verdadeira, que os meios de comunicação falam sobre assuntos relacionados as crianças em temas pontuais, principalmente crime, violência e educação. Dessa forma, fica evidente que muito ainda deve ser melhorado no que diz respeito a maneira de tratar os assuntos relacionados às crianças e adolescente tanto na América Latina quanto no resto do mundo. Os estudos apontam a importância de tentar se representar mais fielmente essa faixa etária, para que as mesmas possam se identificar com a imagem das crianças que aparecem constantemente na mídia.

2.3 O potencial de consumo das crianças

Apesar da imagem da criança não ser abordada com frequência no jornalismo, na publicidade ela está fortemente presente. O estudo “Advogados de uma Nova Sociedade de Consumo: As Crianças nos Comerciais da TV”, de Leeia Rao (In KINCHELOE; STEINBERG, 2001) mostra que as crianças são consumidores em potencial e que prova disso é a infinidade de propagandas dirigidas a esse público.

Interesses comerciais ditam a cultura infantil da mídia, a margem de lucro é muito importante para que se importem com o que concerne ao bem estar das crianças. Em comparação à promoção de múltiplos ‘produtos’ da cultura infantil, os protetores da criança têm acesso limitado a essas vias de promoção. Estas corporações que fazem propagandas de toda a parafernália para as crianças consumirem promovem uma ‘teologia de consumo’ que efetivamente promete redenção e felicidade através do ato de consumo (KINCHELOE; STEINBERG, 2001, p. 24).

Segundo Leeia, usam-se crianças nas propagandas para atingir o público infantil e a maioria das imagens evocam a pureza e a inocência da infantilidade. Utilizando a estratégia de convencer a criança de que ela necessita daquele produto, o anunciante tem a garantia de que elas importunarão seus pais até que eles o comprem. Segundo Sampaio (2004, p.152), a

criança tem forte apelo comercial porque tem empatia para os anunciantes, emociona e sensibiliza o adulto com seu ‘apelo mágico’, rejuvenesce a marca do produto e, principalmente, faz-se ouvida por outra criança, já que uma é sensível à interpelação da outra.

Concomitantemente, Sampaio (2004, p.288) afirma que se a criança e o adolescente são vistos e valorizados do seu potencial de compra, as outras questões relativas ao reconhecimento da peculiaridade da infância e ao respeito à dignidade infantil tornam-se negociáveis. Além disso, a mídia, na contemporaneidade, constitui-se também como um instrumento de padronização da cultura. Porém, se considerarmos a criança como produtora e consumidora de cultura, ela se torna agente ativo na sua relação com a mídia. (FERREIRA, 2006, p. 32).

De acordo com Leeia (In KINCHELOE; STEINBERG, 2001) há uma excessiva representação das crianças nos comerciais como sendo sempre boazinhas, angelicais e extremamente puras. Para Kunkel e Stacy, “a ênfase excessiva de crianças boas e inocentes nos anúncios indica que as construções infantis tendem a ser ainda mais distorcidas na mídia puramente comercial” (KUNKEL; STACY, 2002, p.26). Ainda de acordo esses últimos autores as crianças estão participando dos mais variados tipos de comerciais, mas alguns executivos acreditam que existe uma falta de responsabilidade por parte de alguns anunciantes, já que os mesmos usam indiscriminadamente as imagens infantis.

É possível encontrar anúncios que utilizam a imagem da criança nos mais variados meios de comunicação e isso mais uma vez comprova o potencial econômico que esse grupo possui.

2.4 Uma tentativa de mudança

A controvérsia sobre a exploração de fotos de crianças pequenas tiradas legitimamente para uso comercial ou jornalístico convenceu os fotógrafos profissionais britânicos a esboçarem suas orientações para protegerem a si mesmos e às crianças. Eles chegaram as seguintes conclusões (in BUCHT e FEILITZEN, 2002)

- Para uma abordagem correta é necessário:
- Dar o tempo necessário para conhecer os entrevistados;
- Falar honestamente o tipo de história que será contada;
- A abordagem se baseia em um ponto de vista definido de como o produtor quer que as crianças respondam?
- Foi feita justiça ao que as crianças realmente disseram?

- Foi obtido consentimento apropriado para o uso de nomes e para tirar fotos das crianças?
- O risco de as crianças terem suas identidades publicadas foi avaliado?
- A verdade das declarações feitas pelas crianças foi duplamente checada?
- Foi dito às crianças como procurar ajuda e elas verão o produto acabado?
- Que mensagens o adulto receberá da história?

De acordo com os fotógrafos, se todos cumprirem essas orientações diminuirão os erros cometidos com relação à representação das crianças pela mídia, já que as mesmas estariam cientes de como seriam usadas suas imagens e teriam a opção de não participarem da matéria, caso não achassem apropriado.

2.5 A opinião das crianças em relação à mídia

Um estudo realizado por Catharina Bucht e Cecília Von Feilitzen (2002) mostra o resultado de uma pesquisa que entrevistou jovens de 11 a 16 anos nos Estados Unidos sobre a maneira como eles veem as crianças serem mostradas na mídia. Várias perguntas foram feitas e os mesmos afirmaram que quando veem crianças nos noticiários sempre têm conexão com crimes, drogas e violências. Os jovens entre 10 e 17 anos relataram que percebem claramente que a mídia retrata as classes sociais e as minorias étnicas e lingüísticas de forma não-equitativa e a esmagadora maioria delas acredita que é importante para as crianças que as mesmas vejam pessoas de suas raça e etnia na TV.

Depois de uma longa conversa com as crianças foi elaborada uma lista das coisas que elas não gostam de ver na mídia e são elas:

- Comentários sérios feitos por crianças sendo tratados como amenidade ou piada;
- Uma criança muito “bonitinha” sendo usada para aumentar o apelo;
- Fotos e descrições de crianças em situação miserável, usadas para comover. Elas não contribuem para o auto-respeito das crianças, ou para que a audiência as respeite;
- As crianças sendo tratadas de forma paternalista, ou de cima para baixo;
- Adultos falando em nome das crianças, quando as mesmas sabem mais sobre o assunto em questão;
- Crianças sendo exibidas como animais de circo;
- Crianças mostradas como passivas, quando elas não são;

- Jovens sendo postos todos juntos em um grupo problema chamado “adolescente”.

O mesmo estudo apontou os desejos das crianças em relação à mídia. Elas gostariam que os profissionais da mídia tivessem as seguintes atitudes:

- Deixassem as crianças falarem por si mesmas;
- Tratassem as crianças como iguais;
- Perguntassem às crianças o que elas acham dos problemas cobertos pela mídia;
- Dessem às crianças a oportunidade de falarem livremente com os adultos e com outras crianças;
- Vissem as crianças como elas mesmas e não o que as outras pessoas querem que elas sejam;
- Levassem as opiniões das crianças a sério.

Em um estudo desenvolvido por Ingrid Geretschlaeger, (In CARLSSON e FEILITZEN, 2002) crianças australianas escreveram uma carta, onde faziam algumas exigências para as emissoras de televisão do país. São elas:

- Um horário mais apropriado para os programas infantis e esse não deve ser cancelado por causa de eventos esportivos;
- Um canal especial para as crianças;
- Um noticiário diário especialmente feito para elas;
- Apresentação verdadeira do que está ocorrendo no mundo;
- Uma linguagem que seja compreensível para as crianças;
- Um guia de programas de TV para as crianças que as capacite a fazer escolhas sensíveis e conscientes através de informações suficientes;
- Nenhuma propaganda disfarçada;
- Redução da violência, especialmente na linguagem e nos desenhos para crianças pequenas;
- Apoio para crianças com deficiências auditivas e visuais;
- Linguagem apropriada para todas as crianças;
- Explicação das palavras difíceis;
- Apresentação de tópicos que sejam importantes para a criança;
- Coexistência valiosa e pertinente entre crianças e adultos.

Bucht e Feilitzen (2002) destacam ainda que ao fazer programas sobre o público infantil e com ele é muito importante ter consciência da forma como o processo é percebido pelas crianças que estão envolvidas. Elas precisam saber o que se espera delas desde o início, pois assim, evita-se fazer mal uso da imagem e das declarações das mesmas. É importante, também que os jornalistas tenham consciência do poder de influência que têm nas mãos, para isso eles precisam mostrar os dois lados da imagem da criança e não apenas o ruim.

Como foi possível perceber, diferentemente do que muitos possam imaginar, as crianças têm a capacidade de analisar o que está sendo veiculado para elas e o que é ruim na programação. Elas apresentaram na pesquisa reivindicações pertinentes, o que evidenciou a capacidade crítica desse público.

2.6 Pontos de conduta

Depois de analisar a maneira como as crianças estão sendo tratadas pela mídia, o modo como elas estão sendo representadas, Mike Jempson em seu estudo “Algumas Idéias Sobre o Desenvolvimento de uma Mídia Favorável à Criança” (In CARLSSON e FEILITZEN, 2002) elaborou algumas dicas de conduta para a imprensa, a fim de diminuir os erros que vêm sendo cometidos.

De acordo com Jempson os jornalistas precisam:

- Dar a palavra às crianças em suas reportagens;
- Procurar a opinião das crianças. Entrevistá-las. Reconhecer que o ponto de vista delas é importante, afinal, se os jornalistas entrevistassem as crianças isso ajudaria a acabar com os estereótipos;
- Escutar o que as elas dizem;
- Quando entrevistar uma criança, é preciso ir de mente aberta e tentar não influenciar o que elas dizem, caso contrário, o artigo refletirá a perspectiva de um adulto;
- Conversar com um grupo representativo de crianças;
- Lembrar que os pontos de vista das crianças são tão diversos quanto dos adultos. Logo, não deixar que a opinião de uma criança represente o “ponto de vista dos jovens”;
- Envolver as crianças na montagem da entrevista;

- Explicar o propósito da entrevista, o que acontece com os resultados, onde eles aparecerão e quem os lerá;
- Explicar que a criança tem o direito de não querer dar a entrevista, de recusar uma pergunta ou de pedir mais informações antes de responder;
- Consultar as crianças sobre uma gama ampla de questões;
- Ter consciência de que os problemas dos jovens não são apenas drogas, sexo e crime, mas também previdência social, orçamento, direitos trabalhistas e exploração. O jornalista pode conseguir as opiniões delas sobre qualquer coisa.

Segundo Jempson convencionalmente as crianças são vistas como um subgrupo da sociedade a ser protegido e acariciado, mas é necessário mudarmos esse pensamento, pois a mídia deve oferecer à criança a dignidade e o respeito do reconhecimento e desenvolver uma abordagem consistente com os problemas que as crianças enfrentam. O autor destaca que negociar melhorias na forma como as crianças são apresentadas na mídia requer cuidado. Quanto mais sensível e bem pesquisado for o jornalismo que produzimos hoje sobre as crianças, e para elas, mais confiantes poderemos ficar de que seu futuro será melhor.

2.7 Educação para a mídia

De acordo com muitos estudiosos, uma forma de melhorar a maneira como a mídia vem tratando as crianças seria educar essas últimas para que conscientes do poder que a mídia exerce na sociedade e da maneira como os meios de comunicação funcionam, as crianças possam lutar por uma melhoria no tratamento dado ao público infantil.

Neil Andersen, Barry Duncan e John J. Pungente em seu estudo intitulado “Educação Para a Mídia no Canadá: A Segunda Primavera” (In CARLSSON e FEILITZEN, 2002) apontou alguns conceitos chaves que vêm sendo tratados nas escolas canadenses e que estão dando resultados. São eles:

- Todas as mensagens são construções;
- A mídia constrói a realidade;
- Os indivíduos constroem significados a partir das mensagens;
- A mídia tem implicações comerciais;
- A mídia conta com mensagens ideológicas de valor;
- As mensagens têm propósitos sociais, políticos, estéticos e econômicos;
- Forma e conteúdo estão intimamente relacionados na mídia;

- Cada tipo de mídia tem formas estéticas e objetivos peculiares.

O estudo da mídia tem como objetivo tornar os jovens céticos quanto ao modelo de efeitos na pesquisa de mídia, assim como torná-los cautelosos quanto à base de pesquisa questionável por trás do típico pânico moral dos últimos anos. Ele também pode servir para aumentar a conscientização do consumidor, ajudar alunos e professores a entenderem questões delicadas como imagem, sexualidade e violência.

Para Jeanne Prinsloo (In CARLSSON e FEILITZEN, 2002) a educação para mídia tem uma visão de justiça social e de cidadania crítica que propõe formas particulares de compromisso e, decisivamente, hábitos particulares de pensar. Ele afirma que a instalação da educação para a mídia nas escolas não é uma tarefa fácil, pois a natureza autoritária da educação formal enfatiza a aceitação da sabedoria da autoridade e esses fatores impedem o debate crítico e o tipo de discussão que acompanharia o desenvolvimento da instrução crítica. Os alunos acabam se tornando dependentes da certeza e se sentem inseguros em face do questionamento.

Já, segundo Bob Ferguson:

A educação para a mídia é um compromisso de longo prazo com todas as formas de representações da mídia. Diz respeito ao conceito de beleza e ao conceito de comum – com discussões sobre cultura “superior” e inferior”. Também diz respeito à forma de construir mensagens de mídia que são semelhantes às que estão agora disponíveis, e como construir mensagens diferentes; e a à forma de adquirir habilidades de produção – do uso da caneta à utilização do gravador e da câmera. É um assunto que deveria estar na pauta de todos os professores e alunos e que não se presta a encontros de curta duração. (...) Pois, acima de tudo, a Educação para a Mídia é um exame sem fim das formas como entendemos o mundo e das formas como os outros interpretam o mundo para nós. Antes de tudo, ela precisa ser genuinamente aberta e crítica. (FERGUSON apud KUNKEL e STACY, 2002, p. 188)

Ismar de Oliveira Soares no estudo “Contra a Violência: Experiências Sensoriais Envolvendo Luz e Visão. Educação para a Mídia de um Ponto de Vista Latino-americano” (In KUNKEL e STACY, 2002) afirma que os meios de comunicação de massa, submetidos às exigências impostas por um mercado competitivo, continuam a basear sua produção em programas que exploram a violência. Sendo assim, o campo da educação para a mídia é um conjunto de ações que permitem que os educadores e estudantes desenvolvam um novo gerenciamento, aberto e rico, dos processos comunicativos dentro do espaço educacional e de seu relacionamento com a sociedade. Segundo Soares:

A intenção de educar a população nesse sentido é assegurar uma certa qualidade dos produtos da indústria cultural, fazer exigências relativas à

política de programação e buscar formas de interferir nas matrizes da elaboração de programas e produtos. (SOARES apud KUNKEL e STACY, 2002, p. 265)

O Brasil, em sua recente reforma da educação, decidiu integrar o estudo da mídia como parte substancial do ensino de segundo grau, mas deixou os estabelecimentos livres para desenvolverem seus próprios projetos, isso causou uma falta de padronização no ensino, mas deu a possibilidade das escolas experimentarem a forma que achavam mais correta de ministrar esse assunto.

O Brasil fez uso das novas tecnologias disponíveis para expandir alguns conceitos que acharam necessários. “Com a TV Escola, o governo brasileiro busca desenvolver o ensino a distância do país, fazendo uso da TV” (KUNKEL e STACY, 2002).

Para muitos cientistas a educação para a mídia é o melhor caminho para mudar a maneira como os meios de comunicação tratam os mais variados assuntos, pois conscientizando a população sobre o poder exercido por eles, a maneira como retratam a sociedade e as ideologias que seguem, a sociedade terá uma visão mais crítica das informações e programas da mídia e poderá escolher e exigir programas e jornais de mais qualidade. Isso, conseqüentemente, fará com que os meios de comunicação repensem o modo de fazer jornalismo. Mayra Fernanda Ferreira destaca:

É necessária uma educação para a mídia que valorize a participação e as vozes infantis, respeitando os pontos de vistas de crianças e a fala de que “querem ser levadas a sério e que querem ter permissão por falarem por si mesmas.” (FEILITZEN, 2002, p. 26). Os jornalistas nessa missão educacional devem manter padrões éticos e, segundo as “Diretrizes e Princípios para Matérias sobre Questões que envolvem crianças” (apud CARLSSON; FEILITZEN, 2002, p.473) dar às crianças acesso à mídia para expressar suas opiniões sem indução de qualquer tipo. Ao mesmo tempo, a educação para a mídia é essencial para a democracia, uma vez que possibilita às crianças e aos adultos participar crítica e criativamente da comunicação e de outros processos sociais. (FERREIRA, 2006, p. 34)

2.8 Participação da criança na mídia

Reconhecendo que a participação da criança é essencial para que os programas atendam ao que elas almejam, muitos veículos de comunicação incentivam a participação do público infanto-juvenil na elaboração de novos programas. No Brasil a TV Cultura é uma das principais emissoras que realiza esse trabalho, principalmente porque é uma emissora estatal e busca inovar em sua programação.

Beth Carmona (2002) realizou um estudo sobre a participação da criança na TV Cultura, intitulado “A participação da Criança na Televisão Brasileira” (KUNKEL e STACY, 2002). De acordo com esse estudo, a participação da criança nos programas de TV teve início na década de 70, quando um workshop sobre a televisão infantil começou a trabalhar na aquisição dos direitos de adaptação e transmissão da série Vila Sésamo para a América Latina.

Antes disso, as crianças não haviam tido a oportunidade de ajudar na elaboração de programas voltado a elas, quando apareciam eram usadas como elenco de apoio ou meramente decoração. Segundo Carmona isso ocorre porque:

As crianças brasileiras sempre foram vistas como consumidores pela televisão e, sendo assim, os programas produzidos para elas estavam invariavelmente mais preocupados com os interesses comerciais do que com os aspectos sociais ou educacionais. (...) Foi analisando esse cenário que a TV Cultura decidiu inovar e criar uma programação dirigida para os desafios dos jovens. (...) Atualmente, mais de 85% dos lares brasileiros possuem pelo menos 1 aparelho de TV e estima-se que em cada um desses lares haja aproximadamente 2 crianças. Mais de 32% da população está na faixa dos 0 aos 14 anos. No Brasil, a TV Cultura tem mostrado sua capacidade de atrair uma grande proporção dessa faixa etária, oferecendo programas de qualidade tanto para as crianças quanto para os adolescentes. (CARMONA apud KUNKEL e STACY, 2002, p. 331-3)

Depois de Vila Sésamo, surgiram outros que visavam atender as necessidades das crianças e adolescentes e compartilhavam dessa mesma ideologia, entre eles estavam Rá-tim-bum, Castelo Rá-tim-bum e Confissões de Adolescente. O sucesso foi tão grande que acabaram sendo exibidos em outros países e as TVs comerciais brasileiras começaram a dirigir uma programação voltada para os jovens (coisa que nunca havia ocorrido antes).

Beth Carmona destaca que:

A participação real das crianças na televisão acontece quando buscamos qualidade em nossas produções. Programas que combinem criatividade, educação e entretenimento e que respeitem a inteligência das crianças são desafiadores e, conseqüentemente, agradáveis. Tal participação vai até onde criadores e produtores conseguirem entrar no universo infantil, contribuindo para maior aprendizagem e estímulo da curiosidade. (CARMONA apud KUNKEL e STACY, 2002, p. 333)

A experiência da TV Cultura, que conseguiu mesclar educação, entretenimento e o que o público infantil buscava assistir na televisão, mostrou a importância da criação de histórias e personagens autênticos, que facilmente incorporam traços da cultura local. Esse é um

importante exemplo de como a participação da criança pode fazer com que surjam programas de qualidade e o sucesso acaba sendo reflexo dessa parceria, já que atende às expectativas do público infanto-juvenil.

Além dos programas infantis, a emissora incorporou em sua grade de programação questões sobre os jovens e as crianças em seus telejornais, pois dessa forma conseguia atingir também os pais dessas crianças.

2.9 O público jovem e a mídia digital

Com o surgimento da internet a participação das crianças nos meios de comunicação foi ampliada, principalmente pela característica de desterritorialização da informação presente nesse meio. A rede global de computadores facilitou a comunicação de várias maneiras. É difícil negar o fato de que é muito mais fácil enviar uma resposta escrita a alguma coisa que se acabou de ler no computador, apertando alguns botões, do que escrevendo uma carta. Muitas crianças descobriram na web uma maneira de expressar suas opiniões e conseguir mecanismos para criar mídias alternativas. É exatamente o que aponta o estudo “Caminhando em Direção à Participação na Internet: Novas Iniciativas do Rádio para Crianças e Jovens” realizado por Sarah McNeil:

A partir do momento em que a Convenção da ONU sobre os Direitos da criança coloca o assunto em pauta, muitos acreditaram que a internet seria o espaço ideal para uma comunicação e participação efetiva das crianças. No entanto, houve um empecilho, já que todos os sites eram desenvolvidos por adultos e carregavam em si a maneira como eles veem o mundo e a própria criança. Os adultos também dificultavam o acesso infantil ao complicar os acessos a downloads, entre outras coisas. (MCNEIL apud KUNKEL e STACY, 2002, p. 393)

De acordo com o estudo, um dos mecanismos mais utilizados nas redes são as rádios via internet, pois elas possibilitam a criação de novas estações que podem ser acessadas em todo o mundo. Desde a popularização da internet, muitos websites criados por jovens surgiram rapidamente e possibilitaram uma área livre para expressão criativa, música, drama, histórias em quadrinhos, levantam questões relacionadas aos jovens, assim como entrevistas e perfis. “A variedade de websites que lidam tanto com técnica quanto com estética revela como os jovens têm controle desta área”. (KUNKEL e STACY, 2002). Enquanto essas iniciativas têm por alvo os jovens de mais idade, transmissões de rádio que possibilitem a participação dos ouvintes mais novos (8 a 14 anos) são mais difíceis de serem encontradas.

Para uma participação consciente das crianças na internet é necessário que sigam algumas regras, como compreender o significado de “liberdade de expressão”, para tanto os sites devem conscientizar os pequenos com frases que expressam a responsabilidade dos mesmos sobre o que eles escrevem no meio digital.

Segundo Kunkel e Stacy (2002), percebendo o potencial do ciberespaço, os jornais começaram a fazer uso dele, pois observaram uma nova oportunidade de atingir os jovens leitores, o site pode encorajar as crianças a enviarem e-mails para o jornal ou a se inscreverem como repórteres. As crianças também são convidadas a fazer desenhos, listas dos dez mais e tirar fotos para serem publicadas na versão impressa e digital.

Ebba Sundin acredita que os sites voltados para as crianças e jovens fazem sucesso, pois:

As crianças de hoje, diferentemente de muitos adultos, entendem o conceito da internet, e sabem como usá-la. Considerando o fato de que o número de crianças usando a rede só tende a crescer, a ameaça de poderes persuasivos, ideológicos, comerciais ou culturais precisa ser identificada e superada. O desafio será prover as crianças de todo o mundo com as habilidades necessárias para usar a internet de forma sábia. (SUNDIN apud KUNKEL e STACY, 2002, p. 415)

Os websites possibilitam que as crianças expressem suas opiniões mais facilmente e elas vêm explorando cada vez mais esse espaço. Segundo Inês Sampaio:

Ao interagir, as crianças buscam romper com o controle dos adultos. O convívio virtual, através das mídias, obriga as crianças e os adolescentes a considerar regras e convenções, tendo a oportunidade de ratificar ou pôr em questão conhecimentos e práticas a que tiveram acesso pela mídia. Nesta, eles se descobrem como membros de uma sociedade global de muitas escolhas. Descobrem que há limites e barreiras econômicas, sociais, políticas e culturais em pleno exercício de tais escolhas (SAMPAIO, 2004, p. 73).

Logo, podemos salientar que com a popularização da internet entra-se em um novo período, onde o público infanto-juvenil encontra um espaço especial para se expressar, comunicar, informar, compartilhar conhecimentos e criar programas voltados para outras pessoas da mesma faixa etária. Assim, o ciberespaço se tornar um poderoso aliado na luta pela qualidade de informação e por uma representação mais fiel da imagem da criança.

3 JORNALISMO VISUAL E A IMAGEM

Antes de começar a falar propriamente sobre jornalismo visual, faz-se necessário, como destaca Jacques Aumont, entender como funciona a visão, pois somente depois da compreensão desse processo podemos efetivamente discutir o que é proposto por este capítulo.

O olho é um globo aproximadamente esférico, de diâmetro em torno de dois centímetros e meio, revestido por uma camada em parte opaca (a esclerótica), em parte transparente. É esta última parte, a córnea, que garante a maior parte de convergência dos raios luminosos. Através da íris, minúsculo esfícter comandado de modo reflexo, que delimita em seu centro uma abertura, a pupila, cujo diâmetro vai de 2 a 8 milímetros aproximadamente. (...) O fundo do olho é revestido por uma membrana, a retina, na qual se encontram inúmeros receptores de luz. Esses receptores são de dois tipos: os bastonetes e os cones; estes últimos estão presentes sobretudo nas imediações da fóvea, espécie de pequena cavidade na retina, quase sobre o eixo do cristalino, particularmente rica em receptores. (...) Cada receptor retiniano está ligado a uma célula nervosa, por um relé (que se chama sinapse); cada uma dessas células constituem as fibras do nervo óptico. As comunicações entre essas células são muito complexas: aos dois níveis sinápticos já mencionados somam-se múltiplas ligações transversais, que agrupam as células em rede. O nervo óptico parte do olho e chega a uma região lateral do cérebro, a articulação, de onde novas conexões nervosas saem em direção à parte posterior do cérebro, para chegarem ao córtex estriado. (...) Assim, a percepção visual é o processamento, em etapas sucessivas, de uma informação que nos chega por intermédio da luz que entra em nossos olhos. Como toda informação, esta é codificada, o que significa que nosso sistema visual é capaz de interpretar certas regularidades nos fenômenos visuais. (AUMONT, 1993, p. 19-22)

Segundo Donis A. Dondis, a visão é extremamente importante para o ser humano, pois desde criança a utilizamos como principal sentido, “depois que a descobrimos acabamos deixando de lado todos os outros sentidos. Uma prova disso é que o homem prefere ver a informação ao invés de ouvi-la” (DONDIS, 1999).

De acordo com Baitello (apud GUIMARÃES, 2004, p.11), as imagens estão ocupando cada vez mais espaço em nosso cotidiano. Se propondo como textos elas resultam na expansão dos processos da visualidade e da visibilidade imagética.

Antigamente, nos meios impressos a palavra era o essencial, enquanto os fatores visuais (cenário, formato, ilustração) eram secundários, depois do surgimento da fotografia, durante o século XIX, ocorre o contrário, o visual predomina; o verbal tem, agora, a função de acréscimo. Em um país em que o nível de analfabetismo é grande a imagem é extremamente importante, pois através dela inúmeras mensagens podem ser passadas.

Ao pensar em imagem, imediatamente pensa-se em fotografia, pois essa está totalmente presente na sociedade atual e conduz a maneira como esta age. A foto é dominada pelo elemento visual em que interatuam o tom e a cor, ainda que dela também participem a forma, a textura e a escala. Mas ela também põe diante do artista e do espectador o mais convincente simulacro da dimensão, pois a lente, como o olho humano, vê e expressa aquilo que vê em uma perspectiva perfeita. A mesma traz consigo a idéia de credibilidade o que para o jornalismo tem um peso muito importante, já que esta é uma das necessidades principais de qualquer jornal. Dessa forma é importante estudar o modo como a imagem da criança vem sendo apresentada pelos jornais, já que o que aparece em uma fotografia é tido mais facilmente como verdade pelos leitores.

A imagem fotográfica é uma marca, um traço automaticamente produzido por procedimentos físico-químicos da aparência da luz em determinado instante, acreditamos que ela representa de forma adequada essa realidade e estamos prontos para crer eventualmente que diz a verdade a seu respeito. (...) O efeito do real ocorre, pois, quando o espectador observa uma foto ele crê que aquilo que ele vê já existiu na realidade. (AUMONT, 1993, p. 111 e 113)

O homem procura meios de reproduzir a realidade a sua volta e registrar de forma verossímil os fatos históricos. Esse desejo se materializou com o surgimento da fotografia. Foi por meio da imagem fotográfica que o ser humano encontrou um modo de registrar e reproduzir a realidade e suas manifestações culturais. Na utilização de uma representação que é apenas um texto não-verbal e que tem a possibilidade de ser lido na ausência de palavras, a foto tornou-se uma importante forma de comunicação.

A própria origem da palavra fotografia remete à noção de gravação; e o ato de fotografar, nada mais é que um processo técnico pelo qual se obtém o registro de uma imagem mediante a ação da luz sobre uma superfície (chapa, filme, papel ou tela). A palavra vem do grego *photos* que significa “luz”, e *graphos*, “escrever”.

Muitas são as definições para a fotografia. Para Sontag, elas são:

(...) talvez, os mais misteriosos de todos os objetos que compõem e adensam o ambiente que identificamos como moderno. As fotografias são, de fato, experiência capturada, e a câmara é o braço ideal da consciência, em sua disposição aquisitiva. Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa por a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder (SONTAG, 2004, p.13-14).

É possível observar que vivemos em um mundo repleto de imagens. A sociedade atual é constantemente bombardeada por inúmeras fotos, desenhos e gravuras. De acordo com Kamper (apud BAITELLO, 2002, p.4), vivemos o triunfo dos olhos sobre os sentidos, pois boa parte das coisas que existe, ocorre no âmbito do olhar.

De acordo com Baitello (2005), as descobertas tecnológicas popularizaram as fotografias e há hoje uma crescente exposição de fotos repetidas e idênticas que se distribuem excessiva e constantemente no espaço público. O constante contato com as imagens e a cultura, atrelada ao racionalismo da ciência, produz um olhar que distancia da sensibilidade e deixa de lado toda emoção trazida pela imagem, ao fragmentar, classificar, analisar e corrigir a mesma. Resgatar, portanto, a sensibilidade e a subjetividade conectada à fotografia e compreender as sensações transmitidas por ela, fazendo com que o olhar, novamente, se deixe afetar pelas coisas vistas é sair da banalização em direção ao universo sensível da imagem fotográfica, na tentativa constante de perceber a fotografia como um discurso visual mediado pelas subjetividades de quem as produz e de quem as recebe e, não apenas como produto de um mecanismo tecnológico.

A popularização das imagens pode se dar, pois elas são estímulos visuais mais universais que outros signos, já que possuem uma relação de semelhança com a realidade exterior a elas, assim, as fotos se tornam elementos comunicativos facilmente identificáveis por receptores de diferentes culturas e idiomas. Logo, diferente do que ocorre com a palavra, cuja percepção e entendimento dependem de um processo sociocultural consensual, as imagens, mesmo que superficialmente, podem ser entendidas por pessoas de diferentes países.

No entanto, o constante contato com as imagens faz com que as pessoas não despendam a atenção necessária para codificá-las. Segundo Sontag (2004, p.126), as imagens ao mesmo tempo em que enriquecem o homem e a si mesmas, se anulam quando confundidas e vistas tal qual a realidade, a ponto de terem efeitos analgésicos que anestesiam o olhar e os sentidos. A humanidade se tornou tão acostumada com as imagens que sua presença surpreendente e em constante crescimento, sua produção sem limites e efêmera aparência, tornou o olhar indiferente. O homem está tão embriagado de imagens, que seus olhos parecem não mais surpreender-se com as coisas do mundo. E é isso que muitos estudiosos pretendem combater.

Devemos salientar, como afirma Samain (2007), que toda imagem, seja ela uma fotografia, um desenho ou uma imagem eletrônica, nos oferece algo para pensar e que por esse motivo, ainda que possamos não nos dar conta, estamos constantemente pensando em algo, ao observarmos uma imagem.

Toda fotografia (e toda imagem) veicula pensamentos. O que isso quer dizer? Que toda imagem leva consigo primeiramente algo do objeto fotografado, que a luz se encarregou de inscrever na placa sensível. Veicula uma figura e muito mais: de um lado, o pensamento daquele que produziu a fotografia, a pintura, o desenho; de outro, o pensamento de todos aqueles que olharam para eles, todos esses espectadores que "incorporaram" neles, seus pensamentos, suas fantasias, seus delírios e, até, suas intervenções. (...) Ouso dizer que a imagem – toda imagem – é uma "forma que (se) pensa". A proposição é tanto mais provocadora e complexa na medida em que reivindica e chega mesmo a dizer que, independentemente de nós, as imagens (por exemplo, as fotografias) seriam formas que, entre elas, se comunicam e dialogam. Com outras palavras: independentemente de nós – autores ou espectadores – a fotografia (e toda imagem) – ao combinar nela um conjunto de dados signícos (formas, traços, cores, movimentos, vazios, relevos e outras tantas pontuações), ou ao associar-se com outra(s) imagem(ns), seria "uma forma que pensa". A provocação torna-se plena, quando se quer alocar, desta vez à imagem, um "pensamento" que lhe seria próprio. A imagem teria uma "vida própria" e um verdadeiro "poder de ideação" (isto é, essa possibilidade de suscitar pensamentos e 'idéias') ao se associar a outras imagens (SAMAIN apud SUGIMOTO, 2008).

O caráter informacional existente nas imagens é o que foi levado em conta durante todo o desenvolvimento deste trabalho e para isso trabalhamos com o fotojornalismo que, segundo Souza (2004):

mostra, revela, expõe, denuncia, opina. (...) Pode ser usado em vários suportes, desde os jornais e revistas, às exposições e aos boletins de imprensa. O domínio das linguagens, técnicas e equipamentos fotojornalísticos é, assim, uma mais-valia para qualquer profissional da comunicação. (SOUZA, 2004, p. 9)

Partindo da grande importância das imagens para os integrantes da sociedade contemporânea, discorreremos um pouco mais sobre a relação do fotojornalismo com o homem e as várias representações, funções e intenções da imagem fotográfica no contexto midiático.

3.1 O homem e o fotojornalismo

O fotojornalismo, há mais de um século, tem oferecido à humanidade a capacidade de rever a si mesma e de contemplar representações do mundo por meio de imagens chocantes, irônicas, denunciantes, empáticas e/ou informativas. Para Souza (2004), poderíamos classificar como fotografias jornalísticas aquelas que buscam transmitir uma informação útil em conjunto com o texto a que estão associadas. No entanto, o mesmo autor destaca que é

difícil a definição desse tipo de imagem, pois se trata de uma atividade sem fronteiras claramente delimitadas.

A fotografia jornalística traz consigo a possibilidade de unir a informação com a expressividade e a arte. Para Souza (2004), o melhor fotojornalismo é aquele que contém a informação sobre determinado assunto ao lado da força estética.

Embora o surgimento da fotografia seja datado da primeira metade do século XIX, foi apenas no século XX que ela se instaurou de fato nos jornais diários. O uso corrente de imagens fotográficas em impressos foi algo gradativo e, pode-se dizer, lento. Entender como se dá essa manifestação pode ajudar a perceber com mais clareza o homem frente às imagens fotográficas.

No início, a informação impressa era dada quase que exclusivamente por textos, raramente apareciam gravuras. Com os avanços tecnológicos e de técnicas de impressão, após 30 anos do descobrimento da fotografia, as fotos começaram a aparecer nos jornais impressos. Anteriormente a esse período, por volta de 1800, eram utilizadas apenas algumas gravuras feitas a traço.

Há controvérsias quanto ao jornal que publicou pela primeira vez uma foto em suas edições. De acordo com Braun (2005, p.123), o primeiro jornal a publicar uma fotografia utilizando a autotipia foi o jornal sueco *Nordisk Boktryckeri-Tidning*, em julho de 1871. No entanto, pesquisadores norte-americanos, como Phillips (apud GIACOMELLI, 2008, p.23), atribuem a Frederick Ives a criação e o desenvolvimento do processo de impressão por autotipia em 1880, mesmo ano em que a primeira reprodução de uma foto em jornal apareceu no *New York Daily Graphic*. Segundo Sousa (2004), embora o jornal americano tenha realmente publicado, na edição de 04 de março de 1880, uma fotografia utilizando o método da autotipia, o processo – que surgiu pelo esforço de mais de um pesquisador – já havia sido utilizado na Suécia nove anos antes.

Em 1904, a fotografia se tornou constante nos jornais da Inglaterra, principalmente depois que *Daily Mirror* ilustrou suas páginas exclusivamente com fotos. Em 1920, com o aperfeiçoamento das câmeras, as capas de jornais começaram a dar mais importância para a fotografia.

Nas décadas de 1920 e 1930, o trabalho do húngaro André Kertész e o estilo do francês Henri Cartier-Bresson ajudaram a transformar o fotojornalismo num gênero de arte. Foi a partir de então que as fotos começaram a ser valorizadas pela imprensa, numa corrida cada vez mais acelerada por aperfeiçoamento e precisão técnica. Nasceu, então, a fotografia jornalística moderna, o que conhecemos por fotojornalismo.

Desde seu surgimento o fotojornalismo passou por importantes transformações que nos ajudam a entender seu uso nos dias de hoje. Segundo Sousa (2004, p. 24-27), três momentos foram significantes para o desenvolvimento dessa atividade.

O primeiro ocorreu durante o período pós-guerra em que a crescente industrialização, a massificação da produção jornalística, crescimento das agências de notícias e o surgimento de novas formas de expressão deram início à banalização da imagem fotográfica com sua rotinização e convencionalização. O segundo momento teve início por volta de 1960, quando a fotografia dividiu atenções com a TV. Nesse período os rumos da comunicação foram alterados, o interesse pelo estudo teórico da fotografia aumentou e o computador começou a ajudar no tratamento das imagens, fazendo com que os jornalistas buscassem a “verdade subjetiva” em detrimento da ilusão de uma verdade universal no processo de atribuição de sentido. Finalmente, no terceiro momento o homem se deparou com as novas possibilidades de manipulação e geração de imagens.

O fluir histórico do fotojornalismo trouxe a atividade ao ponto em que está hoje. (...) Não será, todavia, o único. Há que contar com a conjugação de outros fatores, como a ação pessoal dos fotógrafos e as condicionantes sociais, ideológicas e culturais que se fazem sentir em cada momento. De qualquer modo é visível que o fotojornalismo atual é constrangido nos temas, nos conteúdos e nas formas por convenções e rotinas que se foram estabelecendo ao longo do tempo (...) (SOUSA, 2004, p. 29).

No Brasil, o fotojornalismo ganhou força no século XX e as principais mudanças ocorreram em decorrência das revoluções editoriais do Jornal do Brasil, nas décadas de 50, 60 e 70.

3.2 As diferentes imagens

Norval Baitello Jr (2005) classifica as imagens em dois tipos: endógenas e exógenas. As primeiras são geradas por nosso universo interior, são imagens trazidas à consciência e compartilhadas pelos diferentes sistemas de tradução. Independentes da vontade da consciência e voluntariamente enigmáticas e cifradas, essas imagens sempre motivam tentativas de sistemas interpretativos que buscam correspondências exteriores. Por terem natureza interior, elas possuem uma sintaxe, codificação, repertório e sistema semântico próprios. Já as imagens exógenas são criadas pelo homem para transitar pelo universo exterior através de suportes materiais.

Ambas as imagens, tanto endógenas como exógenas, são mediadoras de sentidos. São esses sentidos que entram e saem no processo imaginativo alimentando e garantindo os

processos de simbolização. Essa possibilidade de fazer do mundo exterior parte do mundo interior humano na forma de imagens, perpetuá-lo e recordá-lo na memória, e de modo concomitante objetivar no mundo externo ao homem a imaginação e o mundo de suas imagens internas, é uma condição/capacidade humana. Sendo assim, a fotografia é a representação de uma imagem construída e reconstruída continuamente pelo ser humano.

De acordo com Aumont (1993, p.105), a imagem produzida culturalmente é sempre uma construção de conhecimento a partir da realidade. Para ele, é possível encontrar três conceitos presentes no ato de olhar: representação, ilusão e realismo. Através da representação o leitor pode se aproximar de uma realidade distante, a ilusão é o fenômeno perceptivo provocado pela interpretação psicológica e cultural dessa representação e o realismo é o conjunto de regras sociais que servem para administrar a relação entre a representação e o real de forma satisfatória.

Sendo assim, fica evidente que a fotografia não é a realidade propriamente dita, já que para compô-la existe a influência do fotógrafo e do meio de comunicação para o qual ele trabalha.

A foto de jornal cria o acontecimento. Ali onde o fotógrafo decida apontar a câmera nasce a cena informativa. Isto é tão certo que se mudarmos o ponto de vista da cena, mudaremos o acontecimento. (...) A foto de jornal é sempre uma visão parcial de um acontecimento. Não é total e imparcial, logo uma foto não é o acontecimento de uma ação ou um objeto ou personagem. (VILCHES, 1983, p. 141 – Tradução nossa).

Mas muitas vezes, a relação entre fotografia e realidade apresenta-se em tensão. A restrição de uma tradição positivista no uso da imagem fotográfica dentro do campo das ciências humanas, em que objetividade e neutralidade ainda estão presentes, contribui para o racionalismo do olhar sobre as imagens. Para combater essa ideia da imagem totalmente realista é necessário procurar fronteiras nas quais a subjetividade e a criação possam adquirir outros sentidos no olhar fotográfico.

Tentando elucidar sobre as intenções presentes nas imagens analisadas à frente, trataremos no próximo tópico sobre as intenções da fotografia, partindo do pressuposto de que toda imagem técnica é redefinida por escolhas particulares.

3.3 Escolhas e intenções

Nenhum texto é inocente ou natural como afirma Vilches (1987). Em todo discurso há uma maneira de sugerir ao leitor o lugar de onde se fala, escreve e vê. Ao observarmos que

existe um produtor de mensagem e alguém que irá recebê-la, podemos constatar que se estabelece um discurso onde existirão trocas de informações e realizações de interpretações a cerca do que está sendo retratado na imagem.

Através da imagem o fotógrafo busca apresentar o fato e transformar a consciência daquele que a decodificará por meio das emoções que ela provoca. Assim, objetividade e subjetividade se complementam, pois, apesar de buscar retratar a realidade, ela apresenta traços do olhar subjetivo do fotógrafo, como seus anseios, desejos, valores e os objetivos da instituição para a qual trabalha. Dessa forma, a imagem é capaz de acumular valores que não são apenas daquilo que representam.

A fotografia vista a partir da perspectiva de um sistema social de comunicação (como uma linguagem), se converte em uma espécie de grande texto ou pluralidade de textos sociais (LOTMAN, 1979) ou arqueologia no sentido de Foucault: a foto construindo seu referencial no espaços sociais de modo histórico e deixando-se ler como tal. Neste contexto, os arquivos fotográficos se convertem em um campo de investigações privilegiadas para as atuais tendências da ciência, da antropologia, da etnologia. Mas, ao mesmo tempo que nasce um modo de fazer história das maneiras e dos comportamentos deve originar-se também uma metodologia para constituir a fotografia como uma visão de conjunto um tanto específica e autônoma. Em definitivo, distinguir a documentação através da fotografia, da documentação de uma fotografia, distinguindo ao mesmo tempo, a foto como enunciado histórico da fotografia como enunciação artística. Isto permitirá que se potencialize o lado da fotografia como um saber científico, como uma ciência auxiliar às ciências sociais e simultaneamente concebê-la como um traço informativo de sua própria história. Tudo isso, entretanto, não pode ser executado sem nenhuma tentativa a uma análise séria dos modos de recepção da fotografia, ou seja, a sua leitura. (VILCHES, 1987, p. 235-236 – tradução nossa)¹

¹ Texto original: La fotografía, mirada desde la perspectiva de un sistema social de comunicación (al modo de la lengua), se convierte en una especie de inmenso texto o pluralidad de textos sociales (LOTMAN, 1979) o de arqueología en el sentido de Foucault: la foto construyendo su referente en los espacios sociales al modo de la historia y dándose a leer como tal. En este contexto, los archivos fotográficos se convierten en un campo de investigaciones privilegiadas para las actuales tendencias de la ciencia, la antropología, la etnología. Per al mismo tiempo que nace un modo de hacer historia de las costumbres y de los comportamientos debe orinarse también una metodología para constituir a la fotografía con una visión de conjunto un tanto que estructura específica y autónoma. En definitiva, distinguir la documentación a través de la fotografía, de la documentación de la fotografía, distinguendo al mismo tiempo, la fotografía como enunciado histórico de la fotografía como enunciaci3n artística. Esto permitir3 que se potenciara por un lado de la fotografía como un saber científico, es decir, como una ciencia auxiliar de las ciencias sociales y simultáneamente concebirla como una traza informativa de su propia historia. Todo lo anterior, sin embargo, no puede llevarse a cabo si no se intenta un análisis serio de los modos de recepci3n de la fotografía, es decir, de su lectura. (235-236)

A fotografia está cada vez mais presente no jornalismo e viabilizar essas imagens ao homem comum requer cuidados e atenção em sua criação e na organização dos elementos que a compõem.

Em todos os níveis de inteligência visual o significado pode encontrar-se não apenas nos dados representacionais, na informação ambiental e nos símbolos, mas também nas forças compositivas que existem ou coexistem com a expressão factual e visual. O conteúdo é extremamente influenciado pela importância das partes constitutivas como a cor, a textura, a dimensão, a proporção e suas relações compositivas com o significado.

Na comunicação visual o conteúdo nunca está dissociado da forma, as forças que fazem com que a mensagem seja compreendida têm relação com o conteúdo e a forma; a visão do artista e a visão do público. Segundo Donis A. Dondis a mensagem e o significado não se encontram na substância física, mas sim na composição. Para compor uma imagem é necessário que o autor faça uso da técnica do design, pois assim ele exerce o máximo de controle possível e aprende, de certa forma, a influenciar as respostas dos espectadores. Levando em consideração a importância desses elementos para a interpretação e leitura das imagens, trataremos dos elementos presentes na produção das imagens.

3.4 Os elementos fundamentais da composição visual

A composição de uma imagem é muito importante, pois é o momento em que o fotógrafo coloca suas características e percepções individuais, no entanto o significado daquela imagem pode ser modificado pelo espectador que a observa, fazendo com que a mesma receba outras significações.

Além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história, esses fatores influenciam o olhar do espectador. (...) Para Arnheim, uma imagem serve de signo quando representa um conteúdo cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela. (...) A imagem é, pois, tanto do ponto de vista de seu autor quanto de seu espectador, um fenômeno ligado também à imaginação. (AUMONT, 1993, p. 77, 79 e 90)

Toda obra visual possui elementos básicos, como ponto, linha, forma, direção, tom, cor, textura, dimensão, escala e movimento, no entanto eles estão unidos e formando o todo. Para compreender profundamente a obra é necessário decompô-la em partes.

Porém, é necessário que compreendamos que a composição de texto verbal e de um visual são diferentes. De forma simplificada, o discurso verbal é comandado pela ordem da

subordinação, na qual os componentes (sujeito, predicado, complemento) determinam a inteligibilidade do discurso. Se mudarmos a ordem do texto, o mesmo tem grandes chances de não ser compreendido. Porém, o discurso não-verbal está baseado na analogia que se estabelece entre seus componentes. Dessa forma, a imagem obedece às regras da visualidade, que são as definidas pela capacidade de entendimento do homem e pela interação entre sua mente e seu olho.

No momento da composição de uma foto, o fotógrafo tem a sua disposição uma série de possibilidades e suas escolhas nunca são desprovidas de intenção e são elas que influenciarão na maneira de compor os elementos. Assim, o fotógrafo decide o que será enquadrado e o que será deixado fora da imagem. Ao mesmo tempo, ao codificá-la, o leitor tem a possibilidade de escolher os elementos para o qual dará atenção ou não. Através do enquadramento escolhido o fotógrafo pode limitar o seu olhar.

O enquadramento é algo muito estranho porque o que está fora é quase mais importante do que o que está dentro. Costumamos olhar um enquadramento pelo que ele contém, num quadro, numa foto ou num filme. Normalmente, pensamos no que está no interior. Mas o verdadeiro ato de enquadrar consiste em excluir algo. Acho que o enquadramento se define muito mais pelo que não se mostra do que pelo que se mostra. Há uma escolha contínua quanto ao que será excluído. Para mim é a parte mais importante de todo processo (...) (JANELA, 2003).

Cada vez que um recorte é escolhido, deixam-se de lado incontáveis possibilidades de mostrar ou expor aquele fato. Deixando transparecer a verdadeira intenção do autor ao compor aquela imagem. Ao analisar o enquadramento é possível constatar um pouco dessas intenções.

Segundo, Dondis (2003), para uma leitura correta da imagem é necessário ultrapassar os poderes visuais inatos ao ser humano, as capacidades intuitivas existentes e programadas para a tomada de decisões visuais comuns. Esse processo ele denominou de alfabetismo visual, pois para ele, além de oferecer um conjunto de informações e experiências compartilhadas, o alfabetismo visual proporciona uma compreensão mais profunda da imagem.

Existem importantes elementos que fundamentam o processo acima citado. A partir desse momento, os apontaremos e os definiremos, resumidamente.

3.4.1 Ponto

O ponto é o elemento visual mais simples e tem a capacidade de atração visual do olhar. Ele está presente tanto nas ilustrações, quanto nas fotografias. Na primeira ele compõe as linhas que dão forma ao desenho, já na segunda, ele está presente nos pixels que a formam.

Quanto mais pontos uma imagem possuir e mais nítida e clara a ela for, mais verossímil ela será com o real e, por consequência, maior será a imersão do leitor e a crença no que está sendo representado na imagem.

3.4.2 Linha

A linha é uma sucessão de pontos que transmite energia. Ela nos permite separar os diferentes planos e objetos da composição, também serve para criar a idéia de volume, além de aumentar a sensação de direção, pois é decisiva e nunca é estática.

A linha cria formas, cujas básicas são o quadrado, triângulo e o círculo. O primeiro se associa à honestidade, exatidão e esmero; o segundo se associa à ação, ao conflito e à tensão; já o último está associado à intimidade, calidez e proteção. “Todas as formas básicas expressam três direções visuais básicas e significativas: o quadrado, a horizontal e a vertical; o triângulo, a diagonal; o círculo, a curva.” (DONDIS, 1997).

3.4.3 Plano e espaço

Segundo Vilches, o espaço permite a discriminação dos objetos segundo um eixo vertical e um eixo horizontal. No eixo vertical é possível ordenar os objetos em relação às zonas superiores ou inferiores, ao passo que o eixo horizontal permite ordenar os elementos da direita e da esquerda.

Os planos são percebidos nas imagens através da sobreposição das figuras, que nos permitem diferenciar os sujeitos e objetos que estão mais perto ou mais longe, intensificando assim a ideia de planos. A perspectiva também ajuda a criar a ideia de planos, pois dá à imagem a noção de profundidade.

3.4.4 Forma

Segundo Dondis (2003) é a linha quem cria a forma e através dela surgem diferentes imagens. A forma pode ser um ponto, uma linha, um plano ou um volume.

De acordo com Guimarães, as formas circulares fazem com que se preste mais atenção na imagem, enquanto que o triângulo direciona o olhar do leitor para a próxima imagem. De acordo com o mesmo autor, vivemos em um mundo dominado pelo quadrado, a maior parte

das formas visuais utilizadas possuem esse formato. Isso pode ser facilmente constatado ao observarmos as telas das televisões, o formato das revistas, jornais e livros, das janelas e muitas outras coisas a nossa volta.

3.4.5 Textura

Em uma imagem a textura está associada aos diferentes planos e formas de uma imagem, pois é através dela que conseguimos construir os planos. De acordo com Villafañe (2001) é um elemento que ajuda a criar a ideia de profundidade e tridimensionalidade.

3.4.6 Iluminação

A fotografia, principalmente, está baseada na luz, pois sem essa ela não existiria. Sendo assim, a iluminação possui um grande valor significativo e simbólico. Podemos classificar a luz como natural ou artificial, sendo esta última dura (com a presença de brancos e pretos intensos) ou suave (que consiste em uma iluminação difusa, com graduação tonal). A iluminação também pode ser de alta intensidade (predomínio de luzes intensas) ou de baixa intensidade (predomínio de sombras).

3.4.7 Contraste

Só é possível conhecer as coisas através do contraste, pois, na articulação visual, ele é uma força vital para a criação de um todo coerente. Em todas as artes, o contraste é um poderoso instrumento de expressão, o meio para intensificar o significado e, portanto, simplificar a comunicação. Não se pode esquecer, no entanto, de que a harmonia também é importante, pois o ser humano tende buscá-la nas coisas, mas através do contraste é possível chocar e chamar atenção, já que este último tem o poder de desequilibrar quem observa.

A harmonia reduz a tensão, racionaliza, explica e resolve a confusão. (...) No processo de ver, dependemos da observação, da justaposição interatuante dessas gradações de tom para ver os objetos. (...) A presença de contraste de tom também é essencial para a visão, pois somente com ele podemos decodificar os detalhes, a dimensão e outras propriedades visuais elementares. (...) Quando uma informação não está muito clara causa confusão e o contraste ajuda a acabar com isso. (...) Como estratégia visual para aguçar o significado, o contraste não só é capaz de estimular e atrair a atenção do observador, mas pode também dramatizar esse significado, para torná-lo mais importante e mais dinâmico. (DONDIS, 1997, p. 108, 109, 117 e 118)

O contraste na fotografia se dá na diferença de níveis de iluminação refletida, ou seja, entre sombras e luzes. Essa variedade se baseia nas oposições de claro e escuro e é essa variação que nos aproxima do realismo da representação.

3.4.8 Tonalidade / cor/ preto e branco

O tom aparece, na maior parte dos casos, na justaposição de intensidade de luz e sombra das coisas vistas. É a partir da variação de luz e sombra que vemos as coisas a nossa volta e é a variação de tom o instrumento que nos permite expressar a dimensionalidade do mundo e descrever a luz.

A cor e o tom coexistem, a diferença é que a primeira está associada a emoções, enquanto o segundo está ligado a questões de sobrevivência. Segundo Guimarães (2004), compreendemos a cor como propriedade ou qualidade natural dos objetos. Segundo o mesmo ela é “uma informação visual, causada por um estímulo físico, percebida pelos olhos e codificada pelo cérebro” (GUIMARÃES, 2004, p.12).

A cor está impregnada de informações e é uma das mais penetrantes experiências visuais. Quando a utilizamos com alguma intenção, ela torna-se um signo cultural. Por meio dos significados adicionados a ela, cria-se um vocabulário riquíssimo e de grande proveito para o alfabetismo visual.

A cor tem afinidade com as emoções e o amarelo, o vermelho e o azul, formam as três matrizes fundamentais. “O amarelo é a cor que se considera mais próxima da luz e do calor; o vermelho é a mais ativa e emocional; o azul é passivo e suave. (...) As cores menos saturadas levam a uma neutralidade cromática, e até mesmo à ausência de cor, sendo sutis e repousantes.” (DONDIS, 1997).

Levando em consideração que a cor pode informar, seu uso pode trazer resultados positivos e negativos. Através da utilização das cores é possível aumentar ou diminuir o crédito de determinado assunto.

Além disso, a cor também possibilita a criação do espaço plástico da representação, pois ela ajuda na definição de diferentes termos ou planos em uma imagem e contribui para dotar significado à representação. Segundo Guimarães (2003), a cor é certamente um significante de grande influência no direcionamento da informação, já que ela se antecipa aos outros elementos da composição e direciona a mensagem.

Podemos classificar as cores em quentes (tons entre o verde e o amarelo) e frias (tons entre o verde e o azul). As primeiras transmitem a sensação de aproximação do leitor,

fazendo com que ele se identifique. Já as cores frias, produzem uma sensação de afastamento do leitor, favorecendo, assim, um processo de distanciamento.

As cores podem também qualificar temporalmente uma representação. Os virados sépia estão associados à antiguidade da fotografia, já que é a dominante cromática de numerosos calótipos (Talbot) e daguerreótipos (Daguerre), devido às particularidades dos processos químicos empregados. As qualidades das emulsões fotográficas têm mudado ao longo da história da fotografia, sendo possível identificar determinados tipos de cromatismo associados a diferentes períodos da história da fotografia ou a estilos fotográficos.

Vale destacar que a utilização da imagem em preto e branco é uma opção discursiva carregada de significação, pois dota a fotografia de uma forte expressividade que explica a razão de inúmeros fotógrafos da imprensa ainda utilizarem esse tipo de técnica.

Por fim, a cor pode ser explorada para diversas finalidades funcionais e transfere significados e valores para cada grupo de informação a que é subordinada.

3.4.9 Perspectiva

De acordo com Arnheim (1980), as gradações perspectivas são responsáveis pela construção do espaço tridimensional e essas gradações são definidas como o crescimento ou diminuição progressiva de alguma qualidade perceptiva no espaço e no tempo.

3.4.10 Equilíbrio e tensão

O equilíbrio é a referência visual mais forte e firme no homem, sua base consciente e inconsciente faz avaliações visuais. O ser humano tem a tendência de seguir o sentido de leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo, sendo assim, as informações que estiverem na parte superior e no canto esquerdo da página serão mais facilmente observadas. Além disso, ao se aproximar muitos objetos, esses tendem a se atraírem, o que pode gerar confusão no leitor quando essa não for a intenção do autor.

A existência de dois hemisférios especializados em funções diferentes é um processo de desenvolvimento, e talvez nem seja um desenvolvimento evolutivo, já que muitos neurocientistas acreditam hoje que os dois hemisférios do cérebro humano já foram polivalentes como o de outros primatas e que teria sido o aumento na demanda por novas informações e uma necessidade de ocupação destas no córtex cerebral que teria provocado a perda das habilidades em cada um dos hemisférios. O fato é que o hemisfério direito é mais hábil para lidar com imagens, enquanto o hemisfério esquerdo para os processos da fala e da linguagem. Se para a informação do campo visual da esquerda que é construída no hemisfério direito do cérebro privilegiarmos a imagem, enquanto para a informação do

campo visual da direita que é construída no hemisfério esquerdo privilegiarmos a linguagem estruturada como a escrita, atingiremos a combinação adequada. (...) Ao organizar os signos para leitura da esquerda para direita, estamos disparando o olhar para primeiramente “ler” pelo hemisfério especializado na linguagem, o direito; nas grafias mais pictogramáticas como as orientais, que dependem mais da imagem, a leitura se faz no sentido contrário, disparando o olhar para primeiramente projetar a escrita para o hemisfério especializado em imagens, o esquerdo. Quem nunca se deparou com um estranho comportamento que é o de estar na sala de espera de algum lugar (dentista, médico, cabeleireiro) e começar a folhear uma publicação de trás para frente? Pois nada mais é do que ceder o comando da leitura para o hemisfério menos imagético, já que estamos numa leitura absolutamente descomprometida. (GUIMARÃES, 2005, p. 7 e 8)

Para equilibrar uma página são utilizados diversos recursos, como tamanho de fotografias e outros elementos gráficos que são pensados para que o leitor receba a informação de forma mais eficaz. Cria-se, com isto, um sentido de fazer parte, de ter ação, de estar “dentro” da imagem, imerso nela. “Tornar-se imagem também é uma forma de estar dentro, não pela presença em si, mas pela comprovação de ter participado e uma garantia, ainda que falível, de registro mnemônico acessível e não-perecível” (GUIMARÃES, 2007, p. 3).

A falta de equilíbrio causa no leitor um desconforto e isso, consequentemente, faz com que ele preste mais atenção naquela imagem. Sendo assim, quando há tensão em uma imagem o receptor é levado a pensar, pois a mesma lhe causa inquietação, já que abala algumas certezas e propõe diferentes modos de ver aquilo que é socialmente aceito, oferecendo novas informações.

Alguns fatores plásticos contribuem para a tensão. Quanto mais uma imagem se difere das formas simples, maior será a tensão, pois as formas geométricas são menos dinâmicas que as irregulares.

A representação dos elementos em perspectiva ou a presença de orientações oblíquas no modo de organizar os elementos no interior do enquadramento contribui para transmitir tensão ao espectador. Finalmente, a fragmentação das proporções do sujeito ou do objeto fotografado também é um fator que confere tensão.

3.4.11 Proporção

De acordo com Gomes (2000), a proporção implica em uma comparação entre dois ou mais elementos de uma composição. As relações das medidas das molduras do campo visual e as medidas das partes ocupadas por elementos nele montados podem ser arbitrárias ou

obedecer a uma ordem determinada intuitivamente. Logo, deve-se considerar também a proporção que se estabelece entre os lados de uma fotografia.

3.4.12 Distribuição dos pesos visuais

Os elementos contidos em uma imagem possuem pesos diferentes de acordo com sua localização, tamanho e iluminação. De modo geral, aceita-se que um elemento possui um peso maior, quanto mais perto da parte superior direita ele estiver, isso ocorre, porque, pela tradição ocidental, o homem costuma ler as imagens no sentido de leitura do texto verbal.

O tamanho maior de um componente visual, também pode dar a ele um peso maior na composição, nesse sentido, para dar equilíbrio à imagem, são utilizados outros elementos menores.

A iluminação afeta a composição, pois o tratamento superficial de um objeto, a sua textura perante um acabamento brilhante também é determinante no aumento de peso de um elemento visual no enquadramento.

3.4.13 Trajeto visual

Ao falarmos de imagem, o trajeto visual pode ser feito de várias maneiras. É complicado falar sobre o percurso do olhar nesse caso, pois as imagens são produzidas de modo complexo e deliberadamente livres. Segundo Flusser:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronidade imaginística por ciclos. Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis (FLUSSER, 1989, p.7)

O leitor da imagem cria uma narrativa própria, atribuindo nexos e sentidos para aquilo que está vendo. Ele transforma os fatos captados por sua percepção em símbolos mais ou menos complexos. Dessa forma, ele é capaz de entender a mensagem da imagem.

3.4.14 Oposições de efeito

Dondis (2003, p.141-159) relata várias situações compositivas, em termos de polaridade que dão suporte para a análise das imagens. Abaixo as descreveremos resumidamente.

Equilíbrio/instabilidade: no equilíbrio existe um centro de suspensão a meio caminho entre dois pesos. Já a instabilidade é a ausência de equilíbrio, o que pode criar uma composição visual inquietante e provocadora.

Simetria/assimetria: a primeira define-se como equilíbrio axial, que pode dar a ideia de uma imagem estática. A assimetria traz consigo a ideia de inquietude e, muitas vezes provoca o leitor.

Regularidade/irregularidade: a regularidade zela pela uniformidade de elementos, já a irregularidade dá destaque ao inesperado e incomum.

Simplicidade/complexidade: a ordem baseia-se na simplicidade, uma técnica que envolve a utilização de elementos livres de complicações. Seu oposto é formado por várias unidades e formas que derivam um complicado processo de organização.

Unidade/fragmentação: a unidade propõe a percepção dos elementos enquanto totalidade e, a fragmentação, a decomposição desses elementos em partes separadas, que se relacionam, mas conservam seu caráter individual.

Economia/profusão: a primeira propõe o uso limitado de elementos, enquanto que a segunda é cheia de detalhes e ornamentações.

Minimização/exagero: a minimização procura alcançar do leitor a máxima resposta a partir de elementos mínimos. E o exagero utiliza um relato abundante e extravagante.

Previsibilidade/espontaneidade: ser previsível sugere ordem ou plano extremamente convencional, já a espontaneidade é uma técnica impregnada de emoção, impulsiva e livre.

Atividade/passividade: a primeira deve refletir movimento e dinamismo, sendo que a passividade transmite a ideia de repouso e tranquilidade.

Sutileza/ousadia: uma composição baseada na sutileza foge ao óbvio e persegue a delicadeza e refinamento dos materiais plásticos empregues, o contrário ocorre com a ousadia.

Neutralidade/ênfase: a neutralidade é menos provocadora, procurando vencer a resistência do observador da imagem. Já a ênfase é o realce de uma coisa sobre um fundo onde impera a uniformidade.

Transparência/opacidade: a primeira envolve objetos através dos quais se pode ver, e a segunda é o seu contrário.

Coerência/variação: a estabilidade ou coerência compositiva baseia-se na uniformidade e compatibilidade formal dos elementos, e seu oposto oferece diversidade.

Exatidão/distorção: este par define o grau de distorção da imagem, podendo estar ligado à perspectiva reforçada pela técnica do claro-escuro.

Superfície/profundidade: regidas pelo uso ou ausência da perspectiva com o objetivo de sugerir ou eliminar a aparência natural de dimensão.

Singularidade/justaposição: a primeira se utiliza de um tema isolado, e a segunda usa diferentes estímulos visuais.

Sequencialidade/acaso: a sequencialidade utiliza uma série de elementos visuais dispostos segundo um esquema rítmico, uma ordem lógica. E o acaso supõe uma desorganização intencional ou apresentação acidental de uma informação visual.

Clareza/ambiguidade: a agudeza está vinculada à clareza da expressão visual, o que facilita a interpretação da mensagem, enquanto que a ambiguidade a confunde.

3.4.15 Campo fotográfico

O campo fotográfico diz respeito ao espaço representado na imagem. No entanto, para a compreensão e interpretação do campo visual é necessário destacar que existem elementos que não estão presentes naquela imagem, mas que existem fora dela. Porém, mesmo estando fora do campo, alguns elementos podem ser identificados pelos outros objetos presentes na imagem.

3.4.16 Espaço fotográfico

O espaço que compõe uma imagem pode ser aberto ou fechado. Ao falar em espaço aberto, deve-se considerar várias implicações determinantes que relacionam o sujeito ou objeto fotografado à fruição que a imagem provoca no leitor. O mesmo ocorre com o espaço fechado e é nesse tipo de espaço que podemos encontrar as imagens sangradas.

Deve-se levar em consideração também se o espaço da fotografia é interior ou exterior. Saber em que ambiente aquela foto foi tirada é importante, pois os elementos que compõe esse espaço também estão carregados de significados.

Além disso, existe o espaço concreto e abstrato. O primeiro trata de um espaço específico e identificável, enquanto o segundo não possui elementos que informam ao leitor onde aquela imagem foi tirada.

3.4.17 Atitude dos personagens

Para analisar uma imagem, deve-se prestar atenção nas atitudes que estão sendo tomadas, por aquelas pessoas que a compõe, pois os gestos e expressões das mesmas estão carregados de significações.

O olhar dos personagens também pode dizer muito. O olhar direcionado para a câmera, em muitos casos, atesta a presença do dispositivo mecânico naquele ambiente e ao mesmo tempo, pode desafiar o leitor, pois este tem a impressão de que o personagem está olhando diretamente para aquele que realiza a leitura.

O olhar de uma pessoa pode também direcionar a leitura do espectador, já que este último dirige seu olho para onde o do personagem está.

3.4.18 Qualificadores

As expressões faciais e corporais, a integração e interação com o ambiente e entre os próprios personagens vão qualificar a expressividade da imagem, o que ela expõe, seu conteúdo e sua poética visual. Esses qualificadores podem atestar a presença do fotógrafo, já que é ele quem faz essas escolhas e delimita os contornos dados à imagem.

3.4.19 Enunciação

Para compreender o que está sendo enunciado na imagem é necessário que o leitor perceba os indícios deixados pelo fotógrafo e desse modo consiga entender o que pretende ser passado com aquela figura.

Como a imagem também é texto, ela precisa ser codificada e compreendida, dessa maneira, o leitor deve ligar suas experiências passadas e adicioná-las às novas informações que estão sendo passadas.

Quando vemos uma imagem não percebemos somente sua estrutura visual, mas também a interpretamos como um texto não escrito que precisa ser lido. A linguagem visual se completa com a linguagem da imagem. Quando um observador comunica a outra pessoa o que vê, realiza uma leitura e um ato de comunicação. A imagem se apresenta como um conjunto de proposições implícitas. Estas proposições (por exemplo, se vemos uma foto de Margaret Thatcher a proposição será “existe aqui a primeira ministra da Inglaterra) se atualiza quando o leitor recorre a sua própria enciclopédia cognitiva (reconhecimento do personagem, relembrar seu nome, saber que é um primeiro ministro, saber que a Inglaterra é uma monarquia, etc), ou seja, atualizar o conhecimento e a experiência que tem do mundo através da informação recebida e acumulada em sua memória. Isto é o que os linguistas chamam de competência semântica e esta é a base para termos um ponto de vista sobre a imagem, uma compreensão precisa e definida sobre algo e

que pode ser comunicada a outros em forma de opinião e certeza. (VILCHES, 1987, p. 39-40 – *tradução nossa*)²

Dependendo do tipo de imagem, o leitor pode se identificar ou se distanciar daquilo que está sendo mostrado. Segundo pesquisadores da Universidad de Beira Interior Colvilhã, a identificação é mais frequente nas fotografias em que a impressão de realidade está mais presente. No entanto, o distanciamento ocorre quando o espectador está consciente da natureza artificial da imagem. Sendo assim, quanto mais real a imagem, mais identificação causará no leitor.

Apesar da grande gama de interpretações que dada imagem possa ter é errôneo afirmar que qualquer leitura de imagens estará correta. Para conseguir realizar uma interpretação adequada é imprescindível levar em conta os indícios apresentados pelos elementos da composição. Logo, o caráter metafórico (aberto) de numerosas propostas fotográficas deve vincular-se à identificação de isotopias e de conexões isotópicas no próprio texto fotográfico.

Segundo Vilches (1987), a estrutura de leitura pressupõe que o leitor necessita de alguns elementos básicos para compreender o jogo comunicativo e esses são marcos referenciais da comunicação.

Cada imagem apresenta uma estrutura perceptiva sobre a qual o leitor relaciona elementos visuais a uma visualização abstrata (cor, espaço, formas abstratas, iconografias, etc), ao mesmo tempo os relaciona com elementos da enunciação de modo que vê na fotografia a intenção do fotógrafo e do jornal para o qual ele trabalha. (VILCHES, 1987, p. 110 – *tradução nossa*)³

² Texto original: Cuando vemos una imagen no percibimos solamente su estructura visual sino que también la interpretamos como si se tratara de un texto no escrito que ha de leerse. El lenguaje de la visión se completa con el lenguaje de la imagen. Cuando un observador nombra o comunica a otro lo que ve, realiza una lectura y un acto de comunicación. La imagen se presenta como un conjunto de proposiciones implícitas. Estas proporciones (por ejemplo, si vemos una fotografía de Margaret Thatcher la proposición será “he aquí a la primera ministro de Gran Bretaña”) se actualiza cuando el lector recurre a su propia enciclopedia cognoscitiva (reconocimiento del personaje, recuerdo de su nombre, saber qué es un primer de ministro, saber que Gran Bretaña es una monarquía, etc), es decir, actualización del conocimiento y experiencia que tiene del mundo a través da información recibida y acumulada en su memoria. Esto es lo que los lingüistas denominan una competencia semántica. Y está es la base de lo que conocemos por tener un punto de vista sobre la imagen, una comprensión precisa y definida sobre algo y que puede ser comunicada a otros en forma de opinión o certeza. (p. 39 e 40)

³ Texto original: Cada imagen presenta una estructura perceptiva sobre la cual el lector relaciona elementos visuales en una vinculación abstracta entre sí (colores, espacios, formas abstractas e iconográficas, etc), pero al mismo tiempo os relaciona con elementos de la enunciación, es decir, del modo en que vienen fotografiados, la intencionalidad del fotógrafo y del periódico y lo que se espera que el lector haga con ellos. (p. 101)

De acordo com Bordieu (1965), compreender adequadamente uma fotografia não é apenas retornar às significações explícitas pelo seu autor, é também decifrar os significados que partem do simbolismo de uma época, classe ou grupo artístico.

3.5 Relação inter-textual

De acordo com Norval Baitello Jr (2005), todo texto, por definição, se relaciona com outro texto. De acordo com o mesmo autor:

Na construção de um conjunto de imagens, sejam elas pertencentes ao universo icônico visual ou sonoro, sejam elas pertencentes a outros universos (verbais, performáticos, olfativos, gustativos), é notável a utilização de imagens precedentes como referência e como suporte de memória. Assim, a representação de um objeto não é apenas a representação de algo existente no mundo (concreto, das coisas, ou não concreto, das não coisas), mas também uma re-apresentação das maneiras pelas quais este algo foi já representado. Em outras palavras, em toda imagem existe uma referência às imagens que a precederam. Ou seja, toda imagem se apropria das imagens precedentes e bebe nelas ao menos parte de sua força (BAITELLO JUNIOR, 2005, p.95).

A força de uma imagem dá-se pelas referências que a mesma faz com outras imagens. Dessa maneira, é importante estar atento para as menções presentes nas fotos a serem analisadas.

Além de se relacionarem com outras imagens, em um jornal as fotografias e as gravuras também possuem ligação com o texto escrito, que compõe a matéria na qual estão inseridas e com o próprio jornal. A leitura de imagens em um jornal impresso, segundo Vilches (1987), acontece de modo particular:

O jornal forma um texto indissolúvel e cada parte está relacionada com as demais. O comportamento textual do jornal não significa que devemos lê-lo como uma novela, do princípio ao fim. Podemos dizer que de certo modo o jornal se constitui em forma de cubos, um jogo de destrezas físico-perceptiva. Estes cubos podem começar a compor por qualquer uma de suas faces; deter a composição em um sentido para continuar com outra, voltar a anterior, etc., mas todas as suas partes seguem interdependentes. Esta estrutura em cubos, ao mesmo tempo caracteriza o periódico em seus dizeres comunicacionais. Por exemplo, no caso da televisão a leitura está regida pelo princípio da continuidade de programas e o espectador não pode ir para frente ou para trás simplesmente porque sua estrutura está construída em forma de continuidade temporal. Seguindo com a analogia do jogo de cubos, o leitor pode, no jornal, ler uma informação começando com o título, seguido pelo primeiro parágrafo do texto, mas também pode observar a foto, ler o título e ao invés de ler o texto seguir para a página seguinte com outra foto, ler sua legenda, um lead, etc. Logo pode fazer o mesmo com a outra

página e voltar a anterior ou passar três páginas para ver a programação do cinema, etc. Evidentemente o leitor não busca ter uma leitura exaustiva do jornal pois se deixa guiar pela forma sensível do jornal que organiza o campo perceptivo e textual em função de uma consciência intencional, de uma intencionalidade comunicativa global não exaustiva. Assim, o jogo de leitura de um jornal está cheio de vazios, de elos, de intervalos (como diz Deleuza, 1984) entre uma imagem e outra, entre uma percepção e outra, entre um texto e outro, e todos esses saltos produzem o sentido e o significado do periódico. (VILCHES, 1987, p. 54 – tradução nossa)⁴

De acordo com o mesmo autor, acima citado, a foto de jornal se encontra estritamente determinada pelo seu contexto físico e pela superfície ocupada pelos títulos e textos. De forma mais evidente, é possível perceber essa relação quando observamos a forte ligação que existe entre a fotografia e sua legenda. Dessa forma, muitas vezes, o texto escrito facilita a compreensão das imagens.

Sobre o conhecimento da legenda da foto, poderíamos dizer que ela é o conjunto de marcas informativas que tendem a explicar em um registro escrito elementos espaciais, temporais e autorais da foto. Todas essas marcas informativas são (desde a teoria semiótica) referências espaço-temporais e formam a dêixis. A dêixis é um modo particular de atualização de certas competências. Assim, a dêixis jornalística poderíamos dizer que é a transformação em discurso informativo das regras da notícia a propósito de um acontecimento. O quem, quando, onde, da informação se convertem nas pegadas dos personagens, no espaço e tempo da foto. (VILCHES, 1987, p. 73-74 – tradução nossa)⁵

⁴ Texto original: El periódico forma un texto indisoluble y cada parte está relacionada con las demás. El comportamiento textual del periódico no significa que haya de leerse como una novela, de principio a fin. Podríamos decir que en cierto modo el periódico tiene la forma de un cubo comecocos, un juego de destreza físico-perceptiva. Estos cubos se pueden comenzar a componer por cualquiera de sus caras, detener la composición en un sentido para continuar con otra, volver a la anterior, etc., pero todas sus partes siguen estando interdependientes. Esta estructura de cubo comecocos, al mismo tiempo que caracteriza al periódico en sus dios de comunicación. Por ejemplo, en el caso de la televisión la lectura está regida por el principio de la continuidad de programas y el espectador no puede ir adelante y atrás (hacer elipsis) simplemente porque su estructura está construida en forma de continuidad temporal. Siguiendo con la analogía del juego del cubo, el lector puede, en el caso del periódico, leer una información comenzando por el título, seguir con el primer párrafo del texto, pero también mirar la foto, leer el título, y en vez de leer el texto seguir en la página siguiente con otra foto, pie de foto, un lead, etc. Luego puede hacer lo mismo con la otra página y volver a la anterior o saltarse tres páginas para ver la cartelera de cines, etc. Evidentemente, el lector no busca tener una lectura exhaustiva del periódico sino que se deja guiar por la forma sensible del periódico que organiza el campo perceptivo y textual en función de una conciencia intencional, de una intencionalidad comunicativa global pero no exhaustiva. Así, el juego de la lectura de un periódico está lleno de vacíos, de huecos, de intervalos (como diría Deleuza, 1984) entre una imagen y otra, entre una percepción y otra, entre un texto y otro texto, y todos estos saltos producen el sentido y el significado del periódico. (p. 54-55)

⁵ Texto original: En lo concerniente al pie de foto, podríamos decir que es el conjunto de marcas informativas que tienden a explicitar en un registro escrito elementos espaciales, temporales y actoriales de la foto. Todas estas marcas informativas son (desde la teoría semiótica) referencias espacio-temporales y forman la deixis. La deixis es un modo particular de actualización de ciertas competencias. Así, la deixis periodística podríamos decir que es la transformación en discurso informativo de las reglas de la noticia a propósito de un acontecimiento. El

No entanto, Vilches (1987) destaca ainda que em nenhum momento a imagem é mais simples que o texto escrito, pois esta também possui uma estrutura complexa. Não devemos pensar na imagem como uma ilustração da matéria, pois ela tem autonomia própria e deve ser considerada um texto informativo. A fotografia também revela particularmente certos processos de reconhecimento e identificação, mas, quando bem casada com a matéria, não nega o que foi dito no texto verbal.

Tanto a imagem quanto o texto escrito são elementos textuais que se apóiam em processos cognitivos do leitor e podem originar diversas possibilidades simbólicas.

Em resumo podemos dizer que a) o conteúdo da foto de jornal tende a representar-se de forma espetacular através de uma colocação em cena da notícia construída para tais efeitos. b) esta colocação em cena se organiza segundo modelos que correspondem tanto aos gêneros da comunicação de massa quanto aos gêneros rotineiros de cada jornal; c) o conteúdo fotográfico, como a representação da foto no jornal, responde a certas expectativas do leitor que se referem especialmente a três aspectos: a atividade cognitiva de cada leitor, as competências intertextuais e o rol de contexto. (VILCHES, 1987, p. 92 – tradução nossa) ⁶

Em uma foto existem coisas que não podem ser ditas em um texto escrito. É como se uma foto pudesse ultrapassar a fronteira da objetividade, da transparência da informação e da verdade, transformando-se assim em um lugar onde desaparecem todos os referentes além da própria imagem.

No entanto, existem fotos que por si só já conseguem ser compreendidas, sem que haja a necessidade de recorrer para a legenda ou para o texto escrito e são essas que exercem a forma mais clara da comunicação.

Importante salientar que as relações, estudadas por teóricos da Comunicação, entre as mensagens das fotografias e dos textos verbais, são vistas nos jornais principalmente entre manchetes e títulos. Por isso, é natural que leitores despreocupados vejam as imagens apenas como exemplificações do que está impresso na escrita jornalística. Mas, elas não possuem somente tal

quién, cuándo, dónde, de la información se convierte en las huellas que sejan los peonajes, el espacio y el tiempo en la foto. (p. 73-74)

⁶ Texto original: En resumen podemos decir que: a) el contenido de la foto de prensa tiene a representarse de una forma espectacular a través de una puesta en escena de la noticia construida para tales efectos. B) esta puesta en escena se organiza según modelos que corresponden tanto a los géneros de la comunicación de masas como a los géneros rutinarios de cada período; c) el contenido fotográfico, como la presentación de la foto en el periódico, responde además a ciertas expectativas del lector que se refieren especialmente a tres aspectos: la actividad cognoscitiva de cada lector, las competencias intertextuales y el rol del contexto. (92)

função. Podem ser colocadas para complementar, dramatizar alguma situação, chamar atenção de consumidores ou ainda trazer mensagens subliminares (FERREIRA, PAIVA; SALIM 2007, p.6).

Pensando nas imagens fotojornalísticas destacaremos as principais funções exercidas pelas imagens desse gênero.

3.6 Funções da imagem fotojornalística

É evidente que ao criar uma imagem, seu produtor tem a intenção de estabelecer através dela uma comunicação com os leitores que a observarão. Sendo assim, de acordo com Aumont (1993), podemos dizer que são estabelecidos três modos de relação entre as imagens e o seu receptor.

O autor destaca primeiramente o domínio simbólico da imagem, pois crê que este é o ponto crucial na mediação entre espectador/observador, pois, desde seu início, as imagens tinham a intenção de servir como símbolos, principalmente religiosos.

Tanto como imagens representativas e figurativas como também, puramente simbólicas (a cruz cristã, por exemplo), cuja função é conhecida desde a pré-história, destacando-se a Idade Média, e ainda hoje é atual. Porém, os simbolismos não são apenas religiosos, e a função simbólica das imagens sobreviveu muito à laicização das sociedades ocidentais, quando mais não seja para veicular os novos valores (a Democracia, o Progresso, a Liberdade, etc.) associados às novas formas políticas (AUMONT, 1993, p.80).

Depois, Aumont aborda o valor epistêmico da imagem, que diz respeito às informações visuais que a imagem traz sobre o mundo e que lhe proporciona a dimensão de instrumento de conhecimento. Nesse tipo de relação podemos citar como exemplos os mapas, as cartas de baralho, os cartões postais e mais uma infinidade de imagens. Essa função foi consideravelmente desenvolvida e ampliada desde o início da era moderna com o aparecimento de gêneros “documentários”, como a paisagem e o retrato. Finalmente, Aumont destaca o valor estético da imagem. Isso ocorre quando ela é destinada a agradar Ao olhar do espectador e lhe oferecer sensações específicas.

Vale destacar que a função da imagem depende de seu significado, do lugar em que está sendo veiculada e todos os outros pormenores que implicam sua exposição ao público leitor. Flusser (1985) afirma que:

Fotografias do homem na lua podem transitar entre revista de astronomia e parede de consulado americano, daí para exposição artística, e daí para

álbum ginasiano. A cada vez que troca de canal, a fotografia muda de significado: de científica passa a ser política, artística, privativa. (...) O fotógrafo colabora nessa transcodificação da fotografia pelos aparelhos de distribuição. Ao fotografar, visa a determinado canal para distribuir sua fotografia. (...) (FLUSER, 1985)

De todo modo, a fotografia possui elementos bem característicos dentro do amplo campo da imagem. Alguns autores a consideram um elemento de passagem entre a imagem pictórica e o cinema, outros a veem apenas como produto tecnológico, alguns como registro/memória e expressão simbólica, outros como mera ilustração.

Para Kamper (2002), a imagem é criada pelo homem com a finalidade de vencer a morte, ou seja, tem a função de registro, de duração e de sobrevivência. Para Pross a essência da fotografia é a de pensar ao mesmo tempo na vida e na morte. Sendo assim, a imagem tem a função de eternizar aquilo ou aquele que nela está, pois mesmo que a pessoa morra ou o objeto deixe de existir, enquanto houver aquela imagem é como se essas coisas ainda existisse de algum modo.

Quando se pensa em ilustração, o seu objetivo básico é referencial, pois se trata basicamente de levar uma informação que em geral significa a expansão de uma mensagem verbal.

A reflexão sobre a relação entre homem e fotojornalismo é importante para entender como ocorre o contato entre a linguagem visual e seu receptor. Essas reflexões também evidenciam o modo como o homem contemporâneo lida com a linguagem visual. Ao elencarmos os recursos técnicos que definem a imagem, buscamos compreender como são feitas as escolhas que determinam a imagem final.

Conscientes das questões acima levantadas é possível encontrar algumas respostas, ainda que não definitivas, sobre os efeitos das imagens na sociedade atual e suas influências. Os conceitos explanados até o momento nos ajudam a enxergar a imagem como meio de comunicação eficaz e os processos desencadeados por ela.

O que foi apontado até agora é importante para encontrar um modo mais adequado de ler imagens, que pode tornar o homem mais ciente de suas opções, desejos, fantasias, pensamentos e representações, além de se permitir sensações, sentimentos e alegrias que a fotografia é capaz de proporcionar enquanto imagem técnica.

No entanto, faz-se necessário, antes de concluirmos este capítulo, falar um pouco sobre as particularidades do jornalismo on-line, já que ao longo do trabalho também serão analisadas algumas imagens publicadas nesse veículo.

3.7 A linguagem do jornalismo on-line e impresso

Ao estudar a linguagem do jornalismo impresso e digital, observam-se algumas semelhanças básicas. Em ambos os tipos o jornalista procura identificar eventos, fatos, experiências ou opiniões que possam ser de interesse do seu leitor ou de determinada audiência; coleta as informações necessárias para desenvolver a idéia inicial e para verificar sua exatidão e relevância; seleciona do material coletado as informações que forem de maior valor e interesse para o leitor; e ordena e apresenta a matéria com total precisão e veracidade, de modo que informe, estimule ou entretenha o seu leitor. Apesar de no jornalismo on-line esse processo ocorrer mais rapidamente, os jornalistas também procuram realizar essas etapas da maneira mais correta possível, pois se uma notícia passar uma informação errada corre-se o risco de perder a credibilidade perante os leitores.

No entanto o jornalismo digital diferencia-se do jornalismo praticado nos meios de comunicação tradicionais pela forma de tratamento dos dados e pelas relações que são articuladas com os usuários. Por sua vez, sendo a Internet uma mídia bastante distinta dos meios de comunicação clássicos – televisão, rádio, cinema, jornal e revista - o jornalismo digital deve considerar e explorar a seu favor cada uma das características que diferenciam a rede mundial desses veículos.

A entrada de jornais e revistas na internet inaugura um novo veículo de comunicação que reúne características de todas as outras mídias e que tem como suporte as redes mundiais de computadores. O jornalismo digital representa uma revolução no modelo de produção e distribuição das notícias. O papel vai cedendo lugar a impulsos eletrônicos que podem viajar a grandes velocidades pelas auto-estradas da informação. Estes bits podem ser atualizados instantaneamente na tela do computador na forma de textos, gráficos, imagens, animações, áudio e vídeo; recursos multimídia que estão ampliando as possibilidades da mídia impressa. (PINHO, 2003, p.113)

Uma das características marcantes dos jornais on-line é a rapidez com que a informação chega ao leitor, segundos depois do ocorrido, a notícia está postada na rede e o internauta pode conferir todos os detalhes daquele acontecimento em tempo real. Mas, na busca desenfreada pelo furo de reportagem, muitas gafes são cometidas, como falta de checagem da notícia, o que acaba diminuindo a credibilidade. Por esse motivo, muitas pessoas têm o hábito de conferir a notícia que foi lida no jornal digital em outro segmento do jornalismo, principalmente na edição impressa, pois esta última traz consigo a ideia de maior credibilidade.

Para que um site obtenha sucesso é necessário que os jornalistas procurem explorar ao máximo o potencial interativo da web. Enquetes e fóruns de discussão são os recursos mais comuns para estimular a participação do leitor e, adicionalmente, conquistar sua fidelidade.

A distribuição dos elementos da página principal deve observar a mesma regra adotada nos jornais impressos: as informações mais importantes são colocadas na metade superior, que é a parte que a maioria dos leitores lê primeiro. “muitas pessoas”, explica Guizzo (2003:38), “não fazem uso da barra de rolagem e só veem as informações que aparecem na tela quando a página é carregada”. Esse espaço deve ser ocupado nos jornais on-line pelas manchetes e notícias mais recentes e importantes, pelos links mais procurados e pelos canais e editoriais da publicação eletrônica, como economia, esportes, finanças, saúde, política e meteorologia. (PINHO, 2003, p. 147)

Enquanto as informações nos jornais impressos são organizadas em cadernos, no jornal on-line o conteúdo é organizado em páginas eletrônicas. As páginas são ligadas entre si, por um recurso chamado link ou hiperlink – que pode ser traduzido como elo, ligação – e isso permite que o internauta possa “folheá-las” ou navegá-las a partir de seu computador. O conceito de link, contudo, não se restringe apenas à navegação entre páginas. Ele é mais amplo: é a possibilidade de interligar qualquer “documento” (arquivo) da web, sejam estes animações, vídeos, sons, gráficos, fotos ou páginas HTML.

O público da web é diferente dos outros públicos. Em um conhecido estudo para verificar padrões de leitura dos internautas, Jakob Nielsen (2002) destacou, como principal achado, que as pessoas raramente lêem palavra por palavra as páginas da web. Em vez disso, os usuários corriam os olhos nas páginas, selecionando palavras isoladas.

Portanto, o principal tipo de audiência na Web são os leitores considerados scanners, que se limitam a fazer uma leitura por varrimento visual, em busca de palavras ou frases que façam parte do seu quadro de interesse. Uma tipologia de leitores mais completa é proposta por Hammerich & Harrison (2002: 40-41), cuja classificação está inspirada nas atividades ou ações tomadas pelos usuários na leitura de material impresso: superficial, por varrimento, intensiva e extensiva. (PINHO, 2003, p. 192)

De acordo com Pinho (2003) assim como no meio impresso o uso de imagens deve: reforçar o texto, tornar o texto mais elaborado, destacá-lo e substituí-lo, mas não deve ser sem sentido e um objeto de distração do leitor.

3.7.1 Princípios de design para a Word Wide Web

Assim como no jornal impresso, na rede também existem alguns princípios básicos para a configuração do espaço digital. Eles são bem parecidos, mas este último possui algumas pequenas particularidades.

Em relação ao branco, também é essencial que exista um balanço adequado entre o conteúdo e o espaço em branco, pois sem um bom balanço entre esses elementos os olhos ficam confusos e não há uma progressão visual para seguir, o que faz com que o leitor perca o interesse. Portanto, os espaços em branco devem ser parte integrante do design de uma página na web e empregados para permitir a leitura mais fácil e a melhor compreensão do texto ou ainda indicar ao internauta onde começa e onde termina uma seção.

A combinação das cores deve ser cuidadosa. Elas não apenas precisam combinar entre si dentro de um mesmo espaço, como devem também criar um estado de espírito ou efeito visual. As cores corretas podem então transmitir sentimentos de excitação, urgência, calidez, contentamento, ou destacar intencionalmente certos elementos em relação a outros que estão presentes no conjunto.

Já a sequência diz respeito à condução do leitor pelos elementos da página. Como os olhos movimentam-se habitualmente da esquerda para a direita e de cima para baixo, o designer pode dispor os elementos para que eles comecem se fixando no ângulo superior esquerdo e desçam progressivamente em diagonal da esquerda para a direita e de cima para baixo. No movimento em “Z”, a maneira mais comum de controlar e conduzir os olhos, os elementos são colocados no caminho do que pode ser considerado o movimento normal da vista.

Mas os olhos também movem-se naturalmente no sentido dos grandes para os elementos menores, dos elementos pretos para os mais claros ou mais luminosos, da cor para a ausência de cor, das formas usuais para as não-usuais. Sabendo disso, o designer pode iniciar a movimentação do olhar a partir de qualquer lugar e depois controlar a sequência de outra maneira: abrindo novos caminhos e demarcando-os com clareza, para que os olhos não se percam. (PINHO, 2003, p. 160)

Entendido como a distribuição do peso pelo espaço, o balanço pode ser formal (simétrico) ou informal (assimétrico). No balanço formal, cada elemento que vai em um lado da página é repetido do outro, seja na horizontal ou na vertical. No balanço informal isso não ocorre: os vários elementos da página se põem com pesos desiguais de um e de outro lado,

sem ferir a ponderação do conjunto, pois essas partes desiguais são, na verdade, equivalentes entre si.

O contraste é vital para conformar de maneira visual as intenções do designer. A antiga sensação de repouso e as formas balanceadas perderam muito de sua importância nos dias atuais, em que a tensão é fortemente insinuada para suscitar extremos suportáveis de excitação. É por isso que a melhor relação entre os elementos de um layout é dada pela categoria contrastante em vez da concordante ou confiante. (PINHO, 2003, p. 163)

Um dos mais importantes princípios de design, a unidade, deve ser o resultado natural da composição de todas as partes, de maneira que, visualmente, essas partes constituam um todo agradável e eficiente.

Ao longo da análise deste trabalho não foram encontradas muitas imagens de crianças nos sites dos respectivos jornais impressos que serviram de corpus para esta pesquisa. Por esse motivo, serão poucas as imagens analisadas que foram publicadas na web.

Talvez pelo imediatismo desse veículo e pela complexidade que é tirar fotos de crianças, muitos dos jornais preferiram publicar esse tipo de imagem apenas nas edições impressas. Em quase nenhum jornal on-line existia fotos de crianças.

Depois de refletir sobre a influência das imagens, faz-se necessário falar um pouco sobre a teoria da comunicação que serviu de base para a análise das imagens que formam o corpus deste trabalho. Será exatamente sobre isso que trataremos no seguinte capítulo.

4 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Tendo como base a Semiótica da Cultura torna-se possível uma investigação voltada para os fenômenos produzidos pela fotografia e as imagens, com o intuito de descobrir, a partir da análise das “estruturas de superfície” da imagem, outras estruturas de sentido mais profundas e apenas compreensíveis à luz dos códigos culturais válidos em sua construção (BYSTRINA apud GUIMARÃES, 2004, p.4). Sustentada por autores como Harry Pross, Dietmar Kamper, Ivan Bystrina, Flusser, Norval Baitello Junior, e outros preocupados com a natureza comunicacional da imagem e com os estudos de mídia e cultura será possível analisar o modo como os principais jornais brasileiros utilizam as imagens de crianças em suas edições.

Segundo Baitello, “a semiótica é o campo de conhecimento que estuda os signos e a Semiótica da Cultura se especializa na investigação dos fenômenos produzidos com os signos, as unidades maiores chamadas textos” (BAITELLO apud GUIMARÃES, 2004, p. 3).

Segundo Ivan Bystrina, que fora professor da Universidade Livre de Berlim e pesquisador da Semiótica da Cultura, “todo texto cultural – e aqui texto não se restringe ao âmbito do verbal – indica uma ou mais coisas e carrega uma mensagem que encerra em si o sentido do texto”. As camadas mais profundas de sentidos desse texto, possíveis de serem encontradas na análise das ‘estruturas de superfície’, “certamente podem ser pesquisadas, entendidas e interpretadas com conhecimento dos códigos terciários e com a ajuda de processos cerebrais analíticos e de métodos de investigação, sobretudo dos métodos de análise estrutural” (BYSTRINA apud GUIMARÃES, 2004, p. 4).

Tomando como base a teoria desenvolvida por Harry Pross (1980) podemos constatar que a linguagem não é apenas um meio, mas sim um elemento constitutivo da prática social material e, ao mesmo tempo, um processo no qual muitas atividades complexas são realizadas. A linguagem, segundo o mesmo autor, é um tipo especial da prática material da sociedade humana. Por esse motivo, os processos comunicativos estão vinculados ao contexto social historicamente determinado.

Ao estudar a estrutura simbólica do poder, Pross (1980) caracterizou a violência simbólica como a capacidade de impor significados de uma maneira tão efetiva que as pessoas se identifiquem com eles. Essa violência seria exercida por meio dos símbolos sociais e dos meios de comunicação. Por isso, torna-se tão importante estudar a maneira como as

crianças são retratadas pela mídia, pois esta última cria significados através das imagens que aparecem nos jornais e estes são incorporados por toda a sociedade.

Para formar esses sentidos em relação à criança é necessário que existam representações predominantes que são configuradas pelas diversas experiências dos indivíduos. Dessa forma, “os meios de comunicação têm papel fundamental na formação das chamadas visões sociais de mundo. O fato de que o indivíduo só pode experimentar a realidade mediante signos torna-se uma forma de direção dos homens por meio de outros homens” (PROSS, 1980).

Harry Pross, Ivan Bystrina e Norval Baitello Jr. compreendem a imagem como ponto fundamental da cultura humana, uma vez que é a partir da produção desta cultura que os homens se diferenciam dos outros animais. Vivemos em um mundo dominado por imagens, no entanto esse constante contato com uma grande gama de informações faz com que o homem deixe de prestar a atenção necessária às informações que estão sendo passadas.

A tecnologia surge para aproximar o homem da informação, mas propiciou contatos superficiais e artificiais. De tanto ver, perde-se a percepção circular própria da imagem tradicional (aquela primeira, conceitual, a qual a imagem técnica é tributária) e de suas imensas possibilidades. O mundo natural, a informação nova e circundante, fica cada vez mais distante do homem cultural e o significado das mensagens fica a cargo da percepção primeira da tecno-imagem. Numa aplicação prática, encontra-se a comunicação midiática. Cada vez mais temos menos tempo para receber e interpretar as mensagens do jornalismo. Com isso, a imagem acaba se antecipando, muitas vezes ao texto e faz com que o texto seja lido à luz dos conceitos incorporados às imagens (MENEGETTI, 2009, p. 5).

Logo, é possível perceber que o homem se relaciona com o mundo por meio de imagens, que estão fortemente presentes na sociedade atual, sabendo disso, os meios de comunicação utilizam essas imagens para construção de informações, mas o leitor, muitas vezes, não dispõe de tempo e conhecimentos necessários para o deciframento delas. Assim, na maioria das vezes, a percepção do significado das mensagens fica atrelada à percepção primeira das imagens e o objeto midiaticizado fica cada vez mais distante do leitor.

Ver uma imagem e não decifrá-la é como não participar daquela informação, afastando o receptor do mundo, do pensamento conceitual daquele objeto mediado. Uma aproximação pode ser feita com a teoria da mídia proposta por Harry Pross (1980). O autor considera, em sua teoria relacional dos signos, que “o que chamamos de realidade e o que experimentamos como tal está carregado de coisas que estão no lugar de outras coisas distintas do que elas são” (PROSS, 1980, p. 13). Assim, o nome de uma pessoa não é a pessoa, mas a representa; quando pensamos em uma “cadeira”, a imagem

que nos vem à mente representa o modelo de cadeira que criamos; em uma fotografia publicada no jornal não se trata da realidade, mas da imagem que temos daquela cena. (MENEGETTI, 2009, p. 8)

Pross (1980) afirma que o signo existe sempre através de uma relação de três membros: o meio, o objeto e a consciência interpretativa. Sendo uma relação triádica e considerando a interpretação de um receptor, os signos podem adquirir inúmeras significações dependendo do contexto e da pessoa que recebe tal informação. Logo, essa é uma das principais características da Semiótica da Cultura: um texto cultural só se configura como tal se for considerado dentro de um contexto.

Quando o leitor vai ler determinada imagem, segundo Pross (1980), ele recebe um estímulo visual que percorre o olhar de forma ainda não discursiva, atentando-se a estruturas de primeira percepção. São os elementos que resgatam valores interiorizados no homem, trazendo conceitos anteriormente configurados. Os valores que se transmitem nessa ocasião são consolidados a partir das primeiras experiências que o recém-nascido possui em sua vida, as quais Pross (1980) denomina experiências pré-predicativas.

O que se revela como mais duradouro são as experiências na primeira infância sobre a própria corporeidade e sua relação com outra materialidade que não pertence ao organismo do recém-nascido. O recém-nascido experimenta o espaço circundante como uma ampliação da própria corporeidade. As resistências que encontra o movimento incipiente obrigam a diferenciação e, mais tarde, à formação de conceitos (PROSS, 1980, p. 43).

Segundo esse autor, para que uma comunicação visual (ou de qualquer outro tipo) seja capaz de assegurar a confiança do público, força para induzir representações e ações e evite que a imagem passe despercebida sem atingir seus objetivos, é necessário considerar os conceitos relativos às experiências pré-predicativas ao elaborar suas mensagens.

O acúmulo da bagagem de experiências se inicia, portanto nas primeiras relações da criança com o mundo, quando o bebê passa a percebê-lo através de relações binárias, como estar com fome e saciar a fome, estar desconfortável e ficar confortável. Por serem estas as primeiras experiências vivenciadas durante o processo de formação neural do indivíduo, elas serão incorporadas como valores que se tornarão conceitos e padrões para a vida inteira. Desde o começo de sua relação com o mundo, a criança começa a se formar e construir sua visão, seu modo de olhar e perceber o seu entorno. Segundo Pross (1980), são três as experiências pré-predicativas principais: dentro/fora, acima/abaixo e claro/escuro.

A primeira experiência ocorre quando a mãe se aproxima ou se afasta de seu filho: quando está próxima, oferece segurança à criança, o que não acontece quando está longe. Essa situação vai padronizar o estar perto (dentro) como positivo e o estar longe (fora) como negativo. A segunda experiência pré-predicativa é a relação vertical e horizontal, da qual resulta a polaridade acima/abaixo. Nas experiências do recém-nascido, toda vez que ele está deitado, querendo se levantar e não consegue, ele fica inquieto. Assim que consegue ficar ereto, ele passa a ver o mundo de outra forma, de forma vertical. A partir daí, a idéia de estar em posição vertical passa a ser associada à idéia de estar acima, superior; em oposição à idéia de estar deitado, abaixo, inferior. E a terceira experiência relaciona o claro e o escuro como sinônimos de bom e ruim. A mãe, ao sair do quarto, ao se afastar da criança, apaga a luz, deixando-a sozinha no escuro. A criança “chama” pela mãe, que, ao voltar para perto, acende a luz novamente.

As experiências primárias que determinam as relações das oposições binárias formam ou conformam a elas todos os demais conceitos com os quais podemos entender os símbolos. São essas experiências primárias que respaldam e dão validade para os demais símbolos, inclusive os construídos pelas imagens. Símbolos estes que inclusive podem ultrapassar a natureza de presentidade e alcançar a natureza discursiva.

O que devemos observar no processo de recepção das imagens é que no jornalismo, mais que nas artes, o tempo do perceber e interpretar é menor, tempo culturalmente cada vez menor. Desta forma, a imagem, muitas vezes se antecipa ao texto e a presentidade da imagem se antecipa a seus conceitos. Como já apontávamos quando tratamos dos códigos cromáticos das imagens, embora a percepção da imagem seja totalizante, com a participação e mútua interferência entre os elementos que a compõem, a leitura não é absolutamente sincrônica, principalmente diante dos vários e diferentes códigos que fazem parte da mensagem. (Guimarães, 2003: 68). Do conjunto de elementos da página impressa, a imagem se apresenta inicialmente como um todo e, segundo Pross (1980: 34), oferecendo um amplo campo interpretativo ao indivíduo, que poderia se definir arbitrariamente se não fosse se embasar nas representações já dadas. Ou seja, nas experiências predicativas, primárias: "As experiências de gerações anteriores, conservadas tanto na linguagem como nos símbolos não discursivos, determinam deste modo a capacidade perceptiva e expressiva das atuais" (Pross, 1980: 33). Então são essas experiências primárias com o claro-escuro, alto e baixo e dentro e fora, adquiridas pela ontogênese humana, que determinam a base para interpretação dos símbolos. São comuns a todos os homens e a todas as gerações. (GUIMARÃES, 2005, p. 6)

Todas essas experiências pré-determinam o comportamento social do homem e organizam o mundo de tal maneira que fica fácil antecipar raciocínios e ações nos cenários de

interpretação das imagens. De uma forma geral, temos a tendência de reconhecer com mais facilidade (o que constitui um ato de projeção ativo do observador) aquilo com o que estamos acostumados, como as formas geométricas básicas: o círculo, o quadrado ou o triângulo.

Segundo Pross, o símbolo e o que é simbolizado são coisas diferentes. Assim, é preciso evidenciar a relação entre o signo e a coisa, procurando mostrar que o símbolo é repleto de valores e não pode ser a coisa em si e os paradigmas de compreensão do mundo, entre eles e a mídia, apóiam-se nas experiências primárias.

Segundo Ivan Bystrina (1995), três categorias de textos interagem nos espaços comunicativos da cultura: os textos instrumentais, cuja função primordial é atingir um objetivo instrumental, técnico e cotidiano, pragmático; os textos racionais, que se caracterizam pela lógica interna de sua organização e pela organização lógica de sua expressão e; por último, os textos criativos/imaginativos, aqueles que se localizam no centro da cultura e que têm por finalidade garantir ao ser humano a sua sobrevivência psíquica. Segundo Bystrina, os códigos da comunicação podem ser divididos em três dimensões:

os “hipolinguais” ou primários, independentes da intencionalidade do homem, que são as trocas de informações intra-ôrgânicas, assim como as informações genéticas; os “linguais”, ou secundários, também chamados de códigos das línguas naturais ou códigos de linguagem, que organizam as regras sociais ou extra-individuais de comunicação; e os “hiperlinguais”, terciários, ou códigos culturais, que regulam as chamadas linguagens culturais que operam a segunda realidade. (BYSTRINA apud GUIMARÃES, 2000, p.4)

Pareceu-nos importante estudar não só a classificação, mas entender a característica dos códigos culturais (que são binários, polares e assimétricos), pois ao tentar reduzir os códigos para ampliar o alcance, o jornalismo tem uma clara intenção de redução e polarização. No universo da representação da criança, preliminarmente, consideramos que isso possa trazer certos prejuízos na informação veiculada. Tudo isso fica mais grave quando começamos a constatar que há muita preocupação com o texto (o que pode ou não ser escrito pelo jornalismo), mas há pouca consciência quanto ao uso de imagens. Conversas com profissionais da área, quando o projeto começou a ser elaborado, já mostravam que havia desconhecimento e despreocupação com o uso de imagens de crianças ao lado de uma visão simplista baseada no que se acha correto ou acertado conforme a lei. Neste aspecto, Pross, Bystrina e Baitello reúnem uma série de questões e abordagens úteis para o momento de análise das imagens sob um enfoque da cultura das imagens.

Pensando nisso, Kamper (2002, p. 12) aborda a questão da representação, da presença e da simulação. Segundo este autor, as imagens são elementos ambíguos desde o começo, e, que entre outras coisas, significam presença, representação e simulação de algo ausente. Presença está baseada na dimensão mágica da imagem; a representação é aquilo que reúne forças da imitação, ou seja, a capacidade de colocar imagens como imagens; e simulação, um assunto da ilusão. Assim, as representações mentais envolvem atos de conhecimento, de percepção e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural.

Ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um 'outro' ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, portanto, envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados representações, significações (Castoriadis), processo este que envolve uma dimensão simbólica (PESAVENTO apud MAKOWIECKY, 2003, p. 5).

Pode-se dizer, então, que tudo é representação, a própria realidade, além de concretude, é representação. A sociedade também é instituída imaginariamente, uma vez que se expressa simbolicamente por um sistema de idéias – imagens que constituem a representação do real. Ou seja, nem mesmo a realidade é real, ela é também imagem, diferente da fotografia (imagem técnica), mas ainda assim imagem (MAKOWIECKY, 2003, p. 5).

Assim, a imagem é uma superfície capaz de acumular valores que não são apenas aquilo que representam. Pross (1980, p. 13) começa a explicitar essa idéia ao definir *signo*. Para o semioticista alemão, o que chamamos de realidade e experimentamos como tal está carregada de coisas que estão no lugar de outras coisas distintas do que elas são:

o semáforo da esquina não é a ordenação do trânsito, mas está ali para representar esta função. Ou o nome não é a pessoa, mas existe por causa dela. O selo não é o poder estatal, o representa. O certificado não é o rendimento, o representa. O dinheiro não é o poder aquisitivo, o representa. A televisão não é o olhar que abrange o mundo, mas está em seu lugar. O monumento não é o homem que rememora, o representa (PROSS, 1980, p. 13 – tradução nossa).

Desse modo, as informações captadas pelos sentidos humanos, adaptadas, enriquecidas e modeladas pelo homem, transformam-se em signos que demandam interpretação. E é indispensável interpretar os signos (PROSS, 1989, p.35-39).

Os signos que interessam a este trabalho são aqueles que Pross (1980, p.23) denomina símbolos. Os símbolos expressam algo conceitual, têm uma função designadora e sua natureza recebe a carga informacional que se lhe queria dar. E assim é a fotografia, um signo com função designadora que carrega em si valores simbólicos que vão além do algo (real) que ela representa. A importância da significação das imagens mediadas, ou seja, dos signos segundo Pross (1989), é fundamental para compreender o sistema em que o homem vive e se comunica.

O símbolo não só tem um valor em si porque assegura que é algo que está no lugar de algo, mas também porque encerra a questão do valor. Aponta a ordem superior da ordem superior, até uma última instância e, vice-versa, deriva de uma última instância os conexos como coordenações a esta última instância. Os significados dos signos não estão só no que designam; estão também na possibilidade de tornar significativo o designado, em criar objetos a partir do símbolo (PROSS, 1989, p.57 – tradução nossa).

Assim, como o signo é algo que está no lugar de outro algo e é interpretado como tal, ele não é torna um objeto determinado, nem o aponta; o que ocorre é que, de acordo com Pross (1980, p.19), ele proporciona algo a ser interpretado. Não designa objeto algum, senão um tipo e modo de ser, surgir e ser pensado, algo como uma modalidade. Importante esclarecer, que não são os materiais que fazem com que algo esteja no lugar de outra coisa distinta que eles mesmos, mas sua forma, sua estrutura, principalmente, a função pensada para eles.

Resumindo, as imagens possuem função simbólica, pois significam algo diferente. O simbolismo tem por base, portanto, a capacidade de ver uma coisa em outra, ou de ver algo diferente do que é (CASTORIADIS apud WULF, 2006, p.46). Se pensarmos o texto a partir da perspectiva de Bystrina, podemos perceber claramente sua polissemia, levando em conta que dela não se esquivam as dimensões da natureza e da cultura.

Segundo Bystrina (1995), cada texto pode ter diversos significados e sentidos múltiplos. Tal como uma estrutura arqueológica, as interpretações e as mensagens dos textos “se armazenam à maneira de camadas superpostas umas às outras, partindo das mais simples e superficiais às estruturas mais profundas e complexas” (BYSTRINA, 1995, p. 18).

Uma imagem carrega em si diversos elementos e são eles, a luz, a cor, o enquadramento e a composição, que expressam algo por si e pelo todo. Isoladamente cada parte da linguagem cria um determinado efeito, que relacionado com as demais partes se fortalece ou dá origem a outros efeitos de sentido. Assim, a unidade de comunicação de uma

imagem não é o objeto ou o traço ou a difusão da luz, mas a organização desses elementos num todo significante, num conjunto coerente que podemos chamar de texto.

De acordo com Pross (1980, p.108), existe uma confiança de que o símbolo serve como meio para chegar a outra coisa, caracterizando assim uma relação, e por consequência, uma forma de assegurar ao intérprete uma realidade.

Desta conexão resulta a exigência de verdade dos símbolos como reivindicação a que tem que obedecer os sustentadores do poder físico se quiserem erigir um poder ordenador. A ordem que não baste à esta reivindicação é derrubada ao perder o que se chama credibilidade (PROSS, 1974, p.108 – tradução nossa).

Ainda segundo Pross, há uma esperança, enraizada na confiança originária, de que os signos signifiquem realmente o que designam. No entanto, ela só é justificada se “os signos mesmos forem invioláveis. Na relação triádica entre intérprete, objeto e meio (signo), a referência ao objeto e a referência com o intérprete se mantêm ou cai se se mantiver ou não a confiabilidade do signo” (PROSS, 1980, p. 99). Para Klein (2006, p.130-131), existe um momento em que a percepção da imagem passa a ser percepção da coisa em si, “uma ilusão semiótica que sempre acompanhou o homem, como se pixels pudessem se converter em átomos. A expressão exata da substituição do real pelos signos do real [...]” (idem, *ibid*).

O portador técnico do símbolo não faz ele mesmo sua aparição. Transmite símbolos aparentemente desligados de seu portador simbólico, ganhando assim imediatez nos efeitos (...) Passa a um segundo plano a técnica e a organização da apresentação. E o símbolo ganha aparentemente em concreção. A diferença entre imagem e coisa perde claridade tanto mais perfeita é a técnica (PROSS, 1980, p.124).

É na discussão sobre o contraste que se percebe com clareza o fato de que as técnicas visuais são ordenadas em polaridades. O tcheco Ivan Bystrina coloca a imagem no universo simbólico e cultural que ele denomina de “segunda realidade”. Segundo o autor, tudo se constrói em função de um oposto, oposições binárias que dominam com força o pensamento da cultura particular do homem assim como da social. De acordo com o semioticista, todo binarismo é valorado polarmente, então, todo e qualquer significado existe no contexto dessas polaridades, presentes para facilitar a decisão, a atitude, o comportamento e a ação, e neste caso, o entendimento/interpretação de uma imagem fotográfica.

De acordo com Bystrina (1995, p. 12), assim que o homem foi capaz de solucionar suas deficiências físicas, passou a ter um medo existencial que não conhecia quando vivia

protegido pela floresta. Para solucionar esse medo de suas próprias capacidades psíquicas ele criou o que o autor chama de segunda realidade. A segunda realidade foi, portanto, uma invenção tardia, construída após o nascimento da linguagem. Os animais, por exemplo, têm suas linguagens, mas não possuem cultura. “A segunda realidade é um jogo, mas também é um sonho ou uma visão. A pluralidade, a diversidade da segunda realidade é maior ainda do que a da primeira. Na verdade, ela é um acréscimo à primeira realidade”(BYSTRINA, 1995 p.15)

Quando as coisas não são pensadas em polaridades tudo se coloca em conflito, pois a polarização faz com que existam dois lados aceitos, um mais forte que o outro dependendo da situação. Para Bystrina (1995, p.6), “os conceitos, ideias ou objetos que não possuem seu correspondente pólo negativo não podem ser sinalizados, não podem ser demarcados”.

No início da cultura humana a oposição mais importante era vida-morte. E toda a estrutura dos códigos terciários ou culturais se desenvolveu a partir dessa oposição básica: saúde/doença, prazer/desprazer, céu/terra, espírito/matéria, movimento/repouso, homem/mulher, amigo/inimigo, direita/esquerda, sagrado/profano, paz/guerra, revolução/ contra-revolução, liberdade/prisão, igualdade/desigualdade, justiça/injustiça etc. (BYSTRINA, 1995, p. 6).

Segundo Pross (1974, p. 53), as experiências polarizadas, claro/escuro, dentro/fora, acima/abaixo, por exemplo, determinam de antemão o comportamento social do homem, muito antes de serem aplicadas conscientemente em categorias estéticas e éticas. E, também, ao serem configuradas em eixos de produção de sentido na imagem, podem encaminhar o olhar do leitor para aquilo que o produtor deseja apresentar. Nas imagens muito é expressado por meio dessas polaridades, sua utilização infere categorias que representam, sempre, um pólo positivo e outro negativo. E este último, de acordo com Bystrina, é na maioria das vezes mais forte do que seu oposto. Assim, o elemento visual oferece possibilidades diversas na produção de informação visual contrastada, e que assim, a polaridade conceitual pode se associar frente aos elementos e técnicas visuais que são, por sua vez, associados ao seu significado.

De acordo com Pross (1974, p. 53) e Bystrina (1995, p. 6), tudo que existe, existe em binariedades, ou seja, em duplas sempre polarizadas, em que um lado é positivo e o outro negativo. Segundo Bystrina (1995, p. 7), esses valores são assimétricos, ou seja, um pólo sempre será mais forte que o outro, e de um modo geral o pólo negativo tende a se destacar, sendo mais percebido, ou sentido com mais força. Para Pross (1980, p.37), diferenciamos e

entendemos as coisas a nossa volta por meio de seus pólos, superior e inferior, acima e abaixo, na frente e atrás, progresso e regresso, entre outros, as vezes nem documentados.

A realidade dos signos é a realidade das relações sociais, é por meio de determinadas representações e suas interpretações que ocorre à absorção do mundo a nossa volta. De acordo com Pross (1974, p.123), os processos comunicativos que utilizam os meios de comunicação de massa para transmitir informações ou bens simbólicos, representam a forma como a sociedade atual apreende o mundo. Então, é na ação cultural que acontece a interação entre leitura de mundo e o multiculturalismo, uma vez que o sujeito ao ler a realidade, e tendo acesso a outros contextos histórico-culturais (diferenças culturais), encontra instrumentos para transformar sua realidade. Por isso, é necessário considerar a importância social das mídias, sua interferência na vida privada das pessoas, as relações que estabelece e seu papel de representar a realidade.

Se como disse Pross (1974.), o homem percebe a realidade através da mídia, isso significa que ele experimenta a consciência de si mesmo por meio de signos. Essa idéia de mediação, ou seja, o intermédio entre o homem e seu ambiente, é o papel exercido pelos meios de comunicação de massa. A informação mediada faz, portanto, uma ligação entre o objeto e o receptor, relacionando os signos com os objetos para estabelecer uma comunicação com quem recebe as mensagens. “As pessoas filtram sempre a realidade por meio da tela simbólica, o filtro dos instrumentos simbólicos. Para um animal, a realidade simplesmente é, mas, para os seres humanos, a realidade é sempre mediada por símbolos” (LITTLEJOHN apud FREDERICO, 2008, p. 27).

De uma maneira geral, a mediação permite uma visibilidade maior daquilo que poderia passar despercebido ou estar inacessível. É como se fosse uma janela aberta para o mundo ampliando o alcance de informações. No entanto, uma janela que não apenas deixa ver o que está lá fora, mas que transforma a informação ao representá-la de forma delimitada.

Levando em consideração a mediação como o processo de comunicação que permite, promove e facilita a transmissão de bens simbólicos realizada pelos meios de comunicação de massa, Flusser (2007, p. 130) aborda a mídia na ligação com a definição de código. Ou seja, “a forma como o conteúdo é apresentado de acordo com o respectivo suporte tecnológico (a televisão, o jornal, a revista, entre outros)” (FLUSSER, 2007, P. 130). Para Flusser (1985, p. 36), a mídia se coloca entre o homem e o seu ambiente, como uma ponte que aproxima o conhecimento sobre o ambiente, ou um biombo que distancia a realidade do homem. De qualquer forma, o papel da mídia na transmissão da cultura é fundamental. E, como mídia, a imagem também exerce essa função.

É necessário que se compreenda o papel cultural da fotografia: seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. Instrumento ambíguo de conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens. Ao mesmo tempo em que tem preservado as referências e lembranças do indivíduo, documentado os feitos cotidianos do homem e das sociedades em suas múltiplas ações, ficando, enfim, a memória histórica, ela também se prestou – e se presta – aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos. O papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras (KOSSOY, 2007, p.31).

A mídia existe em processos comunicativos que têm como objetivo transmitir informações e bens simbólicos. Ela é constituída de linguagens, visuais ou não, que se colocam diante do receptor como uma janela aberta para o mundo. É, portanto, por meio da mídia que o homem apreende as coisas que estão a sua volta, perto ou longe, novidades ou não. Num compartilhamento de discursos, referências, conteúdos, ou seja, significações. A maneira como essas informações serão veiculadas segue regras e padrões que ordenam e limitam o sentido das mensagens, permitindo que elas cheguem ao receptor da forma como foram pensadas e, assim, possam ser entendidas por muitos. Essa maneira de comunicar é parte da cultura, e como os demais sistemas culturais (religião, economia, moral, arte, etc.), guarda uma relação intrínseca com as formas de vida e pensamentos culturais, tanto do produtor como do receptor. Com efeito, toda e qualquer cultura implica mediações simbólicas.

Sendo assim, a mídia auxilia na formação da cultura e a mantém. Pensando na imagem da criança⁷, vale destacar que são os meios de comunicação que estabeleceram as relações entre a sociedade e os integrantes desse grupo. Dessa maneira, é importante observar o modo como as crianças vem sendo representadas pelos jornais diários brasileiros, para que, desse modo, possamos compreender a forma como esse grupo é visto culturalmente pela sociedade. Para isso, no próximo capítulo analisaremos as imagens que evidenciam como esses jornais veem as crianças, por meio do uso do texto não verbal.

⁷ Este trabalho chama de criança todas as pessoas que possuem de 0 a 18 anos de idade.

5 A IMAGEM DA CRIANÇA NOS JORNAIS DIÁRIOS BRASILEIROS

Para analisar a maneira como a criança vem sendo retratada pelos jornais diários do Brasil, foram selecionados 5 jornais para compor o corpus de análise da pesquisa. São eles: *Jornal do Brasil*, *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *O Dia* e *Jornal da Tarde*. Durante os meses de outubro, novembro, dezembro de 2009 e janeiro de 2010, os três primeiros jornais foram acompanhados diariamente e todas as imagens de crianças que neles apareciam eram selecionadas, já o *O Dia* e o *Jornal da Tarde* foram acompanhados durante os meses de dezembro de 2009 a março de 2010.

Durante a seleção do corpus foram encontradas 352 imagens em que apareciam crianças, totalizando um número não tão pequeno quanto o esperado antes do início da pesquisa. No entanto, vale destacar que nem sempre as crianças eram os personagens principais; na maioria das vezes apareciam apenas como coadjuvantes da cena.

As imagens foram analisadas seguindo alguns critérios pré-estabelecidos. Para isso foi levada em consideração primeiramente sua natureza (fotografia ou ilustração). Em referência ao efeito visual, foi considerado se a foto era posada ou se os retratados aparentavam espontaneidade; foi analisado se a ênfase da imagem estava na ação (no que a criança estava fazendo) ou na apresentação (identificação/quem ela era); a origem da imagem também foi levantada (atual ou antiga; arquivo pessoal, arquivo do jornal, agência de notícias, banco de imagens ou reportagem exclusiva).

O enquadramento (close up, primeiro plano, americano, médio, meia-figura ou aberto), o espaço da representação (dentro/fora, aberto/fechado, interior/exterior, concreto/abstrato), as cores (P&B / cores quentes/frias) e a iluminação (natural/artificial, dura - com forte contraste/suave, alta intensidade/baixa intensidade) também foram levadas em consideração no momento de análise das imagens.

Pensando na composição, alguns pontos, anteriormente comentados, foram observados. Entre eles estão: a predominância de linhas retas ou curvas, a presença ou ausência de perspectiva, de tensão, de instabilidade e de simetria além da existência de equilíbrio estático ou dinâmico.

Algumas oposições de efeitos deram suporte para a interpretação das imagens entre elas: simplicidade/complexidade; atividade/passividade; sutileza/ousadia; neutralidade/ênfase; transparência/opacidade; exatidão/distorção; clareza/ambiguidade; significação

fechada/significação aberta (polissêmica); autonomia na significação/ dependência na significação (em relação ao texto, legenda, etc.); leitura instantânea (superficial/leitura temporalizada (aprofundada); imagem mais presentativa/imagem mais narrativa; provoca indiferença/provoca identificação; denotação/conotação; realidade/ficção. Além de levar em conta o grau de valor estético e informacional presente nos objetos em questão.

Mais especificamente sobre a imagem da criança na foto, foram analisados os principais objetivos nas imagens. Para tanto foi considerado se a criança foi utilizada para:

- Retratar alguma coisa;
- Registrar/comprovar ou provar algo comentado na matéria;
- Ilustrar o tema abordado dando mais importância ao valor estético do que ao informacional;
- Intensificar a idéia anteriormente abordada;
- Emocionar e envolver o leitor;
- Induzir/conduzir/pré-condicionar o leitor para que ele compreenda o assunto a partir do ponto de vista do jornal;
- Negar a informação dada na matéria;
- Fragilizar ou fortalecer a informação passada;
- Explicar ou exemplificar o que havia sido dito anteriormente;
- Identificar/conhecer a criança apresentada na imagem;
- Situar e ambientar fazendo com que a presença da criança sirva para mostrar que também faz parte daquele ambiente;
- Narrar e contar alguma história;
- Ampliar a compreensão fazendo com que o leitor entenda mais sobre o assunto por meio da publicação daquela imagem;
- Aliviar, suavizar e minimizar o peso da informação;
- Criticar determinada situação fazendo uso da imagem da criança;
- Ironizar uma determinada situação ou objeto;
- Exaltar a informação através da própria imagem;
- Dinamizar a matéria;
- Relacionar o conteúdo do universo infantil a um cenário que nem sempre tem relação direta com ele;
- Impactar o leitor;
- Dar a dimensão exata do assunto que está sendo abordado;

- Destacar algo na imagem;
- Compartilhar/identificar-se com a situação da criança, possibilitar que o leitor lembre-se de algo específico ao ver aquela imagem;
- Provocar e polemizar através da presença da criança naquela imagem.

Após analisar esses aspectos nas imagens selecionadas, foram observados quais eram os usos mais comuns da criança nas fotografias objetivando concluir porque os jornais as utilizaram com certa frequência, organizando-as em grupos temáticos. Com essa abordagem estruturada a partir das marcações em cada imagem selecionada, destacamos a seguir algumas considerações sobre cada um desses grupos, exemplificando, assim, a utilização da imagem de crianças pelos 5 jornais brasileiros que serviram de corpus para esta pesquisa.

5.1 A criança para sensibilizar

Ao utilizar a imagem de uma criança em uma matéria jornalística, torna-se mais fácil sensibilizar o leitor para aquele assunto que está sendo abordado, pois a simples presença dela faz com que a pessoa que observa a imagem dê mais atenção ao tema retratado. Isso acontece em parte porque toda criança em um cenário desfavorável e desapropriado para seu desenvolvimento traz consigo a ideia de fragilidade e necessidade de proteção, o que faz com que o público sintam-se mais sensibilizado.

Sabendo dessa facilidade de atingir emocionalmente o leitor usando imagens de crianças, jornalistas utilizam com frequência fotografias em que elas aparecem para, assim, conseguirem sensibilizar e emocionar o leitor, fazendo com que ele dê mais atenção ao tema abordado na matéria ou o colando diante do texto em uma situação mais sensível, intensificando ou induzindo a leitura para uma compreensão mais emocional. Considera-se aqui, que a leitura do jornal é feita em dois tempos distintos, sendo a primeira leitura mais superficial (imagem e títulos) e a segunda mais profunda (com a leitura integral, incluindo a matéria toda). Essa dupla leitura tanto pode fazer com que o leitor tenha duas possibilidades de leitura conforme seu interesse e disponibilidade para aprofundamento, como pode também compreender uma interferência de uma leitura sobre a outra, provocando-o para a segunda leitura ou até mesmo intensificando-a.

No jornal *O Dia* de 12 de dezembro de 2009, a utilização da imagem da criança para sensibilizar o leitor ficou evidente. As imagens foram publicadas na sessão intitulada “*Especial do dia*” que traz diariamente matérias especiais sobre um determinado tema e que faz parte do primeiro caderno do jornal. A matéria tratou das dificuldades enfrentadas por

muitos moradores do Rio de Janeiro e da pouca esperança que eles ainda possuíam no presidente Lula. O título era *Lula me tira daqui* e estavam presentes as seguintes imagens:



Roseane se queixa da falta de postos de saúde



Solange com os filhos Aurir e Sara, no Jardim Gramacho: "A gente, pra sair de casa, tem que colocar saco plástico nos pés"



Solange teme a invasão de ratas em casa

Como é possível observar na primeira foto, há a presença de uma mãe sentada com um filho em seu colo e outro a sua frente. As duas crianças aparentam ter entre 1 e 4 anos de idade, pois uma delas ainda usa fralda descartável e o outro também é pequeno. A foto foi tirada possivelmente no interior da casa de Roseane e evidencia uma moradia simples, que denota um barraco. O olhar dos três na imagem é triste, ninguém está sorrindo, todos estão sérios. Para que possamos compreender a mensagem que está sendo transmitida, é necessário lermos a legenda e, ao fazermos isso, descobrimos que essa mãe reclama da falta de postos de saúde em seu bairro.

A foto seguinte mostra outra mãe com uma criança no colo e outra um pouco maior ao seu lado andando sobre uma ponte de estrutura precária feita de madeira e troncos de árvores que está sobre o córrego de águas turvas. Ao fundo, é possível observar outras crianças, mas essas são apenas figurantes da cena retratada. Os três também estão com rostos tristes e o cenário da foto evidencia a pobreza do local onde eles se encontram.

A última foto só faz sentido se lermos sua legenda, e essa dependência de significação da foto em relação ao texto é induzida pela presença do gesto da mãe, que coloca o leitor diante do registro de uma possível fala explicativa (narrativa oral). Sendo assim, conseguimos observar que a casa onde os personagens moram é simples e de madeira, o que nos leva a crer que é um barraco. Essa imagem foi utilizada para ilustrar a declaração de Solange feita no corpo da matéria em que afirma temer ter sua casa invadida por ratas e ratos. A mãe gesticulando não está olhando para a câmera no momento em que a foto foi tirada; já seus filhos olham fixamente para a lente fotográfica o que dá a sensação ao leitor de que estão olhando para ele. Portanto, enquanto a imagem da mãe cumpre o papel discursivo, as crianças intensificam o valor emotivo das imagens. Cabe ressaltar que enquanto o gesto direciona o olhar do leitor para o que está (ou vem de) fora, o olhar das crianças, de frente, provoca a retenção da atenção do leitor/espectador: na dinâmica do olhar sobre padrões visuais, as formas circulares são capazes de reter o olhar, ora em efeito concêntrico – aumentando o tempo de atenção, ora excêntrico – intensificando e aumentando o efeito de tal retenção, efeitos estudados por Wassily Kandinsky nas aulas que ministrou na Bauhaus (escola de design que funcionou entre 1919 e 1933 na Alemanha) e considerados em posteriores estudos de psicologia das formas pela Gestalt.

Como podemos observar, se essas crianças não estivessem nas imagens, possivelmente o impacto e a sensibilização do leitor em relação às dificuldades enfrentadas por essas mães não seriam os mesmos. É evidente que era possível fazer imagens apenas com os adultos, como foi feito no texto da matéria (que não faz qualquer referência às crianças), mas essas

não têm o mesmo impacto. Isso pode ser comprovado ao comparar as outras fotografias da reportagem em que não há crianças.



Catadora Cátia diz viver num 'chiquinho humano'



Domingos pede a Deus luz para os governantes

Ao mostrar crianças em situação semelhante a dos adultos acima, choca-se mais do que apenas as imagens dessas duas pessoas sozinhas. É importante observar também que além de não estarem sorrindo, as crianças estão sem camisa, ou seja, mostrando uma precariedade nas vestes e conseqüentemente representando falta de proteção, embora em uma composição de cenário e contexto favoráveis, uma criança vestindo apenas bermuda poderia indicar apenas uma criança confortável em um clima quente. No caso dessa foto, no entanto, há um efeito de “choque de realidade” que sensibiliza o leitor, já que a simples alegria de uma criança já é suficiente para promover uma remissão a um universo imaginário infantil, rico em fantasias e capaz de superar a dura realidade. É a segunda realidade tratada por Ivan Bystrina, onde o sorriso de uma criança seria capaz de ressignificar toda a cena.

O *Estado de S. Paulo* também trouxe em sua edição do dia 10 de dezembro de 2009 uma foto de crianças que tinham como uma de suas funções sensibilizar os leitores.



PRECARIEDADE - Moradores da zona leste se abrigam na Emef Heraldo Barbuy, fechada desde setembro

A matéria tratou da situação enfrentada pelos desabrigados da Favela Jardim Elba vítimas das enchentes. Segundo o jornal, 150 pessoas haviam sido encaminhadas para uma escola abandonada há três meses e enfrentavam sérias dificuldades, pois o local não apresentava o mínimo de condição para recebê-los, pois não possuía água, nem energia elétrica e estava totalmente sujo. Mostrar essas crianças na imagem faz com que o leitor sinta piedade do que está ocorrendo com elas e sinta-se sensibilizado com a situação desumana a que foram submetidas. Apesar disso, a foto evidencia a inocência infantil, pois uma das crianças apresentadas está sorrindo, interagindo com o fotógrafo. Embora esteja presente o sorriso do garoto, o efeito de dramaticidade e negativização da imagem é conquistado com o preenchimento da cena com muitas pessoas (em vários planos), em condição de espera (crianças no colo, colocadas desconfortavelmente), e enquadramento que permite perceber o estado de pobreza (expressão, vestimentas mal ajustadas, chinelos etc.). Além das crianças aparece na foto um senhor de idade com um bebê no colo; colocá-lo ali também sensibiliza o leitor, pois também temos a visão de que essas pessoas necessitam de cuidados e merecem respeito. Tudo isso está reforçado pela angulação e perspectiva da lente do fotógrafo que indica a construção de uma fila de espera. O primeiro plano na criança apenas reforça o *punctum* de identificação ou entrada na imagem.

Na edição do *Jornal da Tarde* do dia 8 de março de 2010 uma imagem também sensibiliza os leitores. Nela aparece um pai com o corpo do filho de 8 anos em seus braços, após ser retirado dos destroços de uma enchente. A matéria relata o resgate que durou 24 horas, mas que infelizmente não obteve o êxito esperado.

Ver um pai desesperado com o corpo de seu filho no colo, certamente choca e emociona qualquer pessoa que observa a fotografia, isso faz com que as pessoas pensem mais sobre as causas dessas enchentes e sobre suas consequências.

É interessante observar nessa foto que o rosto do menino não aparece, o que fica em evidência é a expressão do pai. Embora a imagem “poupe” o leitor do rosto da criança, podemos afirmar que desta forma a criança passa a representar qualquer criança e isso projeta imagens mais fortes no imaginário do leitor do que seria a imagem que pudesse personalizar a vítima, causar repulsa do olhar em um primeiro momento e um inconformismo com o fato de a imagem ter sido publicada, pois desrespeitaria a dor da família. Para compreendermos a mensagem passada pela fotografia é necessário ler sua legenda, dessa forma nos sentimos sensibilizados e convescidos com a dor de Valmir, que ele, sim, é identificado. A escolha de mostrar e retratar o resgate de uma criança e não de um adulto é uma opção do jornal para atingir mais facilmente seus leitores e sensibilizá-los de forma dramática, intensificando o

valor da notícia. A intensificação do valor-notícia e a sensibilização do leitor não significa necessariamente que o leitor tomará alguma decisão a partir da notícia, pois na maioria das vezes a sensibilização torna-se resignação e, quando exaustivamente repetida de forma não concentrada, banaliza o assunto em direção ao seu oposto, a insensibilidade.

Note-se que o enquadramento da imagem coloca a criança (o corpo dela) no centro absoluto, reforçado pelos demais figurantes (7 adultos) à sua volta, todos olhando para ela. A centralidade e as linhas de tensão e direcionamento do olhar também intensificam o poder de dramatização dessa imagem.



O jornal *Estado de S.Paulo* publicou na edição do dia 05 de dezembro de 2010 no caderno *Cidades e Metrópole* uma matéria que falava da falta de investimento do governo de São Paulo nas áreas de risco. A matéria trazia a seguinte imagem:



TENSÃO – Adriano Dreger, de 28 anos, com a família; sempre que chove, caminhoneiro tem de acalmar o filho mais novo, Pedro Henrique

Essa foto mostra um pai com seus 4 filhos sentados próximos a alguns entulhos; ao fundo aparecem algumas mulheres em pé em uma escada de pedras. O pai tem uma feição triste e as crianças também não se mostram muito felizes. Para compreender a mensagem passada pela fotografia também é necessário lermos sua legenda, sendo assim, entendemos que essa família vive em uma área de risco e as crianças têm medo de ficar em casa quando chove. Essa dependência de significação em relação à legenda provoca aqui certa ambiguidade da imagem, pois, no primeiro momento ela é mais dramática já que induz a leitura para uma família desabrigada: a antecipação da imagem em relação ao texto leva o leitor a relacionar esta família aos escombros que estão logo atrás dela. Conscientes do contexto, após a leitura da legenda, o retorno inevitável do olhar para a imagem introduz outra leitura um pouco mais profunda: há forte presença da verticalização da cena sobre as pessoas retratadas, e, sendo o cenário formado por escombros em situação de novo desmoronamento possível, a dramatização induz a uma narrativa também desdobrando-se em tempo futuro, ou seja, a possibilidade de que essas crianças ainda venham a ser atingidas. Tomando por base a estrutura simbólica do poder de Pross e a incorporação de valores pelas experiências pré-predicativas, temos aqui um exemplo em que a construção mais ao fundo reforça essa

verticalidade e, sendo também ela uma construção incompleta, reforça a incorporação de que tudo pode vir abaixo e neste “abaixo” está a família. Assim, a imagem parece mostrar que estas crianças ainda não foram vítimas, estão unidas e próximas ao pai, mas apenas fragilmente protegidas por ele. Nesse caso, a ênfase da imagem está na apresentação das crianças e não em suas ações, já que essa é uma foto posada.

A maioria das imagens das crianças teve a intenção de sensibilizar os leitores, tornando-se muitas vezes apelativas e sensacionalistas. Mostrar constantemente esse tipo de imagem faz com que a sociedade pense na criança apenas nesses momentos, mas não gera qualquer tipo de ação ou pressão social por solução, embora possa provocar uma imagem de descaso social que, em princípio, poderia interferir na imagem de governos e governantes, gerando descontentamento, esses desdobramentos não são objeto deste estudo.

Algumas das reproduções a seguir também têm essa intenção de sensibilizar. No entanto, destacamos outras funções referentes aos temas em que estão inseridas, visando à exemplificação de outras possibilidades de uso da imagem de crianças.

5.2 Trabalho infantil

Embora seja uma das principais pautas dos estudos sobre problemas enfrentados por crianças (ao lado de abusos sexuais, violência, abandono e educação), o trabalho infantil não é tratado com muita frequência pelos jornais, a não ser em eventuais reportagens especiais. No entanto, foi possível encontrar na investigação do período coberto pelo *corpus* uma imagem que faz referência a esse tema.

O *Estado de S. Paulo* publicou uma foto em sua edição do dia 3 de dezembro de 2009 em que aparecem duas crianças em frente a um sinal de trânsito. A menina está com três bolinhas de tênis em suas mãos, uma delas está em frente ao seu rosto. As bolinhas e a rua ao fundo com carros, nos leva a constatar que essa criança “trabalha” fazendo malabarismo no sinal para conseguir dinheiro. A outra criança, um pouco maior, parece dirigir-se a outro carro, em sua ação de mendicância.

Essa foto, infelizmente, representa uma cena constantemente vista nas ruas das cidades brasileiras, meninos e meninas pedindo esmola nos semáforos. Com certeza esse é um assunto que deveria ser tratado com frequência pelos jornais, pois afeta a formação dessas crianças, mas infelizmente não é isso que acontece.

Durante o período analisado, apenas o *Estadão* publicou essa única matéria tratando do trabalho infantil. Sendo assim, é possível observar que muito ainda deve ser discutido sobre esse tema, já que, segundo a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento

Social, ele afeta de forma grave 3,6 mil crianças brasileiras impossibilitando-lhes um futuro melhor.

Apesar da foto fazer parte de uma reportagem que trata de um tema triste e pesado, ela suaviza a informação ao mostrar que aparentemente a menina esta feliz e se divertindo, já que está sorrindo para a câmera.



Utilizar as bolinhas de tênis para esconder o rosto da criança foi um recurso de composição eficiente, pois não a marginalizou (coisa que acontece quando usa-se o recurso de desfocar ou quadricular os olhos ou parte da face) e ainda evidenciou que ela é uma menina que trabalha nos semáforos. A preservação da identidade também foi garantida para a segunda criança em movimento. Deve-se notar que aqui também há uma composição que pode ser lida à luz da proposta de Harry Pross sobre as experiências primárias ou pré-predicativas, pois a dicotomia dentro-fora está presente, marcada pelo retrovisor no canto inferior direito da foto. Esse enquadramento projeta o leitor para a posição de motorista de dentro do carro e que assim é provocado pela abordagem da menina. Se ela brinca, brinca também com o leitor. Esse brincar provoca um efeito típico da esmola em semáforos, o motorista tende a se compadecer mais com a criança “engraçadinha”, “bonitinha” do que aquela que é mais maltratada e que provoca medo e é recebida como “pequeno marginal”. O espaço do conforto (“dentro”) é rompido pela provocação cativante da menina (por um “fora” das ruas), provocando também um efeito de sensibilização. É importante destacar que a circunstância e situação das duas crianças é indicada não só pela composição das ações mas também na

própria preservação da identidade das crianças. O conjunto aparência (mesmo fenótipo, pequena distância entre as duas crianças) junto com a composição que esconde o rosto dos dois faz com que a criança que se desloca não seja um simples e indiferente transeunte.

5.3 A infância e a pobreza

A fome, a pobreza e a desigualdade social são problemas que atingem diretamente as crianças. Os jornais apresentaram algumas imagens em que meninos e meninas apareciam nessa situação.

No dia 14 de dezembro de 2009 *O Estado de S.Paulo* publicou uma foto em que apareciam duas crianças brincando em meio a um córrego ou rio rodeado por lixo. Nela, as crianças aparentam estar em movimento e temos a impressão de que não foi uma foto posada e que essa cena estava ocorrendo realmente quando a fotografia foi capturada. A distância entre fotógrafo e crianças reforça a ideia de não-interferência do autor da imagem na ação dos pequenos. A imagem por si só traz informações que podem ser facilmente compreendidas pelos leitores como, por exemplo, a certeza de que essas crianças estão em um bairro pobre da cidade e que nesse local não há saneamento básico, já que no rio existem diversos canos por onde escorrem água. A imagem desses meninos brincando chama a atenção, pois evidencia o perigo que enfrentam diariamente no bairro onde moram. Note-se que elas estão se equilibrando e, portanto, a imagem também conota de alguma forma o risco: não é uma imagem que passa sensação de “segurança”.

Apesar do local onde estão evidenciar pobreza, as duas crianças estão vestidas e arrumadas e a presença delas na fotografia serve para situar o leitor que a falta de saneamento básico não afeta somente os adultos, mas também as crianças e que esse afetamento não é apenas no contato direto. Embora provavelmente não tenha sido uma composição “combinada”, a presença das cores azul, vermelho e amarelo nas roupas formam a combinação considerada a que melhor representa o universo lúdico infantil. A iluminação da foto é natural e possibilita uma mensagem clara, exata, que tem relação com a realidade. O espaço da representação é aberto e concreto e a ênfase da imagem está na ação e não na identificação de quem são essas duas crianças. O sentido de deslocamento das crianças da esquerda para a direita acompanha o sentido de leitura e provoca identificação do leitor com elas, conforme foi tratado por Guimarães (2006) como quarta experiência pré-predicativa. Seguindo esta lógica, as crianças estão se deslocando em direção aos canos de esgoto, portanto, brincando em direção ao perigo, ideia reforçada por outro valor respaldado nas

experiências pré-predicativas de Pross: na outra margem há uma área de sombra, uma mancha que incorpora um valor negativo para esta área da imagem.

A matéria tratava da decisão do governo de aplicar o dinheiro arrecado pelo BID e BIRD em melhoras no saneamento básico dos municípios e a imagem dessas crianças fortalece a informação de que esse investimento é mais que necessário e urgente.



INFRAESTRUTURA – Dinheiro obtido pelos governos no BID e no Bird são aplicados em setores como saneamento

A foto seguinte foi publicada no mesmo jornal no dia 18 de dezembro de 2009. Ao observamos a legenda que explica que a criança se esconde atrás de uma parede de um barraco construído ilegalmente em uma área de proteção ambiental, fica evidente a situação de pobreza em que a menina se encontra. Estar descalça e com as roupas desgastadas também é uma característica que evidencia essa situação. Percebe-se também que o enquadramento busca alguns efeitos de sentido e algumas relações mais discursivas: as partes de uma casa de madeira formam uma moldura que posiciona a residência em relação ao rio ou córrego; a presença das roupas limpas e penduradas para secar mostra que há um cotidiano nesse posicionamento, uma temporalidade mais constante; a criança está entre um espaço “dentro” e um espaço “fora” (segundo as dicotomias de Pross), indicando a proximidade perigosa com esta água; por outro lado, a vegetação avança para esse espaço dentro que é a segurança do lar; esse dentro é fragilizado, pois a parede de telha de amianto está quebrada na altura da perna da criança, como um espaço de permissão para penetração nesse “lar”. A criança está na

área de identificação da foto, mas seguindo o olhar para a esquerda (sentido de leitura, reforçada pela horizontalidade da imagem) o leitor irá se deparar com as raízes apontadas em sentido oposto, como que prontas para ferir quem pelas águas for levado. Evidentemente essa construção acaba criando toda uma narrativa possível para aqueles leitores que se permitirem mais tempo para contemplar a imagem.



RISCO DE DOENÇAS – Barraco construído em cima de aterro irregular na área de proteção ambiental ao lado do Rio Tietê há dois anos

O jornal *Folha de S.Paulo* também publicou em suas edições imagens que retratavam as dificuldades enfrentadas por crianças que convivem diariamente com a pobreza e são vítimas da desigualdade social do país.



Crianças brincam em casa de pau-a-pique de comunidade quilombola em Alcântara (MA); moradores têm poucas perspectivas

A imagem acima foi publicada na edição do dia 03 de janeiro de 2010 e a matéria tratou da resistência dos moradores de comunidades quilombolas da cidade de Âncantara (MA) em aceitar a instalação de uma base espacial em suas terras. A imagem retratou a forma como os moradores dessa região vivem e nesse caso é possível constatar que a população é pobre e que seus moradores enfrentam dificuldades. As meninas da foto brincam em uma casa de pau-a-pique, ambas estão sem blusas e são morenas. A legenda afirma que há grandes chances delas não terem um futuro muito promissor, já que os cidadãos desse município apresentam poucas perspectivas para sua vida e esse fenômeno é decorrente das condições de vida que enfrentam. Essa imagem fortalece a informação passada na matéria e polemiza a discussão, já que durante o texto não é mostrado pontos positivos e negativos da instalação dessa base, como a promessa de melhorias no local e de investimento nas famílias da região e exemplos de locais onde ocorreu a instalação de bases semelhantes e que aumentou ainda mais a pobreza e as dificuldades da população. A brincadeira das meninas coloca o universo infantil alheio à polêmica e indica e contrastam com a legenda, porque alegria e falta de perspectiva estão em campos opostos de significação.

A foto seguinte foi publicada na capa do mesmo jornal no dia 21 de dezembro de 2010.



» DO SUL AO NORTE

Criança pede esmola perto de Teixeira de Freitas (BA), na BR-101, que corta o litoral de 12 Estados e é a 2ª maior rota rodoviária do país; a Folha percorreu 4.500 km da estrada, que no RS tem crateras de vários tamanhos e no RN ganhou asfalto novo. Págs. C4 e C5

Essa imagem choca o leitor para a situação enfrentada por muitos brasileiros. Nessa fotografia, a presença de um menino pelado (fragilizado, desprotegido) à beira de uma rodovia na Bahia com uma placa em que declara que ele e seus familiares estão precisando de alimentos e que possivelmente passam fome, leva os leitores a refletirem sobre a situação das crianças daquela região e de muitas outras que enfrentam essa mesma situação. A imagem por si só já se faz entender, tendo assim, autonomia na significação, reforçada pela placa. A criança nessa foto tem a intenção de impactar o leitor para o problema da fome enfrentado por muitos no Brasil, além de emocionar, envolver e inserir uma nova informação à matéria, já que ela não trata exatamente das dificuldades enfrentadas pela população, mas foca nas condições da BR-101. A composição reforça o argumento da imagem: à beira do acostamento a criança está em risco e o rastro de movimento do caminhão registrado pela imagem intensifica esta situação.

O *Jornal do Brasil* também apresentou imagens de crianças relacionando-as ao problema da fome e a que se segue faz parte de uma matéria que mostra dados fornecidos pela ONG ActionAid que afirmam que o Brasil reduziu em 73% os casos de desnutrição infantil do país. Apesar do dado ser positivo, a matéria afirma que muito ainda deve ser feito para que esse cenário melhore ainda mais.



SEGURANÇA ALIMENTAR – Relatório de ONG aponta ações do Brasil no combate à fome como exemplo mundial

Nessa imagem aparece uma criança comendo e pelo contexto da matéria temos a ideia de que ela faz parte de algum programa do governo para combater a fome. A gola desgastada da camiseta do menino e os talheres e copos de plásticos reforçam a ideia de que ele é um menino pobre, mas que consegue se alimentar graças à ajuda oferecida pelo governo. A escolha de tirar foto da criança sem mostrar seu rosto é positiva, pois destaca a preocupação

do jornal em não identificá-la e seguir o que está declarado no Estatuto da Criança e do Adolescente para a preservação da imagem infantil, além de tornar essa criança a representação de toda e qualquer criança na mesma situação. A imagem em preto-e-branco, embora seja determinada por aspectos técnicos do jornal (esta era uma página sem impressão em quadricromia), reforça o conceito de realidade crua (uma das conotações das fotos P&B desde os primórdios da fotografia) e direciona a tensão para os aspectos figurativos da imagem. Um deles pode ser lido a partir do eixo direito e esquerdo, como já visto em imagens anteriores: o movimento da alimentação se dá no sentido da reação e não da ação. Se fosse inverso, a concepção seria a de um sentido mais natural para a alimentação. A horizontalidade do enquadramento reafirma a ação da colher e o movimento nesse eixo.

No jornal *O Dia* de 17 de janeiro de 2010 há uma matéria tratando da multimistura distribuída gratuitamente pela pastoral da criança, que ajuda no combate a desnutrição infantil. Nessa matéria aparece a foto de uma mãe com sua filha desnutrida no colo.



Letícia, 4 anos, briga contra a desnutrição: multimistura é aliada

O enquadramento da imagem deixa à mostra os braços finos e as costelas salientes da menina e evita a exposição do corpo da mãe, mais opulento e que poderia gerar ambiguidade. Essa imagem pretende chocar o leitor ao se deparar com tal situação, já que ilustra e evidencia a fome que atinge tantas crianças em situação semelhante à Letícia.

Vale ressaltar que em todas as fotografias que tratavam da fome e da pobreza brasileiras apareceram apenas crianças negras/pardas, o que dá a impressão que apenas os negros/pardos enfrentam esse problema. De forma geral, as crianças brancas precisam estar com outros denotadores de pobreza muito evidentes para que a foto possa colar a elas a imagem da pobreza: no cenário de uma praia qualquer, um menino pardo ou negro, magro, descalço e vestindo uma bermuda tem uma imagem socialmente construída diferente do menino branco, magro, descalço e vestindo bermuda; enquanto o primeiro será entendido

como uma criança pobre, o segundo será visto como uma criança em férias. Embora essa abordagem seja pertinente a muitas das imagens selecionadas, consideramos merecedora de outros estudos, já que solicitam também referências bibliográficas, abordagens e até mesmo áreas de conhecimento específicas e complementares para as questões de imagem e etnia.

5.4 A violência que atinge as crianças

Além da pobreza e da fome, a violência também foi tratada pelos jornais como um dos principais temas. Mostrar crianças em cenários violentos destaca que esse problema atinge esse grupo, além de levar mais facilmente a população a refletir sobre esse tema. Também nas questões gerais de violência, e não especificamente a violência diretamente relacionada ao universo infantil, a imagem de criança serve a propósitos de sensibilização e intensificação da notícia.

No dia 06 de outubro de 2009 *O Estado de S.Paulo* publicou no caderno *Cidades e Metrópole* uma matéria sobre uma chacina que ocorrera no bairro Uberaba em Curitiba. A matéria destacava o medo dos moradores em dizer o que sabiam sobre o ocorrido que matou 8 pessoas e deixou outras 2 feridas.

A imagem mostrava duas mães com seus filhos de costas caminhando pela rua, uma das mulheres empurrava um carrinho de bebê e ao seu lado estava uma criança um pouco maior. Em frente a eles há dois carros da divisão de narcóticos (DENARC). O rosto das mães e das crianças não aparecem, mas podemos concluir que vivem no local onde na noite anterior ocorreu a chacina. A legenda enfatiza o medo da população em denunciar o ocorrido e tirar a fotografia dessas pessoas de costa intensifica essa ideia de quererem ficar no anonimato e em silêncio. No entanto, a composição da caminhada dessas pessoas pela rua, logo atrás dos carros em perspectiva, indica também certa tranquilidade ou segurança, pelo menos momentânea.



SILÊNCIO – Moradores da região onde ocorreu o bárbaro crime preferem não falar: baixo número de ligações para fazer denúncia anônima

De forma paradoxal, a presença de agentes da segurança pública acaba por indicar a situação de perigo. A presença das crianças nessa imagem informa o leitor de que naquele ambiente também vivem crianças e que elas têm medo das atitudes dos criminosos que cercam a área, além de sensibilizarem o leitor para a situação enfrentada por elas.

O jornal *Folha de S.Paulo* do dia 20 de novembro de 2009 trouxe uma matéria apontando os erros da polícia e do governo na tentativa de estabelecer a paz nos morros cariocas. Uma cientista da Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro deu uma entrevista apontando os erros mais comuns dessas operações e afirmando que muito ainda deve ser feito para que a situação mude.

A matéria trazia a imagem de uma menina com um homem passando em frente a um policial com um fuzil nas mãos. Temos a impressão que a arma está apontada na direção da criança e do garoto, evidenciando assim o medo enfrentado pelos moradores do local que precisam conviver com fuzis mirados em sua direção ao andarem pelas ruas. Essa foto intensifica e amplia a compreensão do leitor, pois apesar de na entrevista a cientista não falar exatamente sobre essa situação, conseguimos constatar que os moradores, entre eles inúmeras crianças, correm perigo com as operações desastrosas que acontecem nas favelas cariocas. Ao observar essa imagem, o leitor choca-se ao ver que ao invés de passar a ideia de segurança, ela mostra justamente o contrário e evidencia a total insegurança vivida pelos moradores do morro.



Moradores passam por policial na favela do Jacarezinho, uma das que são dominadas pelo CV e que foram alvo de operação da PM

O *Jornal do Brasil* do dia 13 de outubro de 2009 trouxe uma matéria que falava da tentativa do governo do Rio de Janeiro em destacar pessoas que são exemplos e que vivem nas favelas, desmistificando, assim, a ideia de que o traficante é um herói e um exemplo a ser seguido por crianças e adolescentes. No entanto, a imagem publicada critica de certa forma essa atitude, pois mostra uma mãe com uma menina no colo e outro menino ao seu lado correndo para fugir de uma possível troca de tiros entre policiais e traficantes. Ao fundo estão dois PMs, um deles está deitado no chão em posição de ataque, com um fuzil apontado para um lado da rua.



BLOQUEIO – O cotidiano violento prejudica o aprendizado na escola

Publicar essa imagem faz com que o leitor entenda que apesar das providências que estão sendo tomadas pelo governo, muito ainda deve ser feito, pois o cenário em que esses meninos e meninas vivem coloca-os frequentemente expostos a cenas de violência, tiroteios e medo. Nesta e nas duas imagens anteriores há uma convivência entre moradores e violência que retratadas causam estranhamento para os leitores dos jornais que estão fora dessa banalização da brutalidade no cotidiano. E é justamente a presença das crianças nessas cenas que ainda torna os leitores um pouco ainda resistentes a essa banalização.

O mesmo jornal no dia 19 de outubro publicou outra imagem que retrata a situação em que os moradores da favela são submetidos com frequência. Nessa imagem aparecem policiais com cães farejadores invadindo o morro São João. Ao fundo há uma criança segurando a mão de uma mulher e um homem atrás das duas, ambos mostram-se apreensivos com a situação.



INVASÃO – Policiais militares usaram ontem cães farejadores no Morro São João, onde, no fim da tarde, foram encontrados dois corpos que tinham as orelhas decepadas

Essa imagem destaca mais uma vez a convivência, nem sempre harmoniosa, entre os moradores da favela e a polícia militar, já que esses últimos, muitas vezes, realizam operações desastrosas. Em termos de composição, destacamos que a centralização da imagem da criança, circundada pelos militares e seus cães, uns passando e outro apontando a arma para outra direção cria um cenário em que a menina está totalmente imersa no contexto de violência, agravado pelo fato de que ela está exposta na linha de frente, atrás de dois adultos.

O *Jornal do Brasil* publicou uma fotografia na edição de 22 de novembro de 2009 que tende a chocar os leitores pela idéia de desproteção daqueles que estão sob fogo cruzado. Nela

aparecem duas mães com seus três filhos agachadas próximos a um comércio tentando se proteger contra o fogo cruzado entre traficantes e policiais. Embora a legenda seja necessária para entender a cena, a imagem já dá conta da gravidade do acontecimento ali retratado.



VILA CRUZEIRO – Mães e filhos sob fogo cruzado não pode ser normal

O jornal *O Dia* publicou em sua edição de 03 de fevereiro de 2010 uma matéria que abordava a morte de uma criança de 7 anos com um tiro na cabeça em razão de uma dívida de 30 reais obtida por seus pais. A matéria informa que esta menina foi mais uma vítima da violência no Rio de Janeiro, mas é a imagem que mais sensibiliza o leitor ao apresentar o sepultamento do pequeno caixão branco. Este é um caso em que a estrutura simbólica intensifica a idéia de morte e o imaginário provocado constitua a imagem de uma criança, idealizada, vitimizada pela morte bárbara. Aqui, ao invés da imagem da criança, há a representação da imagem da criança.



5.5 Crianças e a educação

Durante a coleta do corpus, nos deparamos com recorrência com a temática da educação. Na maioria dos jornais são fotografias de crianças na sala de aula. É nesse segmento que existe o maior número de fotos semelhantes. Foi possível observar que os jornais optam por tirar as clássicas fotos das crianças em sala de aula juntamente com seus professores ou com os livros abertos evidenciando que estavam lendo. Poucas imagens apresentaram-se criativas e tentaram representar esse universo de forma diferente.

Exemplo é a imagem a seguir que foi publicada na edição do *Jornal do Brasil* do dia 30 de outubro de 2010 e ilustra a matéria que trata da Prova Rio aplicada em 658 escolas da rede municipal do Rio de Janeiro. A fotografia não traz consigo muitas informações, o que a torna mais presentativa do que narrativa, além de valorizar o lado estético e não o informacional, embora sirva para mostrar uma sala de aula da rede pública de ensino: ao contrário do que se imagina, a sala é espaçosa, limpa, bem iluminada, provavelmente arejada e tem mobília adequada (mesmo com ergonomia questionável).



SEM COLA – As crianças do 3º ano responderam 14 questões de português e 14 de matemática

O mesmo acontece com a foto publicada na edição do jornal *O Dia* de 13 de janeiro de 2010. A matéria tratava da recompensa oferecida pela prefeitura do Rio aos alunos que obtiveram as maiores notas na Prova-Rio. Ambos estão sentados com livros em mãos, mas o ambiente em que estão diferencia-se da sala de aula, pois é possível identificar um playground, provavelmente o do colégio. A foto é assumidamente posada e enfatiza a apresentação das crianças, pois os meninos olham diretamente para a câmera enquanto seguram os livros em posição de leitura.



Paula e Pedro, da Escola Burle Marx, obtiveram altas notas na Prova-Rio: elogios à estrutura do colégio

Já a imagem apresentada na *Folha de S.Paulo* do dia 26 de outubro de 2009 mostra uma educadora que utiliza o método fônico e seus alunos em uma aula de alfabetização. O colorido da imagem evidencia o lado lúdico característico da infância, o que nos leva a crer que este é um método que favorece a criatividade e as brincadeiras infantis unindo-os ao valor educacional. As crianças e a professora apresentam-se felizes e a fotografia enfatiza a ação de aprendizagem expressa pela troca da letra D entre dois alunos. A participação dos estudantes nesse caso é secundária já que a personagem principal da ação é a pedagoga Juliana, mas eles estão ali para reforçar que Juliana é uma professora e que eles são seus alunos e participam da alfabetização desenvolvida por ela.



A pedagoga Juliana Storino, que trabalha com método fônico para alfabetizar crianças na região metropolitana de Belo Horizonte

Algumas fotografias também denunciam irregularidades quanto ao sistema educacional de alguns municípios. É o que acontece com a imagem do *Jornal da Tarde* do dia 19 de fevereiro de 2010.



Estudantes do Colégio Café Filho: uma folha de papel como "cadeira"

Essa foto mostra estudantes de colégio estadual tendo que estudar sentados no chão, sem cadeiras, pois a escola foi inaugurada, mas a mobília ainda não havia chegado. A imagem tem como objetivo denunciar o ocorrido, mas vale ressaltar que ela foi tirada pelo gabinete do deputado Carlos Giannazi, o que pode nos levar a pensar até que ponto essa denúncia não foi realizada apenas para promovê-lo como o político que está lutando contra as injustiças que afetam as crianças. Mesmo assim, o teor crítico e polêmico da imagem fica evidente. Detalhes importantes para caracterizar a precariedade da sala, como a colocação das mochilas no chão juntamente com cada criança e a posição incômoda da menina no primeiro plano, não procuram evitar que a cena seja entendida como uma disposição intencional, como uma dinâmica alternativa de grupo.

Mostrar as crianças no ambiente educacional é importante, já que a educação é uma das bases para a constituição do ser humano. No entanto, é preciso pensar em fotografias alternativas à clássica imagem de meninos e meninas com os livros nas mãos e em salas de aula, pois imagens como essas dificilmente causam algum impacto no leitor, afinal ele já se acostumou a ver esse estilo de fotografia e isso faz com que ele não despenda mais o tempo necessário para sua leitura.

5.6 As crianças e as drogas

O problema das drogas também atinge a população infanto-juvenil e é abordado pelos jornais. É um tema sensível que coloca crianças na delicada situação em que podem ser apresentadas como vítimas ou “pequenos marginais”, dependendo do tratamento visual dado à informação. Na preservação da identidade destas crianças, um dos recursos para esconder o rosto (a quadriculação ou pixelização) acaba por ser considerado “marginalizador”, assim como a tarja preta sobre os olhos é uma remissão à censura.

O *Estado de S.Paulo* publicou na edição do dia 29 de outubro de 2009 uma matéria sobre a ineficiência da operação da prefeitura de São Paulo em terminar com a Cracolândia. A reportagem trazia a seguinte imagem:



vício – Crianças e adolescentes, usuários de crack, vagam sem rumo pela Rua Barão de Piracicaba

Nessa fotografia, é possível observar crianças e adolescentes consumindo crack entre adultos maltrapilhos. Pelo enquadramento, instante escolhido, posição ou condição dos retratados e distância da imagem, não é possível identificá-los. Nesse caso não foi necessário utilizar nenhum recurso de desfoque de imagem. A concentração humana e sua horizontalidade da imagem, somadas à quase imobilidade de todos que ali se encontram, completam a cena construindo um forte sentido de imutabilidade, de permanência da situação (consumo na Carcolândia).

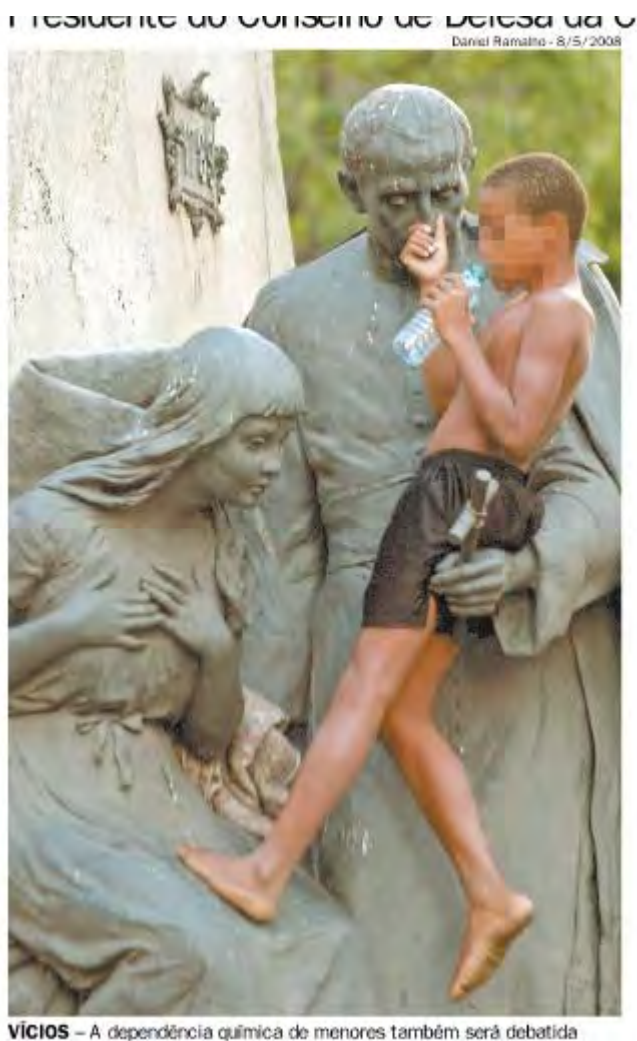
O *Jornal do Brasil* também publicou em sua edição do dia 01 de novembro de 2009 uma imagem de um menino usando crack.



A fotografia estava inserida em um texto opinativo escrito por Mauro Santayana em que ele reflete sobre a proibição ou a legalização das drogas no Brasil. O colunista leva o

leitor a pensar nos pontos positivos e negativos dessa proibição, mas ao final mostra que os entorpecentes causam sérios problemas aos seus usuários. Ao fazer uso dessa imagem, o leitor é induzido a pensar da mesma forma que Mauro. O recurso do close intensifica a proximidade retratado-leitor e isso provoca quem visualiza a foto e faz com que ele não fique indiferente àquela situação, embora o efeito quadriculado indique, como afirmado anteriormente, certa marginalização desta criança. Com isso torna-se fácil para o leitor concluir, assim como o colunista, que é necessário combater o tráfico de drogas o mais rápido possível e que a legalização possivelmente não é a solução. Nesse caso a imagem da criança foi utilizada para sensibilizar e induzir o leitor a pensar da mesma forma que o jornalista.

O mesmo jornal publicou no dia 6 de outubro de 2009 uma matéria que se discutia as atitudes tomadas pela prefeitura do Rio de Janeiro para tirar os usuários de drogas das ruas e levá-los para outros lugares.



A imagem é surpreendentemente poética. Mesmo com o quadriculamento do seu rosto e a possibilidade de ter sido uma composição ao acaso, o fato do garoto ter encontrado apoio no braço da estátua do missionário e o toque leve em seu nariz enquanto põe a garrafa de água

na boca, faz com que a composição seja comovente na remissão que a garrafa (que pode conter a cola de benzina usada como entorpecente) faz a uma mamadeira e o toque na estátua faz ao toque que um bebê faria no rosto de seu pai ou mãe enquanto toma o leite. Aliás, a estátua que envolve o menino é formada por uma figura masculina e uma feminina formando o trio típico da unidade familiar.

Foram nas imagens em que tratou sobre o tema do uso de drogas entre as crianças que apareceram o maior número de imagens com parte do rosto desfocado.

5.7 Políticos com crianças

Uma das cenas mais comuns de ser vista nos jornais é a de políticos aparecendo publicamente com crianças. Na seleção das imagens dos jornais há várias fotografias em que autoridades públicas aparecer ao lado de crianças para se promoverem perante a sociedade. A simples presença delas transfere àquela autoridade a preocupação que a sociedade tem com suas crianças, politicamente tratadas como “o futuro do país”.

No jornal *O Estado de S.Paulo* do dia 02 de outubro foi publicada uma imagem em que o candidato Ciro Gomes conversa com um grupo de crianças que visitava a sede do governo pernambucano. Nessa fotografia elas aparecem uniformizadas e felizes com a presença das autoridades.



ENCONTRO - Acompanhado por Eduardo Campos, deputado conversa com grupo de crianças que visitava a sede do governo pernambucano

O *Jornal do Brasil* do dia 12 de outubro de 2009 também publicou em sua edição imagem do prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes ao lado de crianças na reinauguração do piscinão de Ramos.

A fotografia mostrou o prefeito conversando com 4 crianças no lago. Temos a impressão de que estão se entendendo bem, pois dois meninos aparecem sorrindo na imagem. O enquadramento em plano aberto deixa o leitor ver um pedaço do piscinão e a imagem evidencia a “simplicidade” de Eduardo ao dobrar suas calças e entrar na água com as crianças. A foto, no entanto, indicia uma cena previamente combinada, pois as crianças também procuram evitar molhar suas roupas, ou seja, não estavam antes na água..



No jornal *O Dia* também apareceram imagens de políticos com crianças. Na edição de 10 de outubro de 2009 é publicada uma matéria falando sobre o investimento de 200 milhões de reais que será feito na Zona Norte do Rio de Janeiro. Para oficializar o início do projeto o prefeito Eduardo Paes quebrou simbolicamente um banco de uma praça, mas para fazer isso pediu ajuda a crianças moradoras do bairro em que o projeto atuará.



Em Quintino, prefeito deu marretada simbólica em banco de praça

Dessa maneira, o prefeito mostrou-se interessado com os problemas das crianças daquela região e induziu os leitores a crerem que ele dá atenção às crianças cariocas pobres. Na foto os meninos e a menina exercem apenas um papel secundário, pois o mais importante é o ato de inaugurar o projeto, porém ao estarem presente na imagem atribui em um lado mais humano ao governante.

Como padrões, as crianças aparecem nessas fotos sorrindo quando o candidato ou representante político constrói uma relação de atenção, inaugura obras ou inicia projetos e aparecem tristes quando o candidato quer demonstrar uma situação a combater, normalmente tentando vincular situações precárias a governos a que o político faz oposição.

5.8 Tragédia no Haiti

Durante o período de análise e seleção do corpus ocorreu uma tragédia que abalou todo o mundo, um terremoto de 7.0 graus na escala Richter atingiu o Haiti causando milhares de mortes e destruição. Uma série de imagens foi publicada e diariamente apareciam notícias sobre o ocorrido, já que havia muitos soldados brasileiros trabalhando para a missão de paz da ONU no local.

Dentre as imagens, a maioria eram fotos de meninos e meninas que haviam sido atingidos pelo desastre e essas chocaram os brasileiros durante o período que foram divulgadas.



8

Eduardo Muñoz/Reuters



Menino ferido em decorrência do terremoto que atingiu o Haiti anteontem recebe primeiros socorros na capital Porto Príncipe

9

⁸ Imagem publicada no jornal *Folha de S.Paulo* no dia 14 de janeiro de 2010. A legenda da foto dizia o seguinte: “Haitiano ferido no terremoto em Porto Príncipe carrega a filha morta; agências humanitárias têm dificuldades para enviar pessoal”.

⁹ Imagem publicada no jornal *Folha de S.Paulo* no dia 14 de janeiro de 2010.



»HAITI EM SÚPLICA

Vítima do terremoto ocorrido na última terça, Nanouni Osni, 14, pede por ajuda em um leito do Hospital Universitário da Paz, em Porto Príncipe, capital do país; no local, completamente lotado, não existem médicos, apenas freiras e equipes de voluntários

10



11

¹⁰ Imagem publicada no jornal *Folha de S.Paulo* no dia 17 de outubro de 2010.

¹¹ Imagem publicada no jornal *Estado de S.Paulo* no dia 17 de janeiro de 2010.



12

Criança morta nos braços do pai em desespero e imagens de outras tantas crianças feridas e com indícios de cuidados precários tendem a provocar a piedade do leitor, algumas vezes transformando-se em atos de solidariedade, como foi na cobertura da tragédia no Haiti. Destas imagens, o desespero do pai que carrega o corpo da filha é talvez a mais forte, pois projeta o leitor para sua posição e dor, mesmo que a imagem da criança tenha um certo desenho de suavidade.

O enquadramento utilizado na segunda imagem focaliza o rosto da criança e mostra os braços das pessoas que ajudam a cuidar dela. Para dar destaque ao menino iluminou-se seu rosto e escurecendo todos os outros elementos em volta, fazendo com que o olhar do leitor dirija-se primeiramente à feição da criança. Esse olhar transmite a ideia de que o garoto não está compreendendo exatamente o que aconteceu com ele. O trabalho com a luz incorpora a ideia de atendimento e, nesse caso, acrescenta valor positivo para a cena.

O enquadramento da terceira imagem focaliza a cama onde a menina está deitada. É possível observar que o colchão está sujo o que evidencia o ambiente inadequado em que os haitianos precisaram viver depois do terremoto. A legenda ajuda o leitor a compreender que a criança está pedindo ajuda e seus braços e boca abertos destacam essa atitude. O apelo direcionado ao fotógrafo coloca o leitor diante da mesma súplica, como se lá estivesse.

As duas últimas fotos dão um close nos rostos feridos das duas crianças. As imagens por si só já transmitem a mensagem de que aqueles meninos são sobreviventes do terremoto

¹². Imagem publicada no jornal *Estado de S.Paulo* no dia 17 de janeiro de 2010.

que devastou o Haiti. A expressão de desolação e tristeza dos garotos traduz o sentimento de muitos haitianos naquele momento. O close aproxima o leitor.

A publicação de imagens de crianças vítimas do desastre ocasionado pelo terremoto no Haiti sensibilizou e chocou facilmente os leitores, além de chamar mais a atenção do público. No entanto, a utilização desse tipo de imagem mostrou certo grau de sensacionalismo por parte dos jornais.

5.9 Caso bárbaro que chocou o país

Outro caso que ganhou repercussão nacional e estampou durante muitos dias as páginas dos jornais brasileiros foi o caso de um menino de 2 anos que teve o corpo perfurado por diversas agulhas pelo padrasto. O ocorrido chocou o país, pois foram encontradas 31 agulhas de costura no corpo da criança, sendo que algumas já estavam atingindo o coração e o pulmão do garoto podendo levá-lo a óbito.

O jornal *Estado de S.Paulo* publicou 3 imagens sobre o caso, a primeira foto foi publicada no dia 18 de dezembro de 2009.



TRANSFERÊNCIA - Criança com agulhas no corpo chega a Salvador

Essa imagem deixa à mostra parte do rosto da criança, a que está deitada em uma maca e ao fundo é possível observar um enfermeiro com um envelope nas mãos (possivelmente a radiografia do menino). Essa foto dá ênfase na ação emergencial, intensificada com os olhos fechados da criança. Mesmo sem recursos digitais sobre a imagem, a identificação do garoto é preservada.

Uma imagem semelhante a essa foi publicada na *Folha de S.Paulo* no mesmo dia. No entanto, nessa fotografia é possível identificar quem é a criança, pois seu rosto está exposto. Sabendo que os familiares não pretendiam expor o menino, ao mostrar seu rosto comete-se uma infração, pois segundo o Art. 17 do Estatuto da Criança e Adolescente “Toda criança e adolescente tem direito ao respeito que consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (BRASIL, ECA-Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990 – grifo nosso). Mas, como na foto anterior, também é possível considerar que, nessas condições, não é possível reconhecer perfeitamente a criança através dessa imagem (em perspectiva, entubado, olhos semisserrados, com a alça de um equipamento à sua frente...)



Para não correr o risco de mostrar o rosto do menino, o jornal *O Dia* publicou em sua edição a imagem do mesmo ponto de vista, quadriculando para isso os olhos do garoto, mesmo que com isso tirasse um pouco do impacto da cena.

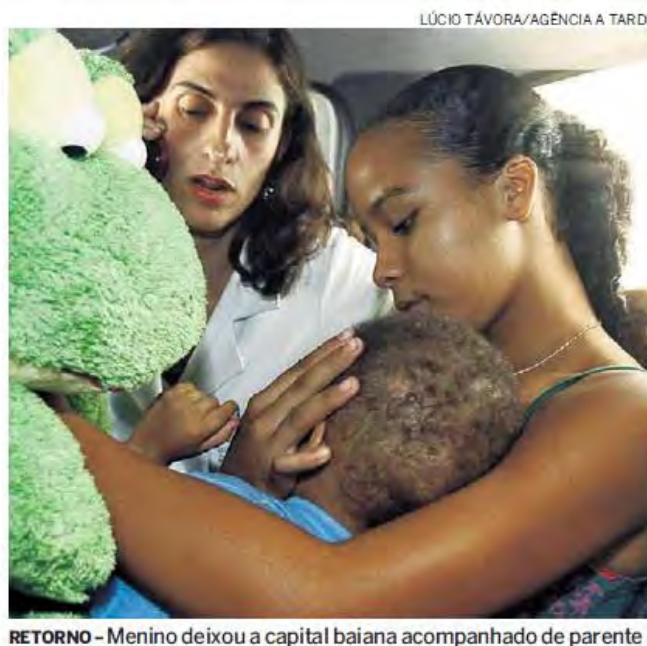


A imagem seguinte apareceu tanto no jornal *O Estado de S.Paulo* quanto na *Folha de S.Paulo* e no *O Dia* nos dias 20 de dezembro e 17 de dezembro respectivamente. É a radiografia da criança onde é identificada a localização das agulhas em seu corpo. Essa imagem tinha o objetivo de ilustrar e explicar mais claramente o que havia ocorrido com o menino, saciando assim, a curiosidade dos leitores em verem alguma imagem sobre ele.



A foto seguinte estampou a página do jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 23 de janeiro de 2010, nela aparece somente a parte de trás da cabeça do garoto, deixando assim de mostrar seu rosto. Ao lado dele há um ursinho de pelúcia que faz referência ao universo infantil ao qual essa criança faz parte e ao fundo há a imagem de uma pessoa de branco que nos leva a crer ser uma médica ou enfermeira que cuidou da criança enquanto ela esteve internada.

Apesar de não conseguirmos identificar o garoto, é possível ver quem é a mulher que está com ele e isso já dá pista para o leitor saber quem é o menino que sofreu essa agressão. Nessa imagem o principal é a criança e não sua ação e a foto tem como objetivo ilustrar a matéria da qual faz parte. A forma como a cabeça da criança é amparada e apoiada no colo da mulher que o carrega apresenta um estado passivo que destaca que o garoto ainda necessita de cuidado e também acrescenta valor sentimental a essa imagem.



5.10 Crianças estrangeiras

Mostrar como vivem outros povos incorpora ao jornal valores bastante subjetivos que o fazem parecer mais sensível, mais cultural, ou sofisticado. Parte dessas imagens busca também apoio no uso de imagens de crianças. Causa interesse ver como vivem, brincam e se vestem outras crianças ao redor do mundo, principalmente quando é possível identificar serem de uma cultura diferente pela vestimenta e/ou fenotípica. Foi possível encontrar esse tipo de foto entre os jornais analisados no período investigado.

Na edição do dia 01 de novembro de 2009, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma imagem em que apareciam crianças cubanas na margem de uma ponte jogando flores em homenagem a um herói do país. Na figura não é possível ver os rostos das crianças, pois todas estão de costas para a câmera, apenas uma menina mostra parte de seu rosto. É possível perceber que não são brasileiras pelas roupas que vestem. Essa é a principal característica que diferencia os estudantes cubanos dos brasileiros e para o leitor do Brasil que observa essa imagem é instigante, pois consegue diferenciar sua tradição cultural da desse país e deduzir

que o regime cubano impõe ainda um padrão de uniforme de design mais conservador do que os brasileiros.



HOMENAGEM - Escolares cubanos jogam flores no mar em honra do herói rebelde Camilo Cienfuegos, cujo avião caiu no oceano em 28/10/1959

O mesmo jornal publicou no dia 13 de novembro de 2009 uma imagem em que aparecem crianças afegãs com seus pais cruzando a fronteira com o Paquistão. É interessante observar que essas crianças se diferenciam das brasileiras principalmente pelas vestimentas que usam. A imagem também mostra o cenário onde esses meninos e meninas se encontram e um inusitado meio de transporte (o carrinho de mão).



DRAMA - Afegãos cruzam a fronteira com Paquistão, em Chaman: decisão de Obama será alerta para Cabul sobre duração do apoio americano

A *Folha de S.Paulo* publicou na edição do dia 05 de outubro de 2009 no caderno *New York Times* a imagem de crianças sudanesas carregando sacos de comida doados por outros países.



É possível perceber que nessa região africana (Sudão) a grande maioria da população é negra, pois todos os integrantes da foto fazem parte dessa fenotipia. O menino apresenta um olhar apático para a câmera e através dessa imagem é possível constatar que as pessoas desse local passam e necessitam das doações de outros países para conseguirem se alimentar. Mostrar crianças nessa situação sensibiliza os leitores, alertando-os para o problema da fome que assola todo o mundo. O enquadramento da foto com a câmera baixa intensifica o esforço do ato de levantar o saco de alimento e coloca o leitor na posição de doador cercado.

Mostrar crianças de vários países nos jornais faz com que sejam destacadas as diferenças e semelhanças existentes em cada cultura e, dessa forma, faz com que os leitores tornem-se mais tolerantes com aqueles que não são iguais a eles. Além disso, mostra para as outras crianças a diversidade de grupos étnicos e raciais que existem ao longo do mundo, fazendo-a entender que cada criança é única e que muito ainda há de ser aprendido sobre elas. É através da comparação com essas crianças de outros países que os leitores mirins perceberam (através das semelhanças e diferenças) a que grupo pertencem e podem dessa forma criar sua própria identidade.

5.11 A criança e o esporte

Não foram muitas as matérias esportivas que enfocaram crianças e jovens. Eles acabaram recebendo maior destaque apenas depois que o Rio de Janeiro foi eleito sede das olimpíadas de 2016, pois a partir desse momento muitos jornais começaram a procurar talentos que poderiam ser evidência nas olimpíadas a ser realizada no Brasil. Foi nesse momento que surgiram uma série de reportagens trazendo os jovens talentos do esporte brasileiro.

O jornal *O Estado de S.Paulo* foi um dos que trouxe em suas edições uma série de reportagens sobre esses jovens. Na edição de 04 de outubro de 2009 apareceram imagens que davam destaque a garotos e garotas com grandes chances de brilhar nas olimpíadas brasileiras.



RAUL TOGNI – Aposta é na mudança do jogo da seleção de basquete



STEPHAN BARCHA – Jovem cavaleiro se preocupa com o apoio até 2016



FLÁVIA GOMES – Campeã mundial sub-17 espera estar no auge no Rio



RENAN – Sem posição definida, ele espera chegar à seleção de vôlei

Essas imagens mostram os jovens em seus respectivos esportes. A primeira foto apresenta o jogador da seleção sub-17 de basquete Raul e enfatiza a ação e a identificação de quem é o menino, pois é através da ação dele que descobrimos qual esporte ele pratica, além disso a fotografia nos ajuda a identificá-lo. Percebe-se que a imagem foi capturada durante o jogo da seleção brasileira e que o garoto mostra-se bastante concentrado na partida.

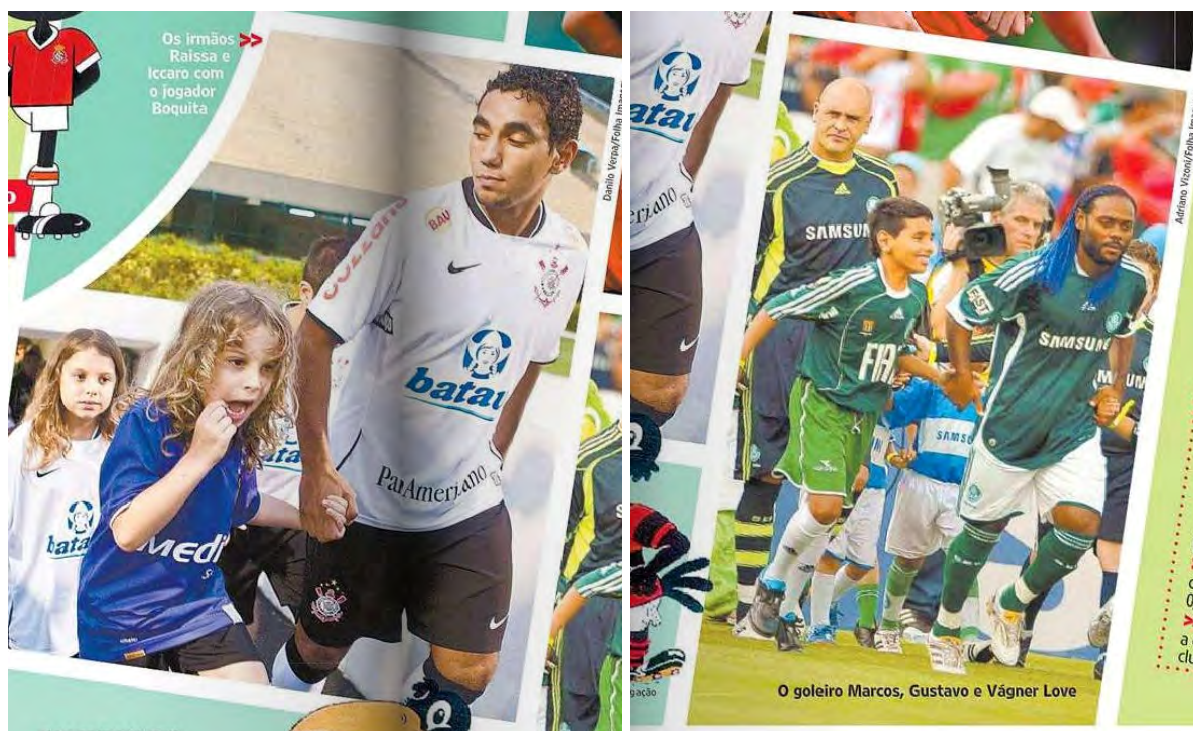
A foto seguinte apresenta Stephan Barcha um jovem cavaleiro que também tem grandes chances de disputar as olimpíadas que serão realizadas no Brasil. A imagem mostra o menino em uma de suas competições de hipismo e o enquadramento dá a sensação de movimento para imagem.

A penúltima foto mostra a judoca Flávia no pódio após ter conquistado o título de campeã mundial na categoria sub-17. A menina aparenta estar feliz e a legenda confirma a intenção da mesma em participar dos jogos olímpicos de 2016.

A última fotografia mostra o jovem Renan que luta por uma vaga na seleção brasileira. A expressão do garoto mostra-o como uma pessoa que tem garra e que sabe onde quer chegar. Essa, assim como as outras imagens, tem o jovem como personagem principal da cena e enfatiza tanto a ação quanto a apresentação dessa talentosa pessoa. Além disso, as imagens buscam identificar esses jovens, além de ilustrar a matéria.

De forma geral, podemos afirmar que nesses casos de esportistas mirins e juvenis não há diferença no tratamento dado às fotografias que os retratam em comparação com as imagens de esportistas adultos. Acompanha-se a estrutura do jornalismo visual esportivo: identificar o atleta ou construir ação que melhor represente seu momento.

O caderno *Folhinha*, do jornal *Folha de S.Paulo*, trouxe na sua edição do dia 05 de dezembro de 2009 fotos de crianças que entraram, juntamente com os jogadores do time para qual torcem, no estádio antes do início da partida e a matéria relatava essa experiência.



As imagens, por fazerem parte de um caderno destinado a crianças, foram dispostas de maneira irregular na página do jornal e diversas ilustrações foram utilizadas para dar um ar mais infantil ao caderno.

Basicamente as fotos mostram as crianças entrando em campo com seus ídolos. Nas duas últimas imagens é possível observar a felicidade delas ao adentrarem o campo. É interessante para a criança ver-se fazendo parte de um mundo muitas vezes dominado pelos adultos, além disso, as imagens evidenciam que elas, desde pequenas, já são influenciadas por seus pais e por toda a sociedade a desenvolverem o gosto pelo futebol.

Além dessas imagens, o jornal *O Dia* realizou uma série de reportagens com crianças da periferia do Rio de Janeiro que mesmo passando por sérias dificuldades conseguem ser campeãs sulamericanas em suas categorias. A matéria destaca a vida sofrida enfrentada por esses meninos e o descaso do governo em relação aos seus talentos.

No dia 02 de março de 2010 o jornal publicou a seguinte imagem:



Aparecem na fotografia as três crianças com seus quimonos, exibindo suas medalhadas. Em primeiro plano está o menino, que faz cara de bravo, ao lado está a irmã mais velha que exhibe uma de suas medalhas e ao fundo está a outra irmã mais nova, esta última, por sua vez, não está olhando para a câmera e também segura nas mãos suas medalhas.

A imagem destaca as crianças que, apesar de serem pobres, conseguiram conquistar diversos títulos lutando judô. A foto as apresenta em perspectiva e tem a intenção de mostrar para a sociedade essas crianças que servem de exemplo para muitos outros brasileiros. Embora com relativa autonomia de significação, para compreender a informação passada com a fotografia é necessário que se leia a legenda, fazendo com que a leitura seja temporalizada. Apesar da foto não ter como intenção principal valorizar o estético, o fotógrafo mostrou-se preocupado com a aparência estética da imagem ao pedir que os jovens posassem para a câmera, seguindo orientações de enquadramento em perspectiva.

No mesmo dia foi publicada outra imagem de uma das irmãs exibindo sua vasta coleção de medalhas.



A menina está sorrindo e as exibe com orgulho. O número de conquistas de Tainara é grande tanto que suas mãos e seu pescoço encontram-se repletos de condecorações. A foto foi tirada dentro da casa da garota e ao observar o ambiente em que eles vivem confirma-se a situação de pobreza em que a família se encontra. O fotógrafo tenta contrastar o ambiente humilde em que a criança vive às inúmeras conquistas que ela conseguiu, mesmo tendo de ultrapassar todas as adversidades encontradas no caminho, diferentemente da imagem anterior.

Depois de algumas edições mostrando essa família o jornal informou que no dia 09 de março de 2010 as crianças conseguiram receber do governo uma bolsa auxílio de R\$ 250,00 por mês. O *O Dia* acompanhou o recebimento dessa bolsa realizado pessoalmente pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva.



Eduarda, 11 anos, recebe abraço de Lula: 'Minhas mãos suavam', disse ela



Imã mais velha, Tainara, 12, também vai receber ajuda de R\$ 250 por mês



As imagens mostram o presidente abraçando cada uma das crianças, sendo que na primeira ele mostra-se profundamente emocionado com a situação. As crianças também parecem felizes com a conquista da bolsa atleta que irá ajudá-las no orçamento da casa.

Ao mostrar essas crianças o jornal apresenta o exemplo de superação dessa família, pois elas conseguiram ultrapassar todas as adversidades e tornaram-se campeãs no esporte que escolheram seguir. É importante destacar as conquistas das crianças, pois assim a sociedade consegue enxergá-las não apenas como um grupo que depende de cuidados, mas como pessoas que também fazem a diferença com suas atitudes.

Além disso, ligar as crianças ao esporte nas matérias é uma ótima forma de incentivar que elas pratiquem atividades físicas. Não podemos deixar de registrar, no entanto, nossa preocupação com essa tendência de somente localizar em casos de superação e sucesso aspectos positivos, como se todas as demais crianças das camadas mais desfavorecidas da sociedade fossem fracassadas em sua “insignificância” artística ou esportiva.

5.12 O lado lúdico da infância

As atividades normais e cotidianas de crianças recebem atenção nos cadernos infantis dos principais jornais. Brincadeiras, diversão e contos de fadas fazem parte do universo infantil e os jornais analisados também deram destaque a essas situações em suas imagens, tentando resgatar o lado lúdico que as crianças trazem consigo. Muitas fotografias buscaram representar as brincadeiras e fantasias.

O jornal *O Estado de S.Paulo* publicou em sua edição do dia 09 de outubro de 2010 um caderno especializado em oferecer dicas de lugares para os pais levarem seus filhos. Para

que o guia apresentasse um ar mais infantil, foram publicadas diversas fotos de meninos e meninas.



Nessas imagens as crianças aparecem com fantasias de seus personagens favoritos. A menina está com a roupa da Branca de Neve e aparece sorrindo para a câmera. O enquadramento aberto possibilita a visualização de todo o corpo da criança. Há um balão de fala semelhante aos que aparecem nos gibis (livro bastante popular entre os integrantes desse

que houve uma grande preocupação com o seu valor estético e que ela tentou trazer o lado divertido característico da infância para aquela composição.

A criatividade infantil também foi mostrada pelo jornal. Outra matéria apresentada no Estadinho do dia 28 de novembro de 2009 apresentou algumas crianças que se destacaram ao criarem histórias em quadrinhos na internet.



Elas aparecem ao lado do autor Maurício de Souza e exibem em suas mãos bonecos de seus personagens favoritos. A imagem é posada e todos olham diretamente para câmera, além disso, tem a intenção de ilustrar a matéria que foi passada e identificar as crianças que participaram do projeto *Gibi Virtual* (em que através do site do Maurício de Souza é possível criar diferentes histórias em quadrinhos). As falas dos personagens estão dispostas em balões típicos dos gibis e para que a imagem seja compreendida é necessário lê-los. Com essa foto o jornal mostra que as crianças são criativas e podem escrever boas histórias.

A *Folha de S.Paulo* do dia 11 de janeiro de 2010 publicou em sua edição a imagem de uma criança brincando no mar de Maresias. O menino encontra-se de braços levantados para o ar e abertos como se estivesse jogando água para cima e, ao seu redor, ainda é possível ver a espuma formada pelas ondas. Não há como identificar quem é a criança, pois a fotografia foi tirada contra o sol o que fez com que seu rosto não ficasse nítido e, dessa maneira, esse garoto representa muitos outros meninos e meninas que estão aproveitando para se divertir nas praias paulistas durante essa época do ano.



Percebe-se ao observá-la que o fotógrafo teve preocupação com seu valor estético, para que dessa forma conseguisse mostrar a brincadeira realizada pelo menino, fazendo com que a foto não apresentasse muitas informações e apenas ilustrasse a informação passada na legenda. Por fazer parte da capa do jornal, torna-se importante que seja uma figura esteticamente bonita e que represente as outras crianças que estão em situação semelhante àquela.

A fantasia e os contos de fadas também foram apresentados pela *Folha de S.Paulo*. Na edição do dia 04 de outubro de 2009 ela publicou, no caderno *Cotidiano*, uma matéria sobre o aumento salarial oferecido aos professores do ensino infantil. Nessa reportagem foi publicada uma foto em que aparecia um educador ao lado de suas alunas vestidas com fantasias de princesas, coroas e colares. Uma das meninas estava no colo do professor e sorria para ele como se estivessem se divertindo e em sua mão havia uma maçã vermelha que faz referência à história da Branca de Neve. Essa é uma imagem bastante colorida, uma das características das fotos que procuram mostrar o lado alegre da infância, e o personagem principal é Cristiano, no entanto, as meninas estão presentes na imagem para reforçar a profissão de educador do rapaz, além de mostrar que é possível ter um homem trabalhando com crianças.



» **MINORIA**
Caso raro no país, Cristiano Costa, 36, é um dos educadores das 140 crianças do colégio Grão de Chão, no bairro da Água Branca, em São Paulo; de acordo com relatório da Unesco, apenas 2% dos profissionais de educação infantil no Brasil são homens Pág. C4

O mesmo jornal no dia 16 de janeiro publicou no seu caderno *Folhinha* uma matéria sobre as brincadeiras que poderiam ser desenvolvidas em casa durante o período de férias. Foram citadas brincadeiras em que as crianças personalizavam camisetas e decoravam mini-bolos. As fotos abaixo ilustravam a matéria.



LA MANCINI, CAMILLA COSTA E GABRIELA ROMEU

zoom: x2

o nada
te

rtá-la, colar
para tecido.
a camisa com o
is a secar. O melhor
instrumento.

Marcado Justo Folia Imagem

Victor, 10,
Arthur, 7,
Giuliana, 9, e
Clara Maria, 9,
vestidos com
as camisetas
que criaram
para o clubinho



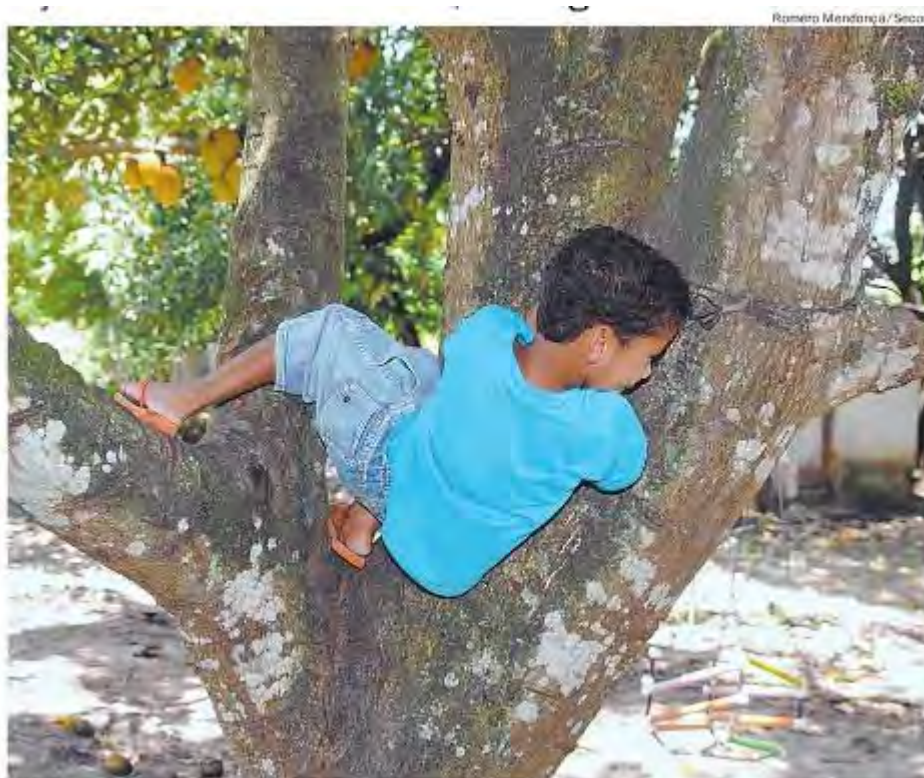
A primeira fotografia mostra um grupo de crianças felizes com as camisetas que estamparam como uniformes para seu clube de amigos. Aparentemente esta é uma foto posada, pois a maioria das crianças olha na direção da câmera e temos a impressão que o repórter pediu para que eles vibrassem no momento em que ela foi capturada, pois o menino da ponta esquerda parece sorrir forçadamente. O enquadramento utilizado possibilita que os leitores vejam o corpo inteiro dos personagens, dando destaque às camisetas customizadas.

A segunda imagem mostra três garotas decorando mini-bolos, todas vestem lencinhos coloridos na cabeça e avental, o que caracteriza o ato de cozinhar. Na mesa há diversos confeitos e forminhas coloridas e é possível observar que elas estavam colocando calda em um bolo no momento em que a foto foi tirada, por esse motivo somos levados a crer que a imagem enfatiza a ação das meninas. Ao lado há uma fotografia de uma menina provando um dos bolinhos feito pelas amigas, esta apresenta uma cara engraçadinha, pois está com um biquinho sujo da cobertura do doce. Não tem como saber se a menina gostou ou não, pois sua feição não é bem clara.

As imagens acima servem para ilustrar a matéria dada pelo jornal e é possível observar que não trazem muitas informações, valorizando mais o conteúdo estético. Houve uma

preocupação do fotógrafo em mostrar o lado alegre das crianças fazendo com que se mostrassem felizes e utilizando cenários coloridos que enfatizam essa alegria atingida através das brincadeiras. Cores, enquadramento, encenação, movimento, etc. são traços de uma estética da criança feliz típicas deste tipo de jornalismo (cadernos infantis).

O *Jornal do Brasil* do dia 01 de novembro de 2009 apresentou uma matéria em que falava sobre os riscos de certos tipos de brincadeiras e sobre o grande número de óbitos acidentais que vem ocorrendo no Brasil. Essa reportagem tem como objetivo alertar os pais sobre os perigos enfrentados dentro de casa e para isso trouxe a imagem de um menino em cima de uma árvore.



A imagem mostra uma criança em cima de um tronco de uma árvore, aparentemente uma cena comum de ser vista, mas no contexto da matéria faz com que o leitor veja essa atitude de forma mais cautelosa, visando chamar a atenção dos pais, pois brincadeiras como essa são perigosas. Não é possível identificarmos quem é a criança da fotografia, mas ela representa muitos brasileirinhos que se divertem dessa maneira. Note-se como a estética da imagem já é bem diferente das anteriores, inclusive na apresentação física do menino.

Apesar de alertar os pais sobre os riscos ocasionados por esse tipo de diversão, o jornal mostra na imagem uma brincadeira tipicamente infantil e a fotografia é utilizada para reforçar a ideia expressa na matéria, já que é evidente o risco de queda desse menino.

Crianças que moram em favelas raramente foram mostradas em cenários que não remetessem à fome, pobreza e violência. No entanto, o *Jornal do Brasil* do dia 05 de novembro de 2009 publicou uma matéria falando sobre a maneira como as crianças que moram nos morros do Rio de Janeiro comemoraram o dia da favela.



ALEGRIA – Crianças do Morro da Esperança fizeram atividades de desenho e pintura com orientadoras

Nessa imagem aparecem diversas crianças se divertindo sentadas embaixo da sombra de uma árvore orientadas por alguns monitores. Mostrar que as crianças que vivem na favela também possuem momentos de lazer e brincadeiras é importante para que os adultos e as outras crianças compreendam que naquele ambiente não existe somente violência e que as pessoas que ali moram, assim como todas as outras pessoas, buscam se divertir e viver sua infância da mesma maneira que os filhos de pais da classe média e alta. No entanto, não deixa de ser relevante o fato de que a brincadeira orientada foge do padrão de naturalidade das brincadeiras, já que tudo parece ser excessivamente controlado.

5.13 Crianças como adultos

Outro grupo de imagens identificado na análise dos jornais no período é o que representa crianças como adultos ou com comportamento muito próximo do de adultos.

O Estado de S.Paulo mostrou na edição do dia 13 de janeiro de 2010 a imagem de uma menina sentada em uma loja de móveis lendo uma revista.



Essa cena por si chama a atenção, pois a garota está sentada como se fosse uma mulher já adulta e esse foi o valor-notícia que fez a foto ser publicada pelo jornal. Com pouco vínculo com qualquer notícia, a imagem foi reproduzida em um espaço destinado a fotos de cenas inusitadas, curiosas ou esteticamente diferenciadas.

O mesmo jornal trouxe outra imagem de criança que tinha um comportamento parecido com o dos adultos. Ela foi publicada no dia 19 de dezembro de 2009 no caderno *Estadinho* e mostrava a imagem de duas crianças ao lado do apresentador Marcelo Tas.



A menina e o menino vestem roupas tipicamente adultas, o terno e a gravata deram um ar de mais velho ao garoto, mesmo efeito causado pelo vestido branco comportado de mangas

da menina. A posição das mãos e a pose dos dois contribuem para intensificar a ideia de que esses jovens buscam parecerem mais velhos.

O jornal *O Dia* de 11 de fevereiro de 2010 também publicou a imagem de uma menina de 7 anos que foi rainha de bateria da escola de samba Viradouro. Nessa foto, a menina aparece em frente à bandeira da escola fazendo uma das poses típicas das mulheres que ocupam esse posto. Sua vestimenta evidencia a tentativa da garota em assemelhar-se às outras rainhas de bateria, causando polêmica entre os que veem essa imagem, já que muitos entendem que ela está tentando ultrapassar sua infância e buscando ingressar no mundo adulto, induzida pelo comportamento de adultos que compactuam com sua “vocação”. Evidentemente a pol  mica está pautada em questões de sexualiza  o precoce e em rela  o (indireta) com explora  o sexual/pedof  lia. Além disso, foram discutidas as consequências emocionais que a responsabilidade de um posto como esse pode causar em uma criança caso ela não saiba como lidar com isso.



Mostrar as crianças como se fossem adultos faz com que se deixem de lado as características particulares dessa faixa etária, além de instigar meninos e meninas a viverem da mesma forma que as pessoas mais amadurecidas. Além disso, faz com que as crianças não se sintam bem representadas nas imagens, pois ao observ  -las acabam encontrando apenas mini-adultos e não verdadeiras crianças. Evidentemente devemos considerar de forma diferente as imagens publicadas que contribuem para a forma  o e explora  o da imagem desses mini-adultos e as imagens que estão no contexto de crítica a tal explora  o. Ou seja, o jornalismo está a promover ou denunciar a criança na situa  o de adultos, embora nos dois

primeiros exemplos deste grupo de imagens não corresponda a nenhum uso nesse sentido a menina lendo apenas produziu uma imagem um pouco inusitada e a segunda apenas é um jogo de representação sem prejuízo algum para as crianças, inclusive com Marcelo Tas mais adequado a um personagem de programas infantis do que seu atual papel no programa humorístico CQC, a última foto visa levantar a questão da sexualização infantil.

5.14 A idealização da criança.

Ao longo do estudo muitas imagens apresentaram as crianças de forma idealizadas, mostrando crianças lindas, angelicais, bem vestidas. Foram encontradas inúmeras fotos desse tipo nos jornais analisados e seguem algumas dessas imagens.



APRENDER BRINCANDO - Criança no berçário da escola Pequeno Reino, que terá 10 vagas a mais para bebês em 2010, aproveitando o espaço deixado pela saída dos alunos de 6 anos

13

¹³ Imagem publicada no Jornal O Estado de S.Paulo no dia 01 de janeiro de 2010.



Como é possível observar a maioria das imagens que idealizam a criança mostra meninos e meninas brancos, muitas vezes loiros e de olhos azuis. Essas imagens ilustram as reportagens e não agregam nenhuma informação relevante, já que têm a intenção apenas de mostrar a criança. Dentre as inúmeras imagens que buscaram destacar a inocência e idealizar a infância, apenas uma apresentou uma criança negra. Essa imagem estava presente em uma matéria que falava sobre a escolha de uma menina negra para participar da campanha da grife Trousseau Petit, ou seja, a notícia era justamente ela ser negra. Detalhe para o fato dela ter olhos verdes.



¹⁴ Imagem publicada no Jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 09 de outubro de 2010

¹⁵ Imagem publicada no Jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 09 de janeiro de 2010

¹⁶ Imagem publicada no Jornal *Folha de S.Paulo* no dia 02 de outubro de 2010

Ao publicar incessantemente imagens de crianças idealizadas os jornais fazem com que as outras crianças que veem essas fotografias não se sintam representadas por aqueles meninos e meninas, fazendo com que não se identifiquem com o que está sendo transmitido pela reportagem. Essa identificação torna-se ainda mais difícil quando a criança é negra, já que a maioria das vezes em que uma criança negra aparece possui características particulares e difíceis de serem encontradas na maioria da população dessa etnia, além do mais a maior parte das vezes que uma criança negra aparece no jornal tem ligação com cenários de violência.

5.15 A representação das minorias

Crianças portadoras de necessidades especiais, portadores de HIV e indígenas, por exemplo, foram poucas vezes retratadas pelos jornais. Desses grupos o que teve um pouco mais de representatividade foi o dos portadores de necessidades especiais.

O Estado de S.Paulo publicou nas edições dos dias 08 e 15 de novembro de 2009 imagens onde apareceriam algumas crianças indígenas.



FOCO – Dizia que os indígenas vinham cuidando mais do seu patrimônio



MUDANÇA À VISTA – Menino carrega jabuti perto de onde ficará a usina

A primeira imagem apareceu em uma matéria em que afirmava que os índio Korubos haviam desenvolvido uma habilidade incrível de conseguir aparecer nos mais importantes jornais e nos documentários de grandes cineastas. Essa imagem confirma a informação de que esses indígenas têm grande habilidade em se posicionar e aparecer na mídia. Podemos observar que todos vestem roupas e acessórios típicos, o homem mais velho parece estar colhendo alguma espécie de planta, enquanto o garoto olha sorridente e, ao mesmo tempo timidamente, para a câmera.

¹⁷ Imagem publicada no Jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 20 de novembro de 2010.

A segunda fotografia faz parte de uma matéria que fala sobre o medo dos índios que vivem à margem do Rio Xingu de ficar sem alimentos com a instalação da usina Belo Monte. Segundo a matéria, com a instalação dessa hidrelétrica as águas do rio serão desviadas e a tribo tem grandes chances de enfrentar inúmeras dificuldades, já que o rio é uma das principais fontes de sobrevivência do local.

A imagem mostra um pequeno indiozinho com o corpo pintado e olhando diretamente para a câmera ao trazer em seu ombro um jabuti. A idéia dessa imagem é ilustrar a matéria e, ao mostrar uma criança como um dos afetados com as mudanças que ocorrerão no local, compõe a ideia de que se trata de algo que atinge o futuro.

O grupo de crianças portadoras de necessidades especiais também apareceu algumas vezes nos jornais. Em 4 edições há imagens dessas crianças. A primeira imagem foi publicada pelo *Jornal do Brasil* no dia 05 de outubro de 2009. Ele trazia uma matéria sobre a integração de portadores de necessidade especiais em turmas regulares nas escolas públicas a partir de janeiro de 2010.



INTEGRAÇÃO – Fernanda estuda desde a alfabetização em classe regular na Escola Senador Corrêa

A matéria trazia a imagem de Fernanda, uma estudante com síndrome de down que desde sua alfabetização frequenta a escola regular. A menina sorri para a câmera e mostra-se feliz, o que leva o leitor a acreditar que ela gosta de poder estudar em uma escola como essa. Ao fundo podemos ver diversas crianças que estudam com Fernanda e constatamos, pela existência de várias carteiras, que essa foto foi tirada no interior da sala de aula. A fotografia

ênfatisa a personagem portadora de necessidades especiais e tem a função de reforçar a ideia de que é possível uma criança com deficiência estudar junto de outras que não sofrem desse mesmo problema. A naturalidade da composição contribuiu para a adequação da imagem para o tema, provavelmente porque há um cuidado especial para lidar com esse assunto, provocando uma reflexão em cada passo no processo de produção, seleção e aplicação das imagens.

Outra imagem foi publicada na *Folha de S.Paulo* do dia 27 de novembro de 2009 em uma matéria que tratava da dificuldade de uma mãe, cujo filho possui síndrome de down, em conseguir encontrar uma escola regular que o aceitasse. A imagem teve a intenção de identificar a criança e mostrava o menino sentado em um sofá recortando figuras de uma revista.



Nesse caso, o jornal levanta a questão do preconceito sofrido por esses meninos e meninas e leva o leitor a refletir sobre esse ato maléfico. A imagem mostra Felipe como uma criança feliz e com direitos iguais aos das outras crianças. Dando ênfase para a atividade do garoto e não para os traços físicos que o identificam um portador da síndrome, o jornal reafirma a ideia de que esse menino merece ser tratado como outros da sua idade e de que o preconceito sofrido por ele deve ser combatido.

Outro assunto pouco tratado no período e que envolvia crianças foi a situação das que eram portadoras do vírus HIV. A *Folha de S.Paulo* tratou desse assunto, mas mesmo assim

não existiu nenhuma matéria que debatesse a situação das crianças com HIV, pois foram mostradas apenas imagens de meninos e meninas portadores do vírus sendo abraçados por alguns artistas.

Essas imagens faziam parte de uma campanha do fotógrafo Marcelo Mendonça, em que 24 artistas foram convidados para posar abraçados a crianças aidéticas para um calendário que teria sua renda convertida a uma instituição que cuida desses garotos. As fotografias são muito bonitas, pois mostram os artistas os abraçando sem preconceito, o valor artístico das imagens é o principal, no entanto, deixa-se de discutir outros aspectos que envolvem essas crianças e jovens.



É importante também mostrar nos jornais crianças diferentes das que estamos acostumados a ver, é necessário falar sobre temas como o preconceito, pois ao mostrar imagens de garotos que são vítimas da discriminação é possível fazer com que a sociedade reflita sobre esse assunto e busque alternativas para acabar com ela.

5.16 A mistura brasileira

Sabemos que no Brasil há uma grande mistura de etnias que dá origem ao povo brasileiro. Somos uma mistura de europeus, africanos, orientais e indígenas e essa possibilitou a formação de pessoas com características totalmente singulares.

Refletir sobre essa miscigenação é importante, pois é o que faz com que os brasileiros sejam tão diferentes e, ao mesmo tempo, semelhantes uns dos outros. O jornal *O Dia* de 07 de março de 2010 trouxe uma matéria em que falava sobre esse assunto. A reportagem mostra imagens de crianças que são frutos dessa miscigenação com seus pais.



Marcelo é confundido com gringo no Rio. De seu casamento com Cinthia, de traços indígenas e negros, nasceu a filha Marcela

A primeira foto mostra Juliana, uma menina cujo pai é descendente de negros com índios e a mãe é neta de portugueses. Nesse caso a criança é o personagem principal da

imagem, tanto que ela encontra-se no primeiro plano, enquanto os pais estão em segundo. Ao colocar a menina no meio dos dois, procura-se mostrar que ela é o fruto dessa mistura e possibilita que o leitor encontre traços em comum entre eles.

A segunda imagem apresenta Marcela, uma criança fruto do casamento entre Marcelo (descendente europeu) e Cinthia (descendente de índios e negros). A criança encontra-se sentada no colo da mãe. Assim como na foto anterior o seu objetivo é identificar o fruto da miscigenação que originou as características do povo brasileiro.

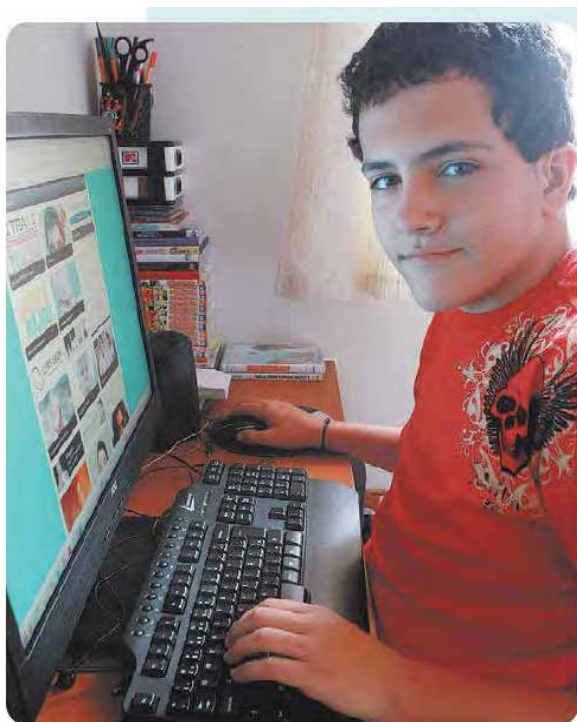
5.17 Crianças e tecnologia

Foram encontradas diversas imagens de crianças fazendo uso de objetos tecnológicos, principalmente do computador. Isso é um reflexo do domínio que essa nova geração tem das novidades dessa área.

O jornal *O Estado de S.Paulo* publicou na edição do dia 12 de outubro de 2009 uma matéria que falava sobre a facilidade que crianças e adolescentes têm em lidar com a internet.



Essa imagem mostra as gêmeas de 10 anos Lana e Raissa que desde os 5 anos estão em contato com o computador e com a internet. Ambas estão em frente ao PC com telefones no ouvido, o que nos leva a crer que ao mesmo tempo em que navegam pela web as meninas têm o costume de falar ao telefone. As duas encontram-se em perspectiva e aparecem com blusas iguais, o que faz com que o leitor perceba mais facilmente suas semelhanças. A foto busca mostrar as crianças que desde cedo tiveram contato com o computador e hoje, apesar da pouca idade, conseguem lidar muito bem com ele.



A foto seguinte mostra Henrique em frente ao PC e também tem a intenção de apresentar o garoto que aos 13 anos domina muitos recursos da internet.

O jornal *O Dia* de 14 de dezembro de 2009 trata sobre a aplicação de golpes em estudantes na internet. Foram publicadas as seguintes imagens:



Gerente de LAN, Karem vigia adolescentes como Gabriel, que passa 5 horas diárias em frente à tela



Perfil no Orkut clonado gerou constrangimento na família de Carina; hacker alterou dados e enviou mensagens pornográficas para amigos e primo, que recebeu falsas instruções

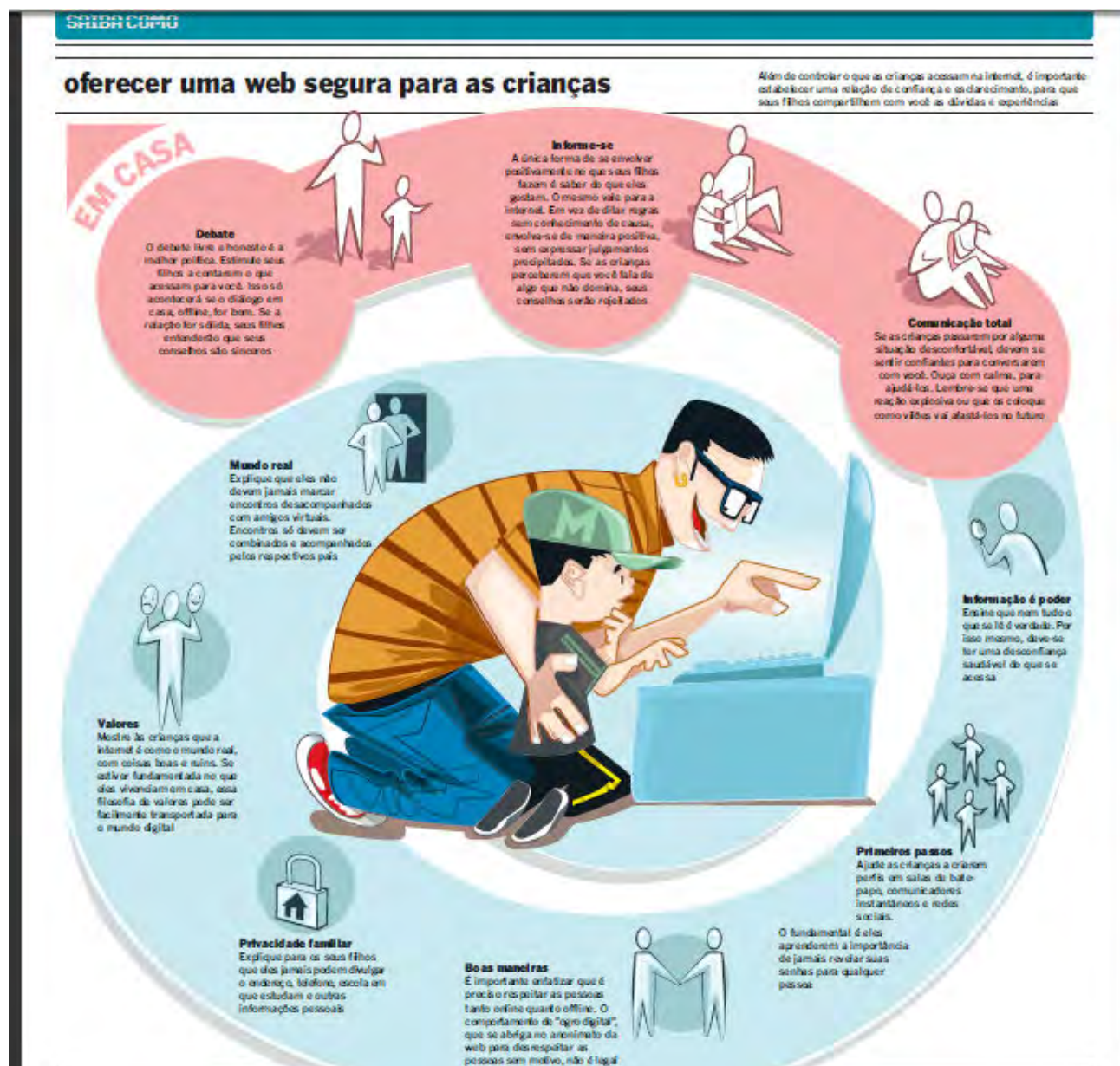


Luciano: dezenas de pessoas conhecidas na rede

Em todas as imagens os jovens aparecem em frente às telas de computadores e esse tipo de foto tornou-se um clássico quando pretende ilustrar e apresentar pessoas que utilizam com frequência esse aparelho em reportagens sobre o assunto. O enfoque positivo ou negativo, problematizando alguma questão comportamental, depende da leitura de títulos, legenda ou matéria.

Mesmo em uma imagem que parte para o recurso de infografia que tem por base ilustração e não fotografia, pouco diferencia aspectos positivos de negativos. Ao retratar o vasto uso da internet pelos jovens o jornal evidencia a facilidade que esse público tem para utilizar os aparelhos da tecnologia, mas também leva os pais a pensarem em alternativas para

que seus filhos utilizem sites com segurança. Foi exatamente isso que uma ilustração mostrou no jornal *O Estado de S. Paulo* do dia 12 de outubro de 2009.



5.18 Crianças filhas de famosos

Diversas imagens mostraram os filhos e filhas de pessoas famosas ilustres e famosas da sociedade. Elas nem sempre são os personagens principais e muitas vezes só estampam as páginas dos jornais por serem filhas de quem são. Abaixo apresentam-se algumas dessas fotografias:



FOFURINHA— Maria Clara Magalhães Pinto (Ai, que bule-bule, gente!) é paparicada pelos papais, Luciana Meyer e Francisco Magalhães Pinto, em coquetel da grife Tucça, no Leblon

18



19



NASCE PRIMEIRA FILHA DE LUTADOR

■ Ai está Valentina, filha da jornalista da Record, Chris Berndt e do lutador de Vale Tudo Rogério Minotouro (na foto). A criança nasceu segunda-feira passada, dia

25, na Perinatal da Barra, com 3,355kg e 49 cm! Uma bebezona! Chris e Minotouro são só sorrisos: "Estamos muito felizes!", diz a mamãe de primeira viagem.

20

¹⁸ Imagem publicada no *Jornal do Brasil* no dia 04 de outubro de 2009.

¹⁹ Imagem publicada no *Jornal O Dia* de 16 de dezembro de 2009.



21

Essas imagens têm como objetivo identificar os filhos de pessoas famosas. Elas não agregam nenhuma nova informação e são, na maior parte das vezes, posadas. O público tem curiosidade em saber quem são os filhos dos artistas que costumam ver na televisão e por esse motivo as páginas dos jornais estão repletas de fotos como essas.

Durante o período de análise das imagens a atriz mirim Klara Castanho se destacou na novela das 21hs da Rede Globo e passou a estampar diversas páginas de jornal.



22



23

A maioria das fotos em que ela apareceu era posada e tinha a intenção de ilustrar as matérias que falavam sobre a atriz ou sobre sua personagem na trama. Como a garota é uma

²⁰ Imagem publicada no jornal *O Dia* de 02 de fevereiro de 2010.

²¹ Imagem publicada no jornal *O Dia* de 02 de março de 2010.

²² Imagem publicada no jornal *O Dia* de 14 de dezembro de 2009

²³ Imagem publicada no jornal *O Dia* de 09 de dezembro de 2009.

pessoa pública foi normal encontrar imagens dela durante o período em que a novela foi transmitida. Dessa maneira a garota foi incessantemente exposta pelos jornais, mas suas imagens pareciam ter consentimento dos pais, já que eram posadas.

5.19 Imagens de crianças na internet

Não existiam muitas imagens de crianças nos respectivos sites dos jornais analisados, isso possivelmente ocorreu por conta da instantaneidade exigida pelo meio on-line, já que para conseguir autorização para a publicação dessas imagens é mais difícil, isso pode ter dificultado a publicação de imagens de crianças no meio digital.

Durante o período analisado apareceram poucas imagens de crianças nos sites o que ocasionou uma diferença muito grande quando comparada ao número de imagens que apareceram nos veículos impressos.



Essa imagem foi a mesma apresentada no jornal impresso e tem a intenção de ilustrar a matéria em que fala sobre a falta de pagamento da pensão alimentícia do menino por parte do ator Dado Dolabella. A foto não traz nenhuma nova informação e coloca em evidência a criança.

²⁴ Imagem publicada no site do jornal *O Dia* no dia 02 de fevereiro de 2010.



25

Essa mesma imagem também foi publicada na edição impressa do jornal no mesmo dia. É interessante observar que os rostos das crianças não aparecem, mas colocá-las em frente a uma grade, marginaliza-as, pois as mostra na mesma posição em que ficam os adultos aos serem revistados por policiais.



26

²⁵ Imagem publicada no site do jornal *O Dia* no dia 08 de fevereiro de 2010.

²⁶ Imagem publicada no site do jornal *O Dia* no dia 13 de fevereiro de 2010.

A imagem seguinte mostra crianças durante o desfile da escola de samba Unidos da Tijuca e as mesmas apresentam fantasias que têm como objetivo representar o universo infantil. É possível constatar que elas vestem roupas coloridas e têm em suas mãos grandes bolas (um típico brinquedo das crianças brasileiras). Assim, a foto evidencia a participação desse grupo no carnaval do Rio de Janeiro.

Guarulhos faz píer na estrada para encarar cheia

Filipe Araújo/AE



Passarela improvisada sobre calçada submersa na Estrada Velha do Itaim, Guarulhos

27

Essa imagem também foi publicada na versão impressa do jornal e a criança é utilizada para sensibilizar o leitor em relação à situação enfrentada pelos moradores de um bairro pobre em Guarulhos. A foto pretendia enfatizar a passarela improvisada, mas ao colocar uma criança com aparência triste sentada nela, faz com que o leitor sinta-se ainda mais compadecido em relação àquelas pessoas.

²⁷ Imagem publicada no site do *Jornal da Tarde* no dia 06 de fevereiro.

6 OS JORNAIS E SUAS PARTICULARIDADES

Apesar de todos os jornais apresentarem muitas semelhanças, principalmente por utilizarem inúmeras imagens de crianças com o objetivo de sensibilizar e chocar o leitor para o problema que está sendo tratado, devido às diferenças editoriais e de público alvo, foi possível constatar algumas particularidades entre eles.

Dentre os jornais analisados o que apresentou o maior número de imagens de crianças foi o *O Dia* com 113 imagens, quase que diariamente apareciam esse tipo de imagem em suas edições. Por ser um jornal mais popular, foram muitas as fotografias publicadas que continham um apelo mais sensacionalista e que pretendiam chamar a atenção do leitor. Além disso, o jornal apresentou um grande número de fotos de filhos de celebridades, evidenciando o seu teor mais popular.

O jornal *O Estado de S.Paulo* ficou em segundo lugar em relação ao número de imagens publicadas (96 imagens), no entanto, mostrou-se mais preocupado em fazer um uso correto dessas imagens. Ele também apresentou em suas edições crianças indígenas e com necessidades especiais, evidenciando a preocupação em mostrar as minorias em seu periódico.

A *Folha de S.Paulo* publicou um número de imagens semelhante ao jornal acima citado (79 imagens), no entanto, foi ela que publicou o maior número de fotos em que apareciam crianças angelicais e idealizadas, além de apresentar muitas imagens que pretendia representar o universo infantil através de fotos que fizessem referência ao aspecto lúdico da infância.

Tanto a *Folha de S.Paulo* quanto *O Estado de S.Paulo* possuem cadernos especiais voltados para o público infantil, o que fez com que o volume de imagens que buscavam representar a criança fosse grande e essas apresentavam certa preocupação na maneira de representar esse grupo.

O *Jornal do Brasil* apresentou em suas edições imagens com teor mais crítico acerca dos problemas enfrentados pelos menores, além de muitas outras que retratavam o universo lúdico da infância. Foi esse o jornal que se mostrou mais preocupado em tratar os temas que afetam de forma negativa a vida das crianças. Ele apresentou 41 imagens durante o período analisado.

O *Jornal da Tarde* foi o que apresentou o menor número de imagens, apenas 23 imagens, e essas tinham apenas o objetivo de sensibilizar seus leitores, evidenciando o apelo mais popular do periódico.

Sendo assim, foi possível observar que apesar de todos os jornais buscarem representar as crianças, alguns, como o *Jornal da Tarde* e *O Dia* apresentaram imagens de cunho mais sensacionalista, buscando desse modo chocar o leitor. Porém apesar do *Estado de S.Paulo* e da *Folha de S.Paulo* apresentarem um pouco mais de preocupação em relação ao uso de imagens de menores, eles não deixaram de tentar sensibilizar seus leitores ao fazerem uso delas.

Logo, é válido destacar que, apesar de suas particularidades, todos os jornais tiveram como principal objetivo, ao utilizar a maioria das imagens, tocar e chamar a atenção de seus leitores para os assuntos tratados em suas matérias.

7 CONCLUSÃO

A partir das análises das imagens foi possível observar que a maioria das vezes em que apareceram imagens de crianças nos jornais, elas tinham como objetivo sensibilizar o leitor sobre o assunto tratado, já que elas têm a capacidade de chamar a atenção deste último mais rapidamente e, dessa maneira, o periódico consegue atentar com mais facilidade a sociedade sobre o assunto abordado. Para conseguir despertar o efeito desejado, frequentemente foram publicadas imagens sensacionalistas em que crianças eram expostas sem necessidade.

Também foi frequente o número de imagens de crianças em ambientes de pobreza, fome e violência. Sobre isso, vale destacar que quando se tratava desses temas, a maioria das crianças que apareciam nas imagens eram negras, pobres e que, principalmente, moravam em favelas, dessa maneira acaba-se criando a ideia de que é esse o perfil dos jovens que enfrentam esses problemas e o leitor acostuma-se a encontrá-los nesse tipo de fotografia.

Algumas imagens que falavam sobre o envolvimento de crianças com drogas e tratavam da violência sofrida por elas acabaram por marginalizar os jovens ao desfocarem seus olhos ou seus rostos. Esse tipo de técnica para a não identificação da criança não é positiva, pois acaba criando no leitor a impressão de que a imagem apresenta pequenos delinquentes. Logo, torna-se válida a busca por formas mais criativas para não identificá-las, buscando preservar a integridade moral dos menores.

Apesar da maior parte do corpus fazer menção aos temas acima citados, também foram encontradas imagens que buscavam retratar o lado lúdico da infância, para isso foram destacados cenários em que elas apareciam brincando e se divertindo, evidenciando, assim, a grande imaginação desse grupo, além de destacar os pontos positivos da puerícia. A maioria das crianças que apareceram nesse tipo de imagem era branca e normalmente da classe média-alta (apenas uma fotografia apresentou crianças que moram em uma favela em clima de descontração e brincadeira), isso acaba por agregar o valor de que são essas as crianças que costumam brincar e se divertir e renega-se, muitas vezes, a necessidade das crianças mais pobres de desfrutar do lado lúdico característico dessa faixa etária.

As crianças também apareceram, ainda que em menor número, em matérias de esporte e essas buscavam exaltar jovens que se destacavam no mundo esportivo. Essas imagens mostraram a criança como um ser que consegue superar suas adversidades e que, assim como os adultos, também persegue seus objetivos e os atinge através de muita luta e perseverança.

Esse tipo de fotografia faz com que a criança seja vista com mais respeito pela sociedade, já que as mostra como fortes e capazes de atingir o que buscam.

Reconhecer que o grupo infantil não é homogêneo é uma das necessidades dos jornais, pois os grupos minoritários (principalmente os indígenas, as crianças portadoras de necessidades especiais e aidéticas) apareceram pouquíssimas vezes, o que deixa de evidenciar a existência desses meninos e meninas, fazendo com que os problemas enfrentados por eles não sejam colocados em pauta e não despertem a atenção da sociedade para esse assunto. Sendo assim, é importante que os periódicos atentem para a publicação de temas que envolvem esses grupos de crianças, para que, assim, elas também possam se identificar ao observarem imagens de pessoas semelhantes a elas.

A aparição de imagens que idealizavam a criança foi constante, muitas edições traziam meninos e meninas brancas e de olhos claros. Essa excessiva idealização infantil faz com que as crianças que não apresentam essas características, ou seja, a maior parte, não se sintam representadas pelas imagens que veem publicadas, dificultando, desse modo, a criação de suas identidades, já que para isso tomam como base as imagens na mídia.

Também foi comum a aparição de imagens de crianças que são filhos de celebridades e em ambiente escolar, nesse último caso foi massivo o número de fotos de alunos em sala de aula ou com livros nas mãos. Essa exposição massiva de imagens semelhantes faz com que o leitor não despenda mais a atenção necessária para a interpretação daquela foto.

A forte ligação que os integrantes desse grupo possuem com as novidades tecnológicas foi largamente destacada em imagens que os traziam em frente a computadores e objetos eletrônicos, enfatizando a facilidade de adaptação deles ao mundo tecnológico e os mostrando superiores aos adultos nesse aspecto.

Sabendo da importância social das mídias e de sua interferência na vida privada das pessoas, vale destacar a necessidade dos jornais apresentarem os problemas enfrentados por esse grupo de pessoas. Entre os assuntos que poderiam ser mais abordados estão o trabalho infantil, a violência doméstica e os preconceitos. Com isso, a população seria levada a refletir sobre esses temas e poderia lutar por melhores condições de vida aos jovens.

Sendo assim, podemos concluir que a imagem da criança apresentada pela mídia sub-representa esse grupo, pois não possibilita que elas se identifiquem, já que as apresenta de maneira distorcida e idealizada, fazendo com que não possuam uma referência correta do grupo ao qual pertencem na sociedade.

Além disso, foi possível identificar alguns prejuízos na informação veiculada ao observar a pouca preocupação com a representação correta do público infantil, tornando

necessário chamar atenção dos meios de comunicação para a necessidade de publicarem imagens mais próximas da realidade das crianças.

Acreditamos que a análise de imagens de criança publicada por jornais de diferentes perfis contribui para a identificação do comportamento editorial na produção, seleção e utilização dessas imagens. Ao agruparmos as imagens segundo os temas mais recorrentes, procuramos dar visibilidade para as diversas formas e implicações na apresentação de crianças nessas imagens, quase sempre fotográficas. Procuramos evidenciar que o uso de cores, enquadramento, composição, cenários etc. estão presentes na construção ora narrativa, ora presentativa do universo infantil, trazendo algumas das questões que consideramos relevantes tanto para aqueles que planejam observar as imagens da mídia quanto para aqueles que investem na produção jornalística.

8 REFERÊNCIAS

- ALAJMO, Marco. **Des-informação e criança brasileira: considerações críticas sobre comunicação e conhecimento**. In: A criança no Brasil hoje – desafio para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1993.
- ANDI et al. **Mídia e educação: perspectivas para a qualidade da informação**. Brasília: ANDI, MEC, IAS, UNCIEF, NEMAP, FUNDESCOLA, CONSED, 2000.
- ANDI. **Infância na Mídia**. Brasília: ANDI, Ano 7, n.º 14, julho, 2005.
- ANDI. **Direitos, infância e agenda pública: uma análise comparativa da cobertura jornalística latinoamericana**. Brasília: ANDI, 2007.
- ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas: Papirus, 1993.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.
- _____. **O leitor número 69 ou o marco zero de um futuro Flusser**. In: FLUSSER, V. Língua e realidade. 3º ed. São Paulo: Annablume, 2007, p. 21-26.
- _____. **A volatilização do sangue: tipografia e imagem mediática, jogos e guerras, animação e anestesia, orientação e ocidentação**. In: BAITELLO JUNIOR, N., GUIMARÃES, L., MENEZES, J. E. de O. E PAIERO, D. (orgs). Os símbolos vivem mais do que os homens: ensaios de comunicação cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006. p. 11-24.
- _____. **As núpcias entre o nada e a máquina: algumas notas sobre a era das imagens**. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo (org.). Literatura e ceticismo. São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/arquivo101.htm> - acesso em 24 ago 2010.
- _____. **A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hackers Editores, 2005.
- _____. **A sociedade das imagens em série e a cultura do eco**. Revista Faro, ano 1, nº 2, s.d. Disponível em: http://web.upla.cl/revistafaro/n2/02_baitello.htm - acesso em 22 jun 2010.
- _____. **As imagens que nos devoram: antropofagia e iconofagia**. São Paulo: CISC, 2003.
- _____. **O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **As Quatro devorações. Iconofagia e antropofagia na comunicação e na cultura.** In: França, Vera/Weber, Maria Helena/Paiva, Raquel & Sovik, Liv (eds.). Estudos de Comunicação. XI Compós. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 49-58.

_____. **O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária.** São Paulo: CISC, 2002.

_____. **O olho do furacão. A cultura da imagem e a crise da visibilidade.** São Paulo: CISC, 2002.

_____. **Vítimas de um bombardeio de imagens. E da violência.** São Paulo: CISC, 1999.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O óbvio e o obtuso.** Lisboa: Edições 70, 1984.

BETH, Hanno e PROSS, Harry. **Introducción a la ciência de la comunicación.** Barcelona: Anthropos, 1987.

BONINI, Luci. **O uso da imagem da criança na mídia.** <Disponível em <http://lucibonini.blogspot.com/2008/04/o-uso-da-imagem-da-criana-na-mdia.html>>. Acesso em 10/11/2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRASIL, Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei n. 8069 de 13 de julho de 1990.

BRAUN, A. **Fotojornalismo** In: BALDESSAR, M. J. E CHRISTOFOLETTI, R. (orgs.). **Jornalismo em perspectiva.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2005. p. 123-130

BUCHT, Catharina; VON FEILITZEN, Cecília. **Perspectivas sobre a criança e a mídia.** Brasília: UNESCO, 2002.

BYSTRINA, Ivan. **Semiotik der Kultur: Zeichen – texte – codes.** Tübingen: Stauffenburg, 1989.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos da Semiótica da Cultura.** (Pré Print). São Paulo: CISC-PUC São Paulo, 1995.

CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecília von (Org). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

CORAZZA, S. **História da infância sem fim.** Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, Mayra Fernanda. **Infância e Mídia: reflexões sobre produtos culturais para crianças**. In: Revista Contrapontos, nº 2, set/dez, Itajaí, p. 645-656, 2007.

FERREIRA, J. C. F. ; PAIVA, B. M. e SALIN, C. de J. **Uma breve análise crítica da evolução do fotojornalismo**. In: Estação Científica Online, nº 4. Juiz de Fora, abr./mai. 2007. Disponível em:
<http://www.jf.estacio.br/revista/edicao4/ARTIGOS/EC04FOTOJORNALISMO.pdf> - acesso em 15 jul 2009.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

GIACOMELLI, I. L. **Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. Discursos fotográficos**, v. 4, nº 5: p. 13-36. Londrina, jul./dez. 2008. Disponível em:
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1924/1657> - acesso em 22 de mar de 2010.

GOMBRICH, Ernst H. **La imagen y el ojo**. Madri: Alianza, 1987.

GOMES M. M. **Identificação e aproveitamento de conteúdos sociais na recepção de telenovelas**. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Recepção, usos e consumos midiáticos”, do XVII Encontro da Compôs. São Paulo: UNIP, jun. 2008.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. O jornalismo visual e o eixo “direita-esquerda” como estratégia da imagem. Em: BAITELLO Jr, Norval; GUIMARÃES, Luciano; MENEZES, José Eugenio de Oliveira; PAIERO, Denise (orgs). **Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **A imagem e o retângulo: a binariedade dentro-fora no jornalismo de turismo**. Significação, v. 28, p. 69-91, 2007.

JANELA da alma. Documentário de João Jardim e Walter Carvalho, 2003.

KLEIN, A. **O sagrado em videoteipe: deslocamentos televisivos do espaço e do tempo na**

religião. In: In: BAITELLO JUNIOR, N., GUIMARÃES, L., MENEZES, J. E. de O. E. PAIERO, D. (orgs). Os símbolos vivem mais do que os homens: ensaios de comunicação cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 2006. p. 122-132.

MAKOWIECKY, S. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa.** In: Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, nº 57, dez. 2003. Disponível em: <http://www.cfhh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno57.pdf>. Acesso em 5 set 2009

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MARTINS, Luiz. **Ética na mídia em comunicação.** Brasília: Casa das Musas, 2003.

MENEGHETTI, Diego Pontoglio. **Dentro e fora da informação: a relação entre a proximidade e afastamento nas imagens técnicas do jornalismo on-line.** Trabalho apresentado no na Divisão Temática 1 – Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0238-1.pdf>> Acesso em: 05 jan 2010.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line.** São Paulo: Ed. Summus, 2003.

PONTE, C. **Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970 –2000).** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PONTE, C. **Imagens de crianças na imprensa de informação geral.** In: Anais do XXV Congresso Anual de Ciências da Comunicação. Salvador: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, 2002.

PONTE, Maria Cristina. **Quando as crianças são notícia.** Actas do Congresso Internacional Os Mundos Sociais e Culturais da Infância. Portugal: Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho. p. 330-339, 2000.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del Poder.** Barcelona: G. Gili, 1980.

PROSS, Harry. **La violencia de los símbolos sociales.** Barcelona: Anthropos.

SAMAIN, E. **O que (como) pensam as imagens?** De Gregory Bateson a Aby Warburg. 2007-2010. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/docentes/samain/index.htm> - acesso em 30 set 2010.

SAMPAIO, Inês. **Imagens da primeira infância na mídia.** IN: Simpósio Nacional “A Primeira Infância na Construção da Cultura de Paz”, I, 2004, São Paulo, Anais... Ceará: UFC, 1-10.

SAMPAIO, I. S. V. **Televisão, publicidade e infância.** 2.ed. São Paulo: Annablume, 2004.

SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA SILVA, M. A. de. **A utilização do conceito de habitus em Pierre Bordieu para a compreensão da formação docente.** Revista Extra-Classe, nº 1, v. 2, ago. 2008. Disponível em: <http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/483.pdf> - acesso em 5/2/2009.

SUGIMOTO, L. **Conjugando imagem, idéia e pensamento.** Jornal da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, jun. 2008. Disponível em: www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju397pag12.pdf - acesso em 20/4/2009.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna - teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Tradução Pedrinho A. Guareschi e outros. Petrópolis: Vozes, 1995.

VILCHES, Lorenzo. **La lectura de la imagen : prensa, cine, televisión.** Barcelona: Paidós, 1983.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística.** 2. ed. Barcelona: Paidós, 1993.

VILLAFANE, Justo e MÍNGUEZ, Norberto (1996). **Princípios de teoria general de la imagen.** Madrid: Pirâmide.

ZUNZUNEGUI, Santos. **Pensar la imagen.** Madrid: Cátedra, 1989.